

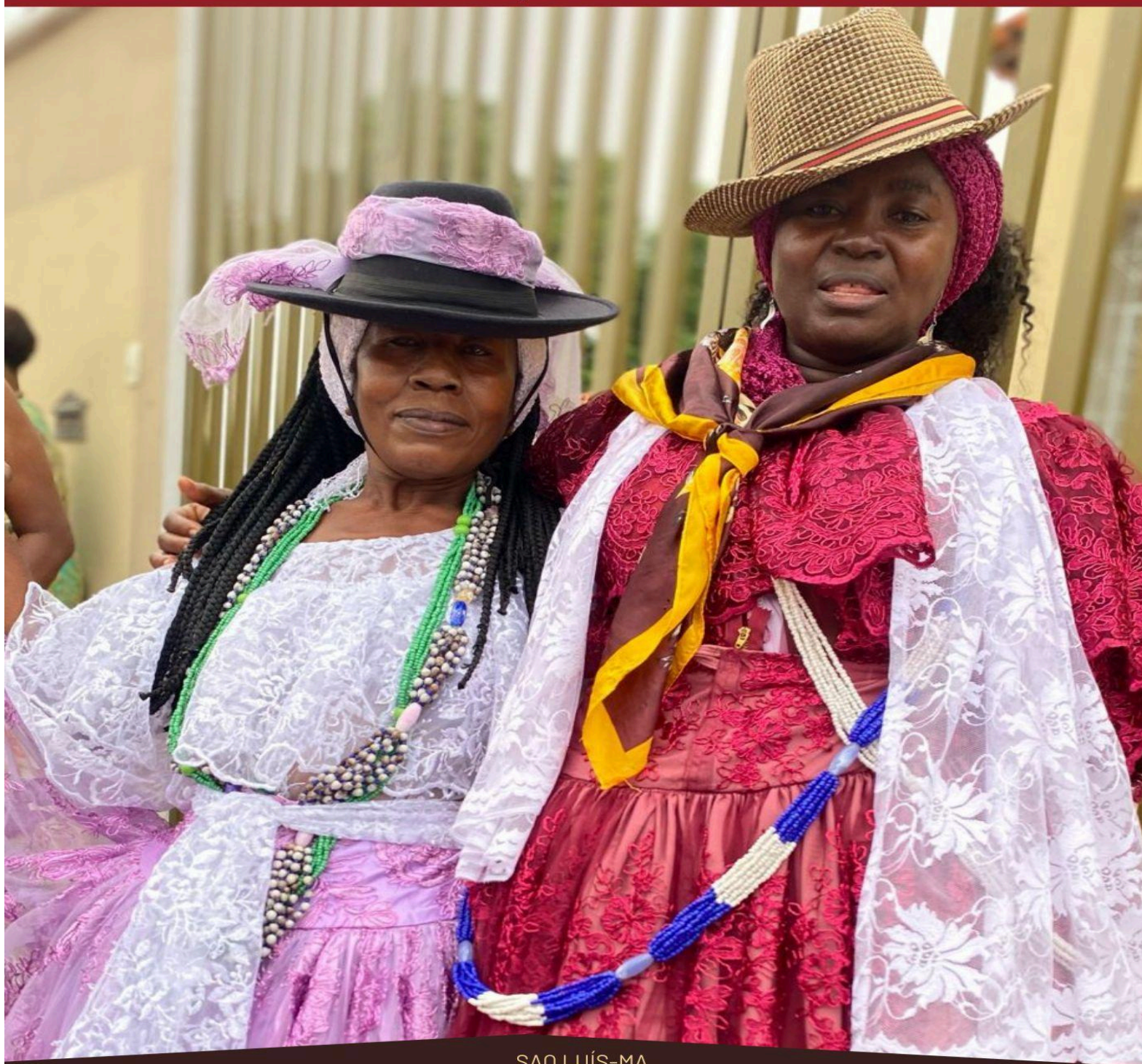


UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS- PGLETRAS



LARYSSA FRANCISCA MORAES PORTO

UM OLHAR SOBRE AS MATAS DE SEU LÉGUA: A ETNOTERMINOLOGIA DO TERECÔ, EM CODÓ-MA



SAO LUÍS-MA
2024

LARYSSA FRANCISCA MORAES PORTO

**UM OLHAR SOBRE AS *MATAS DE SEU LÉGUA*: a etnoterminologia do
terecô, em Codó-MA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, pela Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área do conhecimento: Descrição e análise do português brasileiro.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos.

São Luís-MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Porto, Laryssa Francisca Moraes.

UM OLHAR SOBRE AS MATAS DE SEU LÉGUA: : a
etnoterminologia do terecô, em Codó-MA / Laryssa Francisca
Moraes Porto. - 2024.

155 f.

Orientador(a): Georgiana Márcia Oliveira Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2024.

1. Léxico. 2. Etnoterminologia. 3. Terecô. 4.
Glossário. 5. Codó-ma. I. Santos, Georgiana Márcia
Oliveira. II. Título.

Foto: Okurín Alala
Capa: Laryssa Porto

UM OLHAR SOBRE AS MATAS DE SEU LÉGUA: a etnoterminologia do
terecô, em Codó-MA

LARYSSA FRANCISCA MORAES PORTO

Banca Examinadora

Membros titulares

Aprovado em: ____/____/____

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos - UFMA
(Orientadora)

Prof. Dr. Luís Henrique Serra - UFMA
(Examinador externo)

Profa. Dra. Theciana Silva Silveira - UFMA
(Examinadora interna)

Esta pesquisa é dedicada a Seu Légua Bojí Boá e a toda a sua família de encantaria, em especial, a Seu Manezinho, *meu velho companheiro*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os Encantados por não me deixarem sozinha no meu caminhar.

À mulher que segurou a minha mão e não soltou mais. Mãe, o que nos uniu é maior que nós mesmas.

À professora Georgiana Santos pela paciência, apoio e por não ter me deixado desistir.

Ao meu tio Edvaldo por sempre acreditar em mim, até mais que eu mesma.

Aos meus irmãos, sobrinhos e familiares pelo apoio incondicional.

A minha filha do coração, Jhaylla Francisca, meu amor por você é tão grande que não cabe no peito.

Ao GELMIC, em especial, Cláudio, Elenice, Matheus, Kristhian, Flávia e Israel.

Ao Coletivo Núcleo, em especial, à Darcya, por ter sido um guia em meu fazer científico e a Júnior, amigo de luta.

A todas as casas de Terecô que me receberam com muito amor e carinho.

Aos meus eternos colaboradores, o trabalho foi escrito por suas mãos também.

À dona Cláudia e sua família por terem me recebido em seu lar.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão.

À Daniela por todos os ensinamentos.

À Thayane pela ajuda imensurável e à Nádia- amiga de todas as horas de alento.

Por fim, agradeço a mim, que me perdi e me encontrei na grandiosidade do meu mar de mim.

RESUMO

O terecô, religião de matriz africana praticada, sobretudo, no interior do estado do Maranhão (Ferretti, 2007), foi proibido e sofreu inúmeras perseguições policiais, da igreja católica, no final do século XIX, e esses fatos obrigaram seus praticantes a realizarem seus cultos nas matas de Codó-MA, principalmente, na comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos. (Ferretti, 2007). Considerando essa afirmativa, o presente estudo possui um caráter etnográfico, qualitativo e descritivo com o objetivo principal de produzir um glossário etnoterminológico da linguagem¹ em contexto especializado de uso pelos terecozeiros em Codó-MA com a finalidade de compartilhar a visão de mundo desses terecozeiros. Como objetivos específicos, estabeleceu-se: i) levantar e registrar as especificidades denominativas e conceituais do terecô, em Codó-MA, antes que caiam em desuso ou se percam pelo processo de umbandização do terecô; ii) e desenvolver um web site para abrigar o glossário etnoterminológico, fotos e vídeos do terecô de Codó-MA. Para fundamentar os estudos antropológicos sobre o terecô, foram usados os trabalhos de Ferretti (2001; 2007); Araújo (2008); Ahlert (2013; 2012); Centriny (2015); Gomes (2015). No que diz respeito aos aspectos linguísticos, baseou-se na Semiótica das Culturas (Pais, 2009; Greimas, 2000; Fiorin, 2021), na Terminologia (Cabré, 1999, 2003, 2005; Krieger, 2000, Barros, 2004) e na Etnoterminologia (Barbosa, 2000, 2004, 2007; Latorre, 2011, Santos, 2013). Quanto à metodologia, foi produzido um questionário etnoterminológico com 47 (quarenta e sete) questões que foram aplicadas com oito colaboradores dos sexos masculino e feminino, com o seguinte perfil: nascidos em Codó-MA e que não tivessem passado mais de 1/3 de sua vida em outra localidade; praticantes de terecô há mais de 10 anos e que desenvolvessem atividades nos terreiros que frequentam. Após terem sido gravadas em formato Mp3, as entrevistas foram transcritas grafematicamente e os vocábulos-termos coletados foram organizados e analisados em fichas etnoterminológicas que subsidiaram a produção do glossário etnoterminológico do terecô em Codó-MA. Como resultados, identificamos, entre muitos outros, os vocábulos-termos *manjar*, *guna*, *babá*, *bronze*, cujas conceptualizações transluzem os dogmas e preceitos específicos dessa religião marcadamente afromaranhense.

Palavras-chave: Léxico. Etnoterminologia. Terecô. Glossário. Codó-MA.

¹ Consideramos, nesta pesquisa, a concepção de linguagem como interação social em que os indivíduos compartilham os seus conhecimentos (Bakhtin, 1992).

RESUMEN

El *terecô*, religión de origen africano practicada principalmente en el interior del estado de Maranhão (Ferretti, 2007), fue prohibido y sufrió innumerables persecuciones por parte de la policía y de la Iglesia Católica, que obligó a sus practicantes a celebrar sus cultos en los bosques de Codó-MA, principalmente en la comunidad quilombola de Santo Antônio dos Pretos, a finales del siglo XIX (Ferretti, 2007). Teniendo en cuenta este hecho, el presente estudio es de carácter etnográfico, cualitativo y descriptivo, con el objetivo principal de producir un glosario etnoterminológico del lenguaje en un contexto especializado utilizado por los *tereçozeiros* en Codó-MA. Los objetivos específicos fueron: i) relevar y registrar las especificidades denominativas y conceptuales del *terecô* en Codó-MA, antes de que caigan en desuso o se pierdan por el proceso de *umbandização* del *terecô*; ii) y desarrollar un sitio web para albergar el glosario etno-terminológico, fotos y videos del *terecô* en Codó-MA. Los estudios antropológicos sobre el *terecô* se basaron en los trabajos de Ferretti (2001; 2007); Araújo (2008); Ahlert (2013; 2012); Centrinny (2015); Gomes (2015). Con respecto a los aspectos lingüísticos, la base fue la Semiótica de las Culturas (Pais, 2009; Greimas, 2000; Fiorin, 2021), Terminología (Cabré, 1999, 2003, 2005; Krieger, 2000, Barros, 2004) y Etnoterminología (Barbosa, 2000, 2004, 2007; Latorre, 2011, Santos, 2013). Con relación a la metodología, se elaboró un cuestionario etnoterminológico con 47 (cuarenta y siete) preguntas que fueron aplicadas a ocho colaboradores y colaboradoras, con el siguiente perfil: nacidos en Codó-MA y que no hubiesen pasado más de $\frac{1}{3}$ de su vida en otra localidad; practicantes de *terecô* hace más de 10 años y que realizasen actividades en los templos que frecuentan. Después de que las entrevistas fueran grabadas en formato Mp3 y luego transcritas grafemáticamente, las palabras-términos recogidas fueron organizadas en fichas etno-terminológicas que están apoyando la construcción de un glosario etno-terminológico del *terecô* en Codó-MA que refleje la cosmovisión de los *tereçozeiros* de Codó. Después de los análisis, construimos el glosario etno-terminológico digital del *terecô* de Codó-MA, que refleja la cosmovisión de los *tereçozeiros* de Codó. Como resultado, identificamos, entre muchos otros, los vocablos *manjar*, *guna*, *babá*, *bronze*, *cuyas* conceptualizaciones reflejan los dogmas y preceptos específicos de esta religión notablemente afromaranhense.

Palabras clave: Léxico. Etnoterminología. *Terecô*. Glosario. Codó-MA.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TGT	Teoria Geral da Terminologia
TST	Teoria Sociocognitiva da Terminologia
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
IULA	Instituto Universitário de Linguística Aplicada
REFESA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
DT	Definição Terminológica

SUMÁRIO

1 ME DÊ LICENÇA PRA BAIAR NO SEU SALÃO	12
2 CONHECENDO CODÓ-MA	15
2.1 HISTÓRIA DE CODÓ	15
2.2 O IMAGINÁRIO RACISTA SOBRE CODÓ	19
3 TERCÊ, EM CODÓ	23
3.1 NO TOQUE DO TAMBOR: TERCÊ E UMBANDIZAÇÃO DO TERCÊ	23
3.2 A RESISTÊNCIA DO TERCÊ, EM CODÓ	26
3.3 BAIÁ DO TERCÊ: ESCREVIVÊNCIAS DA PESQUISADORA	28
3.4 A UMBANDIZAÇÃO DO TERCÊ EM CODÓ- MA	29
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
4.1 BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS	34
4.2 TERMINOGRAFIA	41
4.3 ETNOTERMINOLOGIA	42
4.3.1 Área da investigação etnoterminológica	43
4.3.2 Apreensão da realidade: percurso gerativo da enunciação	44
4.3.3 Vocábulo, termo e vocábulo-termo: dinamismo linguístico	49
4.4 SEMIÓTICA DAS CULTURAS	50
5 METODOLOGIA	54
5.1 LOCUS DA PESQUISA	54
5.2 PERFIL DOS COLABORADORES	54
Tabela 1- Informação sobre os colaboradores	55
5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA DE CAMPO	55
5.3.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Autorização para Uso de Imagem e Som	55
5.3.2 Questionário	56
5.3.3 Coleta, tratamento, armazenamento dos dados e fichas etnoterminológicas	57
5.3.4 Organização do glossário etnoterminológico	59
5.3.5 Macroestrutura	61
5.3.6 Microestrutura	62
5.3.7 Glossário etnoterminológico dos terecozeiros de codó na web	66
6 O GLOSSÁRIO	68
6.1 APRESENTAÇÃO	68
6.2 COMO LER O GLOSSÁRIO	68
6.3 GLOSSÁRIO ETNOTERMINOLÓGICO DO TERCÊ	69
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82

REFERÊNCIAS	85
Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	92
Apêndice B- Termo e autorização para uso de imagem e voz	95
Anexo 1- Fichas etnoterminológicas	98

1 ME DÊ LICENÇA PRA BAIAR NO SEU SALÃO

*Santa Bárbara, me dê licença
Pra baiar no Seu salão
Chamei meu mestre
Que ele é Rei Salomão²*

A capacidade criativa do ser humano é inata e ativada por suas necessidades mais vitais. Assim, nós nascemos com a capacidade, por exemplo, de criar conceitos, nomes, etc. Entretanto, ainda que a criatividade humana seja inata, é preciso que haja estímulos do meio do qual se faz parte. Esses estímulos acontecem pela percepção fenomenológica do mundo e das trocas realizadas com e entre os pares. É a partir do olhar sobre o mundo natural do qual fazem parte, e da vivência em comunidade, que os sujeitos compreendem o que está ao seu redor e criam com o meio relações semântico-conceptuais e semântico-lexicais.

Considerando essas reflexões, a inspiração para esta pesquisa, em específico, surgiu no fim da graduação, perto da defesa da monografia sobre o léxico de uso especializado dos quilombolas urbanos da Liberdade e Fé em Deus, em São Luís-MA, uma vez que o terecô é uma religião afro-brasileira cultuada, principalmente, no interior do estado do Maranhão e possui como característica principal o culto aos encantados que são homens e mulheres que não morreram, mas sumiram do mundo físico e voltaram como espíritos para orientar as pessoas (Lamy; Ahlert, 2018).

Além do valor religioso-cultural do terecô para o Maranhão e do grande número de adeptos dessa religião no Maranhão, principalmente, no interior do estado, justificamos a decisão de investigarmos a terminologia do terecô pois, até onde pudemos investigar, não foram realizadas pesquisas de cunho etnoterminológico sobre essa importante religião afro-brasileira/maranhense.

A delimitação de realização desta pesquisa em Codó se deu pela rica e expressiva particularidade dos cultos de terecô nessa localidade. Também, porque acreditamos que estudar a terminologia dos terecozeiros de Codó-MA é de fundamental importância para compreendermos a identidade desses sujeitos, uma vez que Codó é conhecida por ser o berço do terecô no Maranhão e pela grande quantidade de terreiros existentes na cidade (Ahlert, 2012). Sousa (2021), citando os

² Doutrina cantada em abertura de tambor por Mãe Maria do Santo.

dados da Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão: Terecô, Umbanda e Candomblé de Codó - Maranhão, afirma que a cidade possui 300 terreiros. Pelo rico acervo linguístico-cultural, delimitamos a realização desta pesquisa apenas nos terreiros do centro de Codó.

Nesta investigação de cunho etnográfico, qualitativo e descritivo, estabeleceu-se como hipóteses: i) que as atividades ou práticas atinentes ao terecô geravam uma linguagem específica usada nesse contexto especializado afrorreligioso, a qual possibilitaria, por meio do estabelecimento de relações semântico-conceituais e semântico-lexicais, o conhecimento do passado e do futuro do terecô na cidade; ii) e que essa linguagem, ou seja, que a terminologia do terecô de Codó ainda não havia sido investigada do ponto de vista terminológico, uma vez que não se encontrou fontes de estudos seguras sobre o léxico especializado dessa religião afro-brasileira.

Esta pesquisa teve como objetivo principal produzir um glossário etnoterminológico da linguagem em contexto especializado de uso pelos terecozeiros em Codó-MA. Como objetivos específicos, estabeleceu-se: i) levantar e registrar as especificidades denominativas e conceituais do terecô, em Codó-MA, antes que caiam em desuso ou se percam pelo processo de umbandização do terecô; ii) e desenvolver um *web site* para abrigar o glossário etnoterminológico, fotos e vídeos do terecô de Codó-MA.

Para fundamentar os estudos antropológicos sobre o terecô, foram usados os trabalhos de Ferretti (2001; 2007); Araújo (2008); Ahlert (2013; 2012); Centriny (2015); Gomes (2015). No que diz respeito aos aspectos linguísticos, baseou-se na Semiótica das Culturas (Pais, 2009; Greimas, 2000; Fiorin, 2021), na Terminologia (Cabré, 1999, 2003; Krieger, 2000, Barros, 2004) e na Etnoterminologia (Barbosa, 2000, 2004, 2007; Latorre, 2011, Santos, 2013).

Metodologicamente, realizamos pesquisas bibliográficas e entrevistas-testes para procedermos à elaboração do questionário etnoterminológico com 47 (quarenta e sete) questões que foi revisado por Cícero Centriny, importante pesquisador sobre o terecô no estado. Antes de aplicar o questionário com oito colaboradores distribuídos igualmente entre os sexo masculino e feminino, com o seguinte perfil: nascidos em Codó-MA e que não tivessem passado mais de $\frac{1}{3}$ de sua vida em outra localidade; praticantes de terecô há mais de 10 anos e que desenvolvessem atividades nos terreiros que frequentam, ele foi submetido à análise e aprovação do

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão. Após aprovação do Comitê e antes de realizarmos as entrevistas, os colaboradores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a Autorização de Uso de Imagem e Som. Tais documentos explicaram os objetivos desta pesquisa e o uso do material para fins científicos.

Esta pesquisa está dividida em sete partes. O primeiro capítulo é introdutório e enseja informações, sobretudo, sobre a justificativa, objetivos e metodologia do trabalho. O segundo capítulo traz informações sobre a história da cidade de Codó-MA. O capítulo três leva a um passeio sobre o terecô e sua influência na cidade. O quarto capítulo constitui-se da fundamentação que basilar esta pesquisa. O quinto capítulo apresenta a metodologia adotada nesta pesquisa. No sexto capítulo, é apresentado o glossário etnoterminológico do terecô em Codó-MA, seguido pelo sétimo capítulo que reúne as considerações finais e, posteriormente, pelas referências.

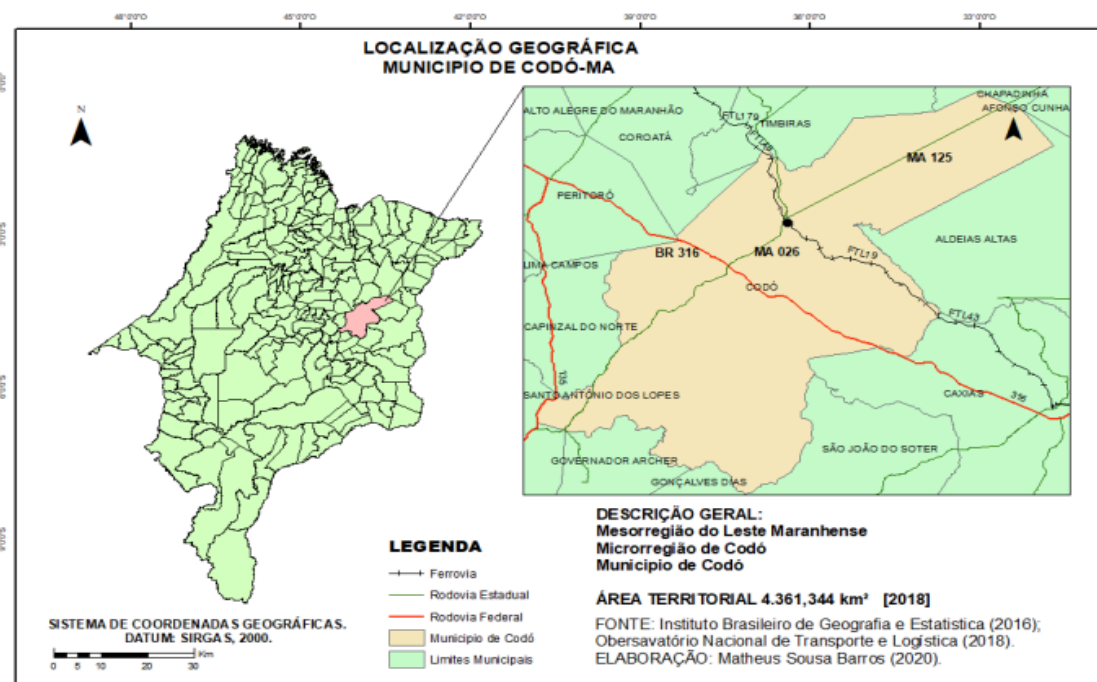
2 CONHECENDO CODÓ-MA

Neste capítulo, abordamos a geografia, a história e a cultura da cidade de Codó - Maranhão. A priori, fizemos um breve percurso sobre fatos históricos da cidade, revelando a sua geografia, a importância do rio Itapecuru para a formação da cidade e suas heranças étnico-raciais.

2.1 HISTÓRIA DE CODÓ

O Maranhão é um estado localizado no Nordeste brasileiro e delimita-se geograficamente com os estados do Pará, Tocantins e Piauí. O Maranhão possui 217 municípios, dentre os quais está a cidade de Codó que é um município situado no leste maranhense, Região dos Cocais, e distancia-se da capital do estado, São Luís, por 290 km (Prefeitura Municipal de Codó, c2024). Codó limita-se, geograficamente, com os municípios de Peritoró, Lima Campos, Capinzal do Norte, Gonçalves Dias, Santo Antônio dos Lopes, Coroatá, Timbiras, Aldeias Altas, São João do Soter e Caxias, conforme o mapa abaixo:

Figura 1- Mapa da localização geográfica do município de Codó



Fonte: Barros, Garcez e Vale (2021)

Conforme o mapa, é possível observar a extensão territorial de Codó e que a cidade é um importante pólo de ligação para outros municípios. Podemos afirmar que Codó possui personalidade singular. Ao entrar, pela tarde, na estrada que liga o Quilômetro 17 ao centro da cidade, o visitante é agraciado com o entardecer por entre as folhas da palmeira de coco babaçu. O azul do céu e o amarelo alaranjado do sol misturam-se e despertam no visitante a vontade de conhecer ainda mais Codó.

Ao adentrar na história de Codó, verificamos que a formação dessa cidade é marcada pela presença de povos indígenas, negros, europeus e árabes, e essa configuração deixou fortes traços para a construção da cidade. É possível observar a influência desses povos na forma de subsistência das comunidades, na arquitetura dos prédios antigos que resistem à degradação do tempo, no modo da pesca, do artesanato e da religiosidade local.

O rio Itapecuru foi importante rota de exploração das terras maranhenses, por meio dele os portugueses navegaram a fim de encontrar outros meios de exploração. Além do rio Itapecuru, Codó é banhada pelos rios Saco e Codozinho.

O rio Itapecuru foi vultuoso para a popularização da região de Codó. Esse meio fluvial fazia a ligação do litoral maranhense com a Região dos Cocais. Esse fato incentivou a produção agrícola do período colonial, como salienta Sousa:

Codó tem sua origem juntamente com o processo de colonização do interior do Maranhão, através dos grandes rios. O rio Itapecuru desempenhou um importante elo entre o litoral e o interior, figurando como meio para o encontro das duas frentes de ocupação da Província, a frente litorânea e a frente da pecuária, constituindo, desde então, um processo diaspórico. Processo este visto aqui do ponto de vista do movimento de pessoas e de culturas, desde os tempos coloniais, com os deslocamentos dos africanos escravizados, que eram levados, a partir do litoral, para as grandes fazendas no vale do rio Itapecuru, hoje um corredor de grande número de comunidades quilombolas, que têm origem a partir da chegada dos africanos. Trata-se de uma região de muita importância econômica, para a Província, em função da cotonicultura, da rizicultura, do estabelecimento de engenhos e da pecuária (Sousa, 2021, p. 156).

Os negros participaram da construção da vila por meio do trabalho forçado, no regime escravocrata. A exploração das terras codoenses iniciou-se em 1780, pelo agricultor Luís José Rodrigues, conhecido como Paul Real, e o português Francisco Marques Rodrigues, marco do início do povoamento de colonizadores em Codó. Os armazéns foram criados próximo ao rio Itapecuru a fim de facilitar a chegada ou

envio das mercadorias. O desenvolvimento agrícola da região chamou a atenção dos sírios e libaneses que começaram a migrar para a região em 1887 (Prefeitura Municipal de Codó, c2024).

Antes de ser considerada cidade, Codó era apenas um povoado que abrigava pequenos grupos familiares. Segundo Oliveira e Silva (2018, p. 5), “em 1896, aconteceu a campanha de emancipação para que a Vila recebesse o galardão de cidade. A família Bayma tomou parte nesse processo, principalmente, o senhor Francisco Sergio Bayma, que era sobrinho de Manoel Ferreira Bayma.”

Com o crescimento e grande potencial agrícola, a Resolução Régia, de abril de 1833, mais tarde, transformou-se na Lei Estadual nº 13º, sancionada pelo governador Alfredo da Cunha Martins, em 16 de abril de 1896, que transformou Codó em cidade.

O período colonial de Codó é marcado pela grande produção de algodão. É importante lembrar que a mão de obra utilizada nesses espaços era a dos escravizados. No início da industrialização do Maranhão, Codó teve uma grande participação na indústria têxtil. De acordo com os estudos de Moraes (2018, p. 13), “a primeira indústria do município foi construída em 1892 e chamava-se Companhia Manufatureira Agrícola de propriedade de Emílio Lisboa, que posteriormente teve seu monopólio passado para Sebastião Archer.”

Codó deixa de ser uma cidade apenas agrícola para industrializar-se, no final do século XIX, como corrobora Oliveira:

A província do Maranhão, como várias outras regiões brasileiras, sofreu transformações em suas relações dos modos de produções por volta dos últimos anos do século XIX, em que deixou de ser uma região essencialmente agrícola e passou, ainda que de forma morosa, a incorporar a industrialização (Oliveira, 2019, p. 422).

A industrialização da vila de Codó foi um importante aspecto histórico para o crescimento da cidade. Até os dias atuais, há os resquícios da época de ouro de Codó. As fábricas ainda estão lá e relembram as glórias do passado.

As fábricas de Codó produziam de tecido a óleo de coco babaçu (os cocos eram retirados das palmeiras de coco babaçu, em seguida, o óleo era extraído). Essa mudança na produção, em Codó, incentivou os trabalhadores da região a atuarem nos pátios das fábricas (Oliveira, 2019, p. 422). As fábricas mudaram a forma de trabalho da região, “a partir de então, muitas pessoas ingressaram na

indústria, desempenhando as mais diversas funções, como mecânicos, serradores, fiandeiras, tecelãs entre outras” (Oliveira; Silva, 2018, p. 422).

As fábricas de Codó foram responsáveis por grande parte do desenvolvimento da cidade. Muitos benefícios como luz, água e salário foram adquiridos pela população por meio do incentivo das fábricas, como salientam Oliveira e Silva

A história da fábrica é a história do município de Codó, uma vez que a indústria é parte da construção econômica e da abertura de uma modernização para a cidade, pois com a indústria (que representou um símbolo de progresso) instalou-se energia elétrica e fornecimento de água que até então não tinha. Não há uma grande quantidade de documentação, porém, o tempo e a história de uma fábrica que foi pioneira na industrialização do município estão talhados na memória das pessoas que vivenciaram esse momento (Oliveira; Silva, 2018, p. 423).

A partir da industrialização da mão de obra de Codó, muitas famílias codoenses compostas por jovens, homens e mulheres, faziam parte do corpo de operários das antigas fábricas. Os anúncios das vagas eram realizados por meio do jornal Gazeta de Codó (Oliveira; Silva, 2018).

A história de Codó está intrinsecamente ligada à industrialização da cidade. Oliveira e Silva (2018) afirmam que as fábricas são centros de resgate da memória do passado de Codó. Por esse motivo, é necessário a manutenção desses espaços que têm em suas paredes a historicidade dessa cidade, do povo codoense.

Hoje, a cidade ainda abriga diversas fábricas, mas mantém o estilo rural, criação de animais, plantação e a extração de coco babaçu. No início da cidade, é possível ver a empresa de produção de cimento; no centro, a indústria de sabão e materiais de limpeza, entre outras.

Outro ponto preponderante para se evidenciar é a dificuldade de encontrar a origem toponímica da cidade. Dizer ao certo a origem do nome Codó é algo difícil. Há várias explicações sobre a origem do nome da cidade de Codó, mas a verdadeira história sobre a procedência do nome é incerta.

Há a teoria defendida pelo professor Fernando Carvalho de que Codó significa brejo, atoleiro, lugar de charco (Centriny, 2015). Já Curvelo (2009) pontua a dificuldade em se saber a motivação toponímica de Codó, mas, assim como Fernando de Carvalho, afirma que a grande presença de rios na cidade pode ter influenciado o topônimo. Outra possível explicação para a origem do nome Codó é

defendida pelos moradores da cidade, os quais afirmam que na formação da cidade havia, em abundância, uma ave denominada codorna ou codozinho (Centriny, 2015).

Outros pesquisadores afirmam, ainda, que o nome Codó tenha tido origem no nome Kodok, cidade localizada no Sudão do Sul africano, espaço em que muitos negros foram sequestrados e levados de forma forçada a Codó. A outra teoria é que o rio Codó tenha sido a motivação toponímica do nome da cidade (Centriny, 2015).

O povo negro codoense é numeroso. Segundo os dados do IBGE (2010), o município de Codó possui população total de 118.038 e, desse total, 15.498 se autodeclararam negros e 84.435, pardos. O censo de 2022 demonstrou o crescimento da população preta e parda: 20.195 se autodeclararam negros, ao passo que 78.036 reconheceram-se pardos (IBGE, 2022). A causa dessa mudança pode ser os trabalhos para a reafirmação da identidade negra realizados por alguns grupos, dentre eles, o Coletivo Núcleo que desempenha por meio da arte, música e dança a cultura negra.

No quesito religiosidade, segundo os dados do IBGE (2010), 98.439 pessoas se autodeclararam católicas, enquanto as religiões de matriz africana, umbanda e candomblé, juntas, totalizaram 1.097 adeptos. Apesar do expressivo número de terreiros, foi possível observar uma acentuada dificuldade de autodeclaração como praticante de religião de matriz afro-brasileira. Outro ponto importante a ser comentado é a ausência do termo terecozeiro nas pesquisas do censo de 2010, como forma de afirmação identitária. O local que abrigava a estação de trem, hoje, faz parte de um rico acervo arquitetônico da cidade e esse local abriga monumentos históricos e constitui ponto turístico da cidade.

2.2 O IMAGINÁRIO RACISTA SOBRE CODÓ

Codó é um município que reúne uma expressiva quantidade de pais/mães de santo ou curadores de santo, filhos de santo e praticantes de religiões de matriz africana. É indiscutível que a região possui fortes influências dessas religiões. Machado (1999) afirma que, no ano de 1873, Codó recebeu cerca de 6.550 escravizados, sendo 3.198 do sexo masculino e 3.352 do sexo feminino. A presença de pessoas negras em Codó é bastante significativa, assim, Sousa pontua que

Ressalte-se que o contingente de africanos para Codó foi ainda mais expressivo, como se pode notar na atualidade, pois a base da população do município é constituída de afrodescendentes, que têm sua origem nos povos de África, para lá trazidos em meados do século XVIII, pois o vale do Itapecuru se transformou em grande celeiro de arroz e com destaque para o algodão, as duas grandes riquezas do Maranhão, naquele momento, sendo o algodão destinado ao mercado externo, colocando Codó em destaque como um importante polo produtor e industrial, tornando-se a terceira mais importante cidade da Província (Sousa, 2021, p. 156).

No século XVIII, na região de Codó, houve grande expansão agrícola, esse fato estimulou o tráfico negreiro na área. Os negros escravizados eram de diversos grupos étnicos e como forma de manterem as suas ligações com o sagrado de África, essas pessoas começaram a desenvolver o culto aos seus antepassados em terras brasileiras. Outro ponto importante, é que Codó era cercada por grandes áreas de matas, o que facilitou a prática dos cultos apesar de toda repressão policial sofrida.

A referida cidade é repleta de praticantes de religião de matriz africana, o que impulsionou o imaginário como *capital da magia negra*. Essa fama de Codó já foi discutida em vários trabalhos científicos, contudo, ainda identificamos falas de cunho preconceituoso sobre o município e, por isso, dedicamos este espaço para falar sobre as motivações e consequências do título de *capital da magia negra* atribuído a Codó.

O processo de persuasão que carrega o título *capital da magia negra*, estrutura uma visão negativa nos sujeitos que nunca estiveram na cidade. Além disso, boa parte das pessoas que moram nesse lugar refuta o imaginário estigmatizado da cidade de Codó. Ao andar pela cidade, podemos observar tentativas de apagar essa fantasiosa fama. Como por exemplo, na imagem a seguir, próximo à linha do trem, podemos ver o *slogan Codó: cidade de Deus*.

Figura 2- Codó: cidade de Deus



Fonte: Acervo da autora.

A divulgação de Codó como *cidade de Deus* é exigida pelas comunidades pentecostais que ocupam de forma massiva a câmara de vereadores e disputam espaços sociais da cidade com o intuito de apagar as manifestações culturais das religiões de matriz africanas na cidade.

A repercussão nacional de Codó como *capital da magia negra* deu-se por meio de uma entrevista realizada por Marília Gabriela, reproduzida pela TV Bandeirantes, no programa Domingo 10, sob o título *Codó: capital da Magia Negra*³ (Centriny, 2015). Um dos pontos discutidos durante a entrevista foi a expressiva quantidade de terreiros na cidade, em relação ao número de igrejas. Pelo título, é perceptível o cunho preconceituoso e racista da reportagem (Centriny, 2015). Nesse sentido, Althusser (1980) discute que a mídia é um aparelho ideológico do Estado e por isso reafirma práticas racistas que são estruturais na sociedade brasileira.

Na referida entrevista, um importante terecozeiro, Aluízio Mota, fez um ritual na encruzilhada. Repercussões de documentos como esse sobre o terecô e sobre a cidade de Codó não agradaram aos praticantes desses cultos. Nesse sentido, Ahlert discorre que

A fama da cidade como *“capital da magia negra”* tem sido impulsionada também pela exploração midiática intensa - em grande parte estigmatizadora e preconceituosa - da profusão de tendas de religiões afro-brasileiras e dos atendimentos realizados por pais e mães de santo. Neste sentido, Codó aparece como a *“Meca dos políticos”* que a visitam para realizar trabalhos e vencer eleições, como terra do pai de santo de José Sarney (Revista Época, 2002), como relacionada ao satanismo (Programa Super Pop, 2011), como *“esquina do além”* (Revista National Geographic, 2010) – adjetivações que são tomadas por um ou outro pai de

³ Descrição do programa: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/24/ilustrada/15.html>

santo de maior renome, para incrementar a propaganda sobre seus trabalhos, mas, que não são necessariamente bem vistas por aqueles que participam das atividades das tendas (Ahlert, 2013, p. 19).

Todas essas ideias sobre o terecô praticado em Codó e seus participantes fizeram com que a cidade e essa religião afro-brasileira tivessem fama nacional, e até internacional, equivocada, baseada na correlação das práticas afrorreligiosas do terecô ao aspecto demoníaco, estabelecendo a ligação do povo de terreiro ao não-sagrado, à maldade e à prática do mal, contudo, isso foi alvo de protestos de grupos negros em São Luís, capital do Estado.

Em meio às falácias de cunho racista, esses grupos contra-aculturativos fizeram protesto e utilizaram o jornal *O Imparcial* para defender as práticas do terecô, por meio da reportagem *A imagem distorcida*, de 1994 (Ferretti, 2000).

Neste capítulo, pontuamos importantes aspectos sobre a história e a cultura de Codó-MA. Além disso, explicitamos que a expressiva quantidade de terreiros, a mídia nacional e, sobretudo, o racismo que predomina na sociedade brasileira impuseram à cidade de Codó o imaginário nacional de capital da magia negra. Outras mazelas, como a perseguição contra os terecozeiros fizeram com que esse grupo e a militância negra buscassem formas de resistir aos processos racistas.

3 TERCÊ, EM CODÓ

Neste capítulo, são apresentados, de forma sintética, os estudos e pesquisas realizadas sobre o terecô e a umbandização do terecô, em Codó-MA. Reforça, ainda, a importante luta dos terecozeiros pela existência e garantia de direitos. Além disso, traremos uma descrição sobre o culto de terecô na cidade.

3.1 NO TOQUE DO TAMBOR: TERCÊ E UMBANDIZAÇÃO DO TERCÊ

O Maranhão é um importante estado de concentração de negros e negras. As manifestações artísticas, sociais e religiosas são preservadas a fim de manter vivas as práticas identitárias. No que tange à religiosidade afro-brasileira praticada no Maranhão, observamos que o tambor de mina, o terecô, o candomblé e a umbanda⁴ são as mais conhecidas e praticadas no estado.

Nesta pesquisa, tratamos especificamente sobre o terecô em Codó e, durante a pesquisa de campo, foi possível observar e confirmar que: (i) o terecô passou por um processo de umbandização. A propósito, a pesquisadora Darcya Moreira afirma que esse “é um processo nacional [...] algum espaço de poder, eu não vou saber te dizer agora se é universidade, questão política ou, talvez, tudo junto, começam a fazer então uma padronização, tudo é isso aqui” (Dárcya Moreira, 22/04/2023)⁵; (ii) o toque dos tambores são acelerados e não há o cântico do hino da umbanda nas aberturas do culto religioso de terecô; (iii) não há distinção por parte dos terecozeiros entre o que seria prática litúrgica da umbanda e do terecô; (iv) o termo umbanda foi usado por alguns terecozeiros por influência da casa do Mestre Bitá do Barão, pois ele era iniciado no terecô e, em seguida, na umbanda, e por ter sido por muito tempo representante da Federação de Umbanda, em Codó (Centriny, 2015).

O terecô também é denominado de tambor da mata ou brinquedo de Barbasoeiro, Verequete ou pajé (Ferretti, 2001). Mundicarmo Ferretti (2001, p. 1) considera terecô como “a denominação dada à religião afro-brasileira tradicional de Codó”. Essa religião foi fortemente repreendida pela polícia codoense, por isso os toques de terecô aconteciam nos espaços mais afastados, adentrando as matas

⁴ A umbanda é uma religião brasileira que tem aspectos do espiritismo, catolicismo e candomblé.

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 22 de abril de 2023, na cidade de Codó-MA.

codoenses, para não serem descobertos, tal fato justifica o nome tambor da mata. Saraiva pontua que

E foi justamente dentro da mata, especificamente dentro do interior do Maranhão, na cidade de Codó, que o toque acelerado dos tambores, tocado por diversas etnias negras presentes no Maranhão (dentre elas estavam os jejes, cambindas e nagôs) dali teria originado o Terecô, ou Tambor da Mata como também é conhecido (Saraiva, 2017, p. 14).

O terecô ou tambor da mata tem como singularidade uma prática litúrgica marcada por forte influência de grupos étnicos diversos, entre eles: os jeje, nagôs e cambindas. Cada grupo contribuiu com seu conhecimento para constituir a liturgia do terecô.

A singularidade do terecô chamou a atenção do pesquisador paulista Costa Eduardo. Em suas pesquisas para a pós-graduação nos Estados Unidos, em 1948, apurou que a religião popularmente praticada em Codó e em Santo Antônio dos Pretos⁶ era o terecô.

O interesse de Costa Eduardo, Mundicarmo Ferretti e outros pesquisadores da área da antropologia pôde afirmar o culto do terecô como religião. Entretanto, apesar das inúmeras pesquisas sobre o tema, algumas pessoas tentam reduzir o terecô a uma prática, não o considerando uma religião, apesar das características e tradições singulares.

O terecô tem como patrona a entidade Barba Soeiro⁷, por esse motivo ela é padroeira de várias casas de culto do terecô. A base ritualística do terecô está ligada à encantaria. A encantaria é um processo místico em que pessoas somem e são rebatizadas para ajudar os pecadores na terra. Os encantados são seres mais evoluídos que descem para ajudar as pessoas pela intervenção dos médiuns. No mundo dos encantados, não há pecadores e nem santos, os encantados ficam entre o céu e a terra (Centriny, 2015).

Os encantados são organizados por famílias, ou seja, os grupos de encantados se organizam por grau de parentesco. Em Codó, alguns encantados são chefiados por Seu Légua Bojí Buá da Trindade, “tido por alguns como de origem nobre, mas também como um importante vaqueiro, aguerrido e apegado à confusão, valente, duro e consumidor de bebida alcoólica” (Ahlert, 2013, p. 20).

⁶ Povoado de Codó.

⁷ No sincretismo, é compreendida como Santa Bárbara, comemorada no dia 4 de dezembro.

A família de Seu Légua é bastante numerosa. A reverência a essa entidade pode ser realizada no início, no meio ou no fim do culto de terecô. Em todos os toques de terecô, há doutrinas⁸ para Légua (Centriny, 2015).

Seu Légua é a entidade que chefia o terecô. A sua figura é de grande importância para essa religião. Em todos os toques, há alguma doutrina que relata os feitos de Légua em terra. Seu Légua é conhecido pelos seus trabalhos espirituais feitos com afeição. Dessa forma, Seu Légua é respeitado e temido por muitos terecozeiros, pois

No Terecô de Codó, a entidade espiritual que chefia a “linha da mata” – Légua Boji Buá da Trindade – é apresentada por muitos como tendo “uma banda branca e outra preta”, um lado para o bem e outro para o mal. Essa característica, associada a seu caráter vingativo, brincalhão e irreverente e ao seu gosto por bebida alcoólica, tem levado a sua identificação com Légba, entidade africana que, como Exu, foi encarada no passado por missionários católicos como o demônio e que continuava sendo na Casa das Minas (jeje) como demoníaca (Ferretti, 2012, p. 303).

As características de Seu Légua o fazem parecer com o Vodum Légba, Exu dos nagotianos, conhecedor dos caminhos e dos segredos das matas (Saraiva, 2017). Contudo, sem dúvida, a origem de Seu Légua e a chegada em Codó é um mistério até para os terecozeiros.

Ninguém pode negar a importância de Seu Légua nos cultos de terecô. Nas pesquisas de campo por nós realizadas, observamos que ora ele é chamado pelo nome, ora ele é chamado de compadre, mestre. De todas as formas, observamos que há um respeito considerável por essa entidade.

As relações religiosas e humanas do terecô estão muito ligadas à característica de viver junto, compartilhado. As rodas de terecô são realizadas em grupos. Os organizadores da festa recebem em suas tendas espirituais terecozeiros de outras casas para dançar terecô. Vale ressaltar que, de acordo com Lima (2019), o importante não é a forma como são desenvolvidas as visitas de um terreiro a outro, mas sim, a participação de outras tendas.

A presença dos santos católicos nos altares, no nome das tendas e nas rezas é marcante. É possível, ao investigar sobre o terecô, observar que muitas casas de culto religioso ainda guardam as tradições do catolicismo.

⁸ Cânticos religiosos.

3.2 A RESISTÊNCIA DO TERCÊ, EM CODÓ

A luta pela sobrevivência do terecô em Codó é de longas datas. A prática do terecô foi proibida por lei, obrigando seus participantes a fazerem os seus cultos nas áreas de mata de Codó. De acordo com as narrativas dos povos de terreiro, os soldados que entravam nas matas codoenses, conduzidos pela sonoridade dos tambores, perdiam-se nas matas e não encontravam os negros que dançavam em favor de seus encantados.

Uma figura importante que tentou acabar com o terecô de Codó foi o tenente Vitorino. Conforme as narrativas dos terecozeiros, o tenente afirmou para a alta sociedade de Codó que enquanto estivesse na polícia faria de tudo para acabar com o batuque do terecô e com quem o praticava. Diversas expedições foram enviadas às matas, local de culto do terecô, sem sucesso.

Oliveira (2015) salienta que a proibição das religiões de matriz africana foi a primeira forma de intolerância religiosa do Brasil colonial. Na tentativa de manter as suas práticas, negros e negras escrazivados/as mesclavam e adaptavam os seus cultos em solo brasileiro.

Segundo os relatos de Maria do Santo⁹ (22/04/2023), em uma ocasião, Seu Légua¹⁰ estava incorporado em uma de suas filhas. No meio do terreiro, avisou a todos que o tenente Vitorino estava a caminho para acabar com a *baia*¹¹. Todos continuaram dançando e tocando os tambores ancestrais. Sem demora, chegaram vários camburões e o temido tenente Vitorino. Seu Légua estava esperando por ele na porta e deu ordem ao tenente que não acabasse com o terecô. Os tambores continuaram a tocar, o tenente Vitorino, que antes era descrente e perseguidor dos encantados, dançava o terecô na boca do tambor.

Dona Maria do Santo (22/04/2023) lembra que

teve uma época em que eles não queria negócio de terecô não, no Codó. Aí, tinha uma senhora chamada Navalha. Eu era pequena, mas eu ainda conheci ela, ela recebia Seu Légua. Aí chegou... esse tenente Vitorino disse que não era pra ninguém bater terecô mais. Isso tem muito tempo, tu nem era gente, mas eu ouvi contar história. Esse tenente chegou no Codó. Aí

⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 22 de abril de 2023, na cidade de Codó-MA.

¹⁰ Importante entidade do terecô que possui uma família de encantados que levam o seu nome como sobrenome e exercem grande influência na religiosidade codoense.

¹¹ Dança

proibiu o terecô. Não tinha esse bando de barracão não. Eu nem dançava nesse tempo. Lá ele soube que tinha essa senhora do interiorzinho daqui. Aí ele mandou prender ela no terecô. Aí antes do... da polícia chegar lá, o velho Légua Bojí, em cima dela, disse: aguenta aí criançada que tenente Vitorino vai mandar prender nós, mas ninguém vai sair. Aí quando a polícia chegou. Você que é a mandona aqui? Não, eu sou Légua Bojí. Eu não vi, me contaram por longe. Aí disse que eles estavam brincando¹², né?! O senhor não soube que não é pra bater esse negócio de terecô, diz que você come fogo. É doutô não mesmo, não só como como faço qualquer um comer. Pode trazer o fogareiro de fogo. Eu não vi tá entendendo que o terecô de Codó foi liberado pelo povo de Légua. Pegô e disse: eu sou Légua Bojí. Eu não vi, tá me entendendo?! Mas a história que eu vi contar. Aí, diz que ele dava aqueles brados. Eu era pequena, mas eu lembro dele assim. Aí ele: *Baia, baia, baia. Baia, baiadô. Tenente Vitorino quer acabar com o terecô. Tenente Vitorino é o tenente malino. Quer acabar com o terecô. No cipó de tamarino*". Diz que ele pegava o coisa de fogo, pegava e comia a coisa e dava aquele brado. Aí tenente Vitorino foi ficando assim...

A repressão contra o terecô ainda está na memória dos terecozeiros. As conquistas do povo de terecô vieram por meio de muitas lutas contra a repressão policial, o estigma social, o racismo, a falta de assistência pública. Mesmo com o passar dos anos, os povos de terreiro de Codó ainda desafiam o sistema para a manutenção dos seus saberes e existência.

Uma prova disso é que, em 2022, foi apresentado à câmara de vereadores o projeto de lei que ficou conhecido como a Lei dos Foguetes. A referida lei proibia o foguete e quem desobedecesse poderia ser multado. A lei foi elaborada pelo vereador evangélico Valdeci Calisto, fato que deixou as lideranças sociais e religiosas mais atentas. Os foguetes fazem parte das manifestações ritualísticas dos povos de terreiro em Codó. Os foguetes são tradicionalmente usados para anunciar a festa no terreiro, quando começa e finda o culto, além¹³ das ritualísticas próprias das casas de matriz africana.

Não importa a época, sempre terá um "tenente Vitorino" que tentará, pela força da lei, acabar com as manifestações culturais das religiões de matriz africana. Todas as ritualísticas religiosas advinda dos negros são alvo de perseguição, no entanto, em todos os momentos, os ancestrais negros e negras dão forças para se lutar, a fim de que a África esteja presente mesmo fora do continente.

¹² Brincar terecô é sinônimo de baiar ou dançar terecô.

¹³ <https://www.blogdoacelio.com.br/mae-janaina-do-bitá-se-manifesta-sobre-lei-do-foguete-em-codo/>

3.3 BAIÁ DO TERCÊ: ESCREVIVÊNCIAS¹⁴ DA PESQUISADORA

Nos dias de baia¹⁵ do terecô, pela manhã, escutamos os foguetes que anunciam que é dia de toque de terecô. Mais próximo do horário de início do terecô, escutamos mais foguetes. Ao chegarmos no terreiro, a casa já estava arrumada para receber a visita de outras tendas de terecô, mesas e cadeiras assentadas em volta do barracão¹⁶, a radiola com músicas mundanas¹⁷ e o bar para que os visitantes pudessem comprar as suas bebidas. Os praticantes de terecô chegam em grupo, com roupas coloridas, floridas, representando as cores dos patronos da casa da qual faziam parte. Os filhos de santo que ainda estão em processo de iniciação vestem branco e são auxiliados por outros participantes com mais tempo na religião. Todos rezam um pai nosso e uma ave maria, em seguida, tocam na guna da casa¹⁸ e fazem orações inaudíveis. Os tambores¹⁹ já foram afinados a fogo pelos homens. Para dar ritmo à música sagrada, tem o tarol, a cabaça e a pife²⁰.

No início do culto, são cantadas doutrinas em louvor a Oxalá, em seguida, o rito do Louvraiê. Segundo Centriny, o louvraiê são

cantos que misturam palavras africanas de várias etnias e portuguesas em que se pede proteção dos guias, encantados, voduns, caboclos e outras entidades, geralmente se reverencia as entidades protetoras do terreiro, frisando o nome das principais entidades da casa obedecendo à hierarquia de cada casa de terecô (Centriny, 2015, p. 42).

Nas observações que realizamos dos cultos de terecô, identificamos que a reverência aos encantados é dada por meio dos cânticos entoados por todos os que fazem parte da sessão, ou seja, pelos praticantes de terecô e pelos visitantes.

¹⁴ Utilizamos o conceito elaborado pela escritora Conceição Evaristo (2007). Soares e Machado (2017, p. 206) afirmam que “A escrevivência, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres”

¹⁵ Dança.

¹⁶ Espaço em que acontecem os cultos de terecô.

¹⁷ Denominação dada às músicas que não fazem parte do ritual de terecô.

¹⁸ Pedaco de madeira que fica disposto verticalmente, colorido e que representa a força do terreiro.

¹⁹ O tambor é feito de madeira oca revestido por pelo de animal (veado, bode). Para afiná-lo, os homens o colocam perto do fogo para o couro esticar. Quando alcança o ponto certo de afinação, o tambor é tirado rapidamente de perto da fogueira para não danificá-lo. Esse trabalho é realizado preferencialmente pelos homens. No toque, os tambozeiros colocam o tambor entre as pernas e iniciam a musicalidade do terecô.

²⁰ É um tipo de flauta transversal usada para dar ritmo aos toques do tambor, feita com cano pvc ou taboca.

Outra característica marcante do terecô é a firmação mais voltada à cultura banto, apesar de haver elementos do jeje e nagô (Ferretti, 2007), e a língua ritualística é o português. Nos dias de culto do terecô, observamos que os cânticos, em sua maioria, são em língua portuguesa.

Ressaltamos que observamos que há uma preocupação dos praticantes de terecô, em Codó, com a manutenção dos saberes e das tradições dos seus antepassados. Grande parte das religiões de matriz africana têm suas práticas litúrgicas guardadas na memória dos mais velhos e passadas por meio da oralidade às gerações mais novas. Por isso, a presença dos mais velhos sempre foi acompanhada por dois ou mais jovens em volta como se estivessem em frente a uma biblioteca viva que ensina e explica os mistérios da religião.

Ressaltamos que há investigações realizadas sobre o terecô também a partir do olhar antropológico e cartográfico. Dentre elas, destacamos os trabalhos desenvolvidos por Ferretti (2000; 2001), Ahlert (2013) e Lima (2019).

3.4 A UMBANDIZAÇÃO DO TERCÔ EM CODÓ- MA

Após o tráfico de pessoas negras, logisticamente desumana, e a perda do direito de liberdade, os negros escravizados em Codó desenvolveram o terecô como forma de manter as práticas religiosas de seus países de origem. Oliveira e Silva enfatizam que

Os africanos vieram para o Brasil de forma desumana, foram obrigados a deixar a sua terra, os seus reinos, foram separados de seus parentes, mas não poderiam jamais deixar aquilo que estava dentro deles, a sua cultura e sua fé, mas, sobretudo a sua identidade que foi a força motriz para que os mesmos pudessem resistir silenciosamente ao etnocentrismo. Nessa lógica, ao se fixar em Codó, deram um novo sentido para esta terra. A forma deles se refugiarem dentre tantas que já se conhece, como a dança, a música e a esperança de um dia voltar para a África. Há também a necessidade de oferecer à nova terra, Codó, uma áurea singular, a magia da cidade que vai se edificando antes mesmo da formação de suas ruas, avenidas e bairros (Oliveira; Silva, 2018, p. 387).

O terecô foi a primeira religião afro-brasileira de Codó, com o passar do tempo, chegaram as religiões neopentecostais e outros cultos religiosos de matriz africana, a exemplo do tambor de mina e a umbanda (Centriny, 2015).

A mina é uma religião tradicionalmente praticada em São Luís pela Mina Jeje e Nagô. A umbanda é uma religião fundada no Rio de Janeiro. A origem da

umbanda ainda causa bastante discussão entre os adeptos e os historiadores. A versão da origem mais conhecida é a que Zélio Moraes foi instruído pelos guias espirituais, em especial, por Caboclo Sete Flecha, para formar a primeira tenda de umbanda, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. A umbanda surgiu da insatisfação de médiuns kardecistas com a exclusão de espíritos de negros e indígenas das sessões espíritas. Tal fato motivou o crescimento de adeptos à nova religião (Carvalho, 2017).

O contato entre os povos de terreiros, no Brasil, influenciou as formas de cultuar os seus ancestrais. A troca de saberes entre as religiões é marcada nos cânticos, toques, no léxico e na forma de cultuar as entidades. Assim, Ferretti explica que

Devido ao contato entre “mineiros”, terecozeiros e curadores foram surgindo formas híbridas, encontradas hoje em terreiros genericamente conhecidos como de “curador”, onde as denominações afro-brasileiras locais estão sendo substituídas pela Umbanda, principalmente entre os filiados a Federações de Umbanda. A Mina, o Terecô e a Cura/pajelança foram também sincretizadas com a Macumba do Rio de Janeiro e, mais recentemente, com a Umbanda, a Quimbanda e o Candomblé. Registros da *Missão de Pesquisa Folclórica* realizados no terreiro de Maximiana (no bairro do João Paulo) mostram que em 1938 ali já se tocava Mina com abatá (tambor da Mina-Nagô) e com tambor da mata (do Terecô de Codó) e demonstram que já havia ocorrido na capital maranhense “cruzamento” entre Mina e Terecô. Fala-se que mais tarde, Maria Piauí (mãe de terreiro de Codó, já falecida), depois de preparada na Mina em São Luís, no terreiro do Cutim (“cambinda”/ cabinda), levou para lá os abatás (tocados em todos os terreiros de Mina, com exceção da Casa das Minas-Jeje), que hoje são encontrados em muitos terreiros de Codó (Ferretti, 2000, p. 13-14).

O fluxo dos saberes sempre foi usado nas religiões afro-brasileiras, visto que o processo de imigração forçada e o contato com pessoas de diferentes grupos étnicos contribuiu para que o conhecimento de práticas religiosas diversas fossem misturados e dessem origem ao que se tem hoje como religião de matriz africana. Após a abolição, os negros ainda migravam para melhorar a sua condição de vida e saúde física e espiritual. É nesse sentido que os saberes se entrelaçaram e ganharam novas significações.

Nessa perspectiva, o terecô viveu um processo denominado de umbandização (Araujo, 2008; Centriny, 2015). A umbandização é marcada pela inserção de alguns elementos da umbanda nos cultos de terecô. Isso se deu como forma de resistência dos terecozeiros, para serem mais aceitos nos centros da cidade. Os elementos da umbanda no terecô podem ser vistos logo na entrada com

a presença, em algumas casas, do nome Tenda Espírita de Umbanda, como na figura abaixo:

Figura 3 - Frente da Tenda Espírita de Umbanda Cosme e Damião



Fonte: Acervo da autora

Em tese, o terecô e a umbanda são religiões distintas que possuem suas ritualísticas e liturgias próprias. A chegada da umbanda em Codó é contada de duas formas: de acordo com a primeira, a chegada da umbanda a Codó se deu por causa de alguns codoenses brancos que resolveram estudar a umbanda praticada no sul do país. A partir desses estudos, os brancos médiuns de incorporação, que já participavam de sessões de espiritismo em um seletivo grupo, convidaram algumas lideranças de terecô para conhecer as reuniões de umbanda (Centriny, 2015).

A segunda teoria conta que a chegada da umbanda a Codó foi marcada pela instalação de Maria Silva Lima, mais conhecida como Maria Piauí, no centro de Codó, bem próximo à linha de trem da REFFSA²¹ (Ahlert, 2013). Maria Piauí teve inúmeros problemas com a polícia local por causa dos toques de tambor e pela adoção dos filhos das prostitutas da região, no total de 26 crianças (Centriny, 2015). Antes de se tornar umbandista, já tocava terecô nas matas próximas à Lagoa do Pajeleiro. A sua incessante vontade de conhecer outros cultos, a fez iniciar na umbanda e no tambor de mina. Os cultos de terecô, tambor de mina e as sessões de umbanda eram realizados de forma isolada (Centriny, 2015).

²¹ Rede Ferroviária Federal S/A.

Maria Piauí, ao filiar-se à Federação de Umbanda e Cultos africanos do Estado de São Paulo, recebeu a missão de filiar outros líderes religiosos da cidade a essa entidade (Centriny, 2015). Por isso, ao visitar alguns terreiros, encontramos a denominação de Centro Espírita de Umbanda ou Tenda Espírita de Umbanda e o nome do padroeiro. A Federação de Umbanda, ao se instalar na cidade, pôde ajudar os grupos de terreiros. Muitos terreiros se associaram à federação em busca de apoio para a busca de direitos e melhores condições de vida.

A umbanda legitimou as práticas do terecô. A partir da umbanda, os terecozeiros tiveram direito a seus cultos sem tanta intromissão da polícia local. De acordo com Araújo (2008, p. 4), “no discurso dos terecozeiros da cidade, é afirmado que foi também com a umbanda que o terecô deixou de ser mais perseguido”.

Centriny (2015) discute que a umbanda praticada em Codó é singular, pois alguns terreiros tem a essência do terecô e o nome de umbanda. Assim, podemos afirmar que a umbanda foi usada para abrir as portas dos ritos do terecô. No terecô moderno, algumas ritualísticas estão se perdendo e acabam gerando, nos mais velhos e terecozeiros mais tradicionais, o sentimento de que tudo está diferente.

As doutrinas e ritualística de abertura como, novariê, lovariê ou Dom Varie, são praticadas em poucas casas (Fontes, 2008). Outra mudança, após a umbandização do terecô, foi a denominação das entidades Acossi, Omolu, Kaviungo, que passaram a se chamar Obaluayê (Centriny, 2015).

As décadas de 50, 60 e 70, do século XX, foram marcadas pela mudança dos nomes dos terreiros, em Codó. A partir de então, alguns deixaram de usar os nomes das entidades para denominar os terreiros- por exemplo, Terreiro do Pajeleiro- e passaram a chamá-los de Tenda Espírita de Umbanda, pondo, em seguida, o nome de um santo católico (Centriny, 2015).

Centriny explica ainda que

O rótulo de umbandista oferecido aos terecozeiros codoenses os deixou orgulhosos com o engodo que o novo culto lhes proporcionaria, pois aquela novidade acabou definitivamente com as perseguições políticas e a igreja católica tornou-se mais flexível e tolerante. Os evangélicos da época eram em número insignificante e suas ações contra os terecozeiros/umbandistas eram isoladas e não chegavam a incomodá-los (Centriny, 2015, p. 296).

Foi a partir da umbandização do terecô que os cultos passaram a ser tolerados pelas comunidades detentoras de poder. Ao encontrarem a oportunidade

de manter os seus cultos, alguns elementos próprios do terecô se perderam com o passar dos anos.

Neste capítulo, passamos pela história de luta e resistência dos terecozeiros para continuarem a religiosidade dos seus ancestrais negros e negras. O terecô passou pelo processo de umbandização para continuar existindo, a fim de ter as suas práticas aceitas e diminuir a perseguição.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos os estudos realizados sobre a Terminologia, Semiótica das Cultura e sobre a Etnoterminologia. Esse aporte teórico foi basilar para a análise dos dados obtidos.

4.1 BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS

A Terminologia é uma disciplina centrada na investigação, organização e catalogação do termo- unidade mínima de significação do universo especializado. A Terminologia surgiu na metade do século XX, em meados de 1930, a partir da necessidade de normalizar os termos de um saber científico-laboral.

A prática terminológica é antiga e era realizada pelos cientistas de áreas como botânica, química e zoologia, no século XVII (Cabré, 2003). Segundo os estudos de Almeida (2000), o interesse pela Terminologia por outros campos da ciência se deu pela necessidade de se atribuir denominações aos conceitos científicos.

Nesse sentido, os estudos terminológicos passaram por grandes transformações para melhor compreender o objeto de análise, ou seja, a unidade terminológica. Na primeira metade do século XX, novas ciências e tecnologias foram desenvolvidas. A partir disso, houve a necessidade de harmonizar as novas denominações para facilitar a comunicação especializada (Almeida 2003). Com caráter normalizador, a Teoria Geral da Terminologia (TGT) foi sistematizada em meados do século XX pelo austríaco Eugen Wüster. O engenheiro reconhece a necessidade de profissionais especializados para o desenvolvimento de glossários e dicionários para a catalogação de termos,

Para Wüster, um objeto de estudo e de trabalho deveria justificar a sua existência pela sua função necessária na sociedade e, conseqüentemente, ser objeto de procura de profissionais dedicados à resolução específica de tais necessidades. Embora no início da década de 1950 os nomes terminólogo e terminóloga ainda não tivessem nascido, Wüster defendia contundentemente a necessidade de termos profissionais de terminologia capazes de criar dicionários especializados (chamados de dicionários técnicos), necessários num período de forte expansão e amplo

desenvolvimento da técnica e tecnologia²² (Cabré, 2005, p. 2, tradução nossa).

A TGT objetivava orientar e gerar produtos terminológicos, como pontua Cabré (2005). De acordo com Almeida (2003, p. 21), “a partir do século XX, a necessidade já não é somente de relacionar denominações a conceitos, mas denominar conceitos novos e, sobretudo, harmonizar as novas denominações”. Nessa época, houve a expansão das áreas científicas e laborais.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) desenvolvida por Wüster era concebida como uma área de estudo da Filosofia que mantinha “relações privilegiadas com a Lógica, a Teoria da Classificação e a Linguística (posteriormente com a Informática)” (Barros, 2004, p. 55).

Um ponto importante em relação a essa abordagem terminológica é o reconhecimento que fez da existência da variação terminológica, entretanto, a TGT tinha como um dos objetivos principais a eliminação de ambiguidades nos discursos técnico e científico que pudessem vir a ser geradas em função desse processo de variação. Por esse motivo, essa abordagem ficou conhecida como prescritiva.

Foi considerando esse cenário que Eugen Wüster publicou, na Universidade Técnica de Stuttgart, a sua tese de doutoramento intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica*, em 1931. Inaugurando, assim, a Teoria Geral da Terminologia (TGT).

A TGT objetiva tratar e estudar os termos a partir da perspectiva do monorreferenciamento, ou seja, cada termo designa um único conceito e cada conceito um único termo.

Essa teoria propõe métodos de investigação normalizadora dos termos, isto é, se ocupa da uniformização de conceitos e outorga os termos que os designam. Barros (2004) explica que o trabalho de normalização ainda é de grande importância para os estudos terminológicos. Essa abordagem é executada em pesquisas terminológicas realizadas em âmbito nacional e internacional.

²² Para Wüster una materia de estudio y de trabajo debía justificar su existencia por su función necesaria en la sociedad y, en consecuencia, ser objeto de demanda de profesionales dedicados a la resolución específica de dichas necesidades. Aunque en los primeros años cincuenta las denominaciones terminólogo, terminóloga no habían nacido aun, Wüster argumentó con tesón sobre la necesidad de disponer de profesionales de la terminología capaces de elaborar diccionarios especializados (denominados diccionarios técnicos), necesarios en un período de fuerte expansión y amplio desarrollo de la técnica y la tecnología.

Com o passar dos anos, outras necessidades surgiram e os estudos terminológicos adequaram-se para atender às novas exigências. A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) proposta por Maria Cabré e sua equipe, no antigo Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA), em 1999, da Universidade de Pompeu Fabra, em Barcelona, aventa uma análise na dimensão linguística do termo, ou seja, no seu funcionamento. Segundo Barros,

Cabré reconhece o valor do modelo de Wüster e sua contribuição aos desenvolvimentos dos estudos no campo da Terminologia, mas não deixa de considerá-lo reducionista e idealista, uma vez que esta parte do pressuposto de que o conhecimento especializado é uniforme e independente das línguas e culturas (Barros, 2004, p. 57).

A TCT considera que as linguagens especializadas sofrem os mesmos fenômenos da língua geral. Cabré (1999) salienta que a unidade lexical se faz termo ou vocábulo a partir do discurso no qual está inserida. Em relação aos pressupostos teórico da TCT, Silveira explica que

[...] os textos especializados e as unidades terminológicas podem se dar em diferentes níveis de especialização e podem ser descritos em diferentes níveis de representação. Nesse sentido, é por meio desse ponto de vista teórico-metodológico que se pode efetivamente descrever de maneira realística o universo terminológico (Silveira, 2021, p. 45).

O conhecimento humano está em constante mudança. Na medida em que ocorre a sofisticação desse conhecimento, conseqüentemente, há a ampliação do repertório léxico; em outras palavras, o conhecimento que se apreende da realidade faz surgir/ampliar novos campos científicos, técnicos, culturais, tecnológicos, que geram discursos especializados os quais evidenciam variações terminológicas tanto denominativas quanto conceptuais. Aqui, compreendemos variação denominativa como

[...] a característica de uma unidade de conhecimento especializada reconhecida e compartilhada por uma comunidade de especialistas de um domínio especializado (conceito) apresentar duas ou mais denominações em um ou mais contextos comunicativos próprios dessa comunidade; em outras palavras, um conjunto de elementos linguísticos ou de denominações, sejam linguísticas, numéricas ou braquigráficas, que representam um conceito dentro de um texto, seja oral ou escrito (Serra; Filho, 2021, p. 322).

Já a variação conceitual ocorre quando

tem-se um mesmo item lexical com diferentes acepções ou conceitos, mas com a manutenção de algum traço de significado comum, caracterizando a polissemia. Nas linguagens de especialidade, a sinonímia resulta em variação denominativa, enquanto a polissemia resulta em variação conceitual (Corno, 2014, p. 2014).

Nessa linha de pensamento, concluímos que a TCT compreende o termo como: (i) um saber compartilhado entre um grupo que utiliza o mesmo universo terminológico; (ii) uma unidade léxica que pode sofrer as mesmas interferências nos níveis fonéticos, sintático, semântico-conceitual; (iii) descritor das relações conceituais elaboradas nos discursos especializados.

A relevância dos discursos especializados é que o terminólogo consegue apreender a organização social, discursiva, conceptual, científica e organizacional dos grupos que os utilizam. Nesse sentido, podemos afirmar que conhecer o discurso especializado e, conseqüentemente, as unidades terminológicas dos terecozeiros de Codó é adentrar seu universo de especialidade religioso e seus usos.

Assim, Finatto e Azeredo contribuem com essa afirmação:

descrever qualquer linguagem técnica ou científica implica descrever seus diferentes usos, sobretudo os usos textuais, em diferentes situações. Dessa forma, além do texto em si, há todo um entorno de significação que precisa ser considerado quando se pretende descrever os usos de uma linguagem científica (Finatto; Azeredo, 2010, p. 560).

Costa e Gomes afirmam que “A TCT nos permite trabalhar com o construto básico de que: há terminologia quando há um produtor de discurso de especialidade que possua algum conhecimento restrito” (Costa; Gomes, 2013, p. 256).

Por isso, a importância do trabalho do terminólogo que investiga o universo do discurso especializado de um grupo. Ao conhecer os termos e os conceitos se assume o compromisso de manter e registrar os conhecimentos especializados desse grupo para facilitar a comunicação, para preservar a linguagem, padronizar procedimentos, promover a inovação e capacitar novos membros.

Entre as abordagens terminológicas também temos, também, a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), desenvolvida principalmente por Rita Termmerman, que considera a investigação terminológica descrevendo o caráter

evolutivo da linguagem, refutando as ideias anteriores de normalização e padronização da Escola de Viena (Siqueira, 2015). Os termos, conforme a TST, são vistos como componentes da língua, por isso, são prováveis das mesmas influências externas que estão presentes nas unidades lexicais da língua geral (Brangel, 2010).

A TST considera como princípio teórico que as unidades de investigação possuem uma estrutura prototípica (Temmerman, 2000, *apud* Queiroz; Nadin, 2023).

Tendo se originado do advento da Linguística Cognitiva e seus estudos sobre a área da metáfora, a TST permitiu pensar e analisar o termo longe de um caráter prescritivo e sob um viés cognitivo.

Segundo a visão tradicional da terminologia, “o termo ideal deve ser monossêmico” (Temmerman, 2004, p. 32), assim, um termo deve designar um único conceito. Isso se deu pela necessidade da Teoria Geral da Terminologia uniformizar os termos e conceitos. Com o olhar criterioso, Rita Temmerman faz duras críticas à TGT que, para a autora, não deve ser apresentada como uma teoria geral, mas sim, tradicional da terminologia. Ainda acrescenta que a metáfora não deve ser excluída dos estudos terminológicos, pois as unidades de interpretação evoluem conforme o tempo e o contexto comunicacional. A polissemia e a sinonímia, antes excluídas pela TGT, são reputadas pela TST.

Cabe aqui ressaltar que para a TST as unidades de interpretação “estão intrinsecamente relacionadas a aspectos culturais e ao fato de que os ‘termos’ são entidades motivadas pelos modelos cognitivos idealizados teorizados pela LC²³” (Queiroz; Nadin, 2023, p. 4).

A TST evita o uso do termo *conceito* por seu “caráter mais restritivo em sua definição tradicional” (Temmerman, 2004). Assim, devemos compreender unidade de interpretação como “[...] uma ideia que existe na mente das pessoas” (Temmerman, 2004). Segundo a TGT, o termo deve ser entendido como não-natural, não-arbitrário. Em contraposição, a TST considera o léxico especializado como natural, dessa forma, os termos fazem parte de uma comunicação natural e são entendidos por meio de interpretação. Ao se posicionar dessa forma, Temmerman aproxima a TST dos estudos propostos pela Linguística Cognitiva.

Com os avanços epistemológicos, Temmerman (2001) entende que fatores como sinonímia, polissemia, metáfora, são inerentes ao léxico de determinado domínio assim como a língua de uso geral.

²³ Linguística Cognitiva.

Pensando nisso, Temmerman contrastou os princípios defendidos pela TGT de Eugen Wüster, buscando posicionar “novos alicerces relacionados ao estudo do termo” (Queiroz; Nadin, 2023, p. 3).

A referida autora discute que os princípios e métodos da TGT já não conseguiam atender todas as questões do léxico especializado. A partir dessa necessidade, Rita Temmerman propôs novos princípios e métodos que levassem “em conta muitas outras situações comunicativas e cognitivas” (Temmerman, 2004, p. 33).

A autora organizou cinco princípios, a saber: princípio um: unidades de interpretação; princípio dois: compreender é classificar modelo cognitivos; princípio três: representação de modelo; princípio quatro: funcionalidade da sinonímia e da polissemia; princípio cinco: modelos cognitivos estão em constante transformação (Queiroz; Nadin, 2023).

No princípio um da TST, a *unidade de interpretação* substitui o ponto de partida da TGT, ou seja, o *conceito*. A mudança se deu pelo caráter restritivo da definição tradicional.

Esse princípio parte da ideia de que a terminologia só pode ser estudada no discurso. Assim, o termo é o ponto de partida das investigações terminológicas e não o conceito. A TST enfatiza que os termos não são unidades fixas, mas sim, estão intrinsecamente ligados ao cognitivo e a forma como são usados em diferentes contextos, portanto, o termo está ligado às interações sociais (Queiroz; Nadin, 2023).

Quanto ao princípio dois, compreender é classificar modelo cognitivos. A TST acredita que “a compreensão é um evento estruturado” (Queiroz; Nadin, 2023, p. 3). Segundo essa teoria o que importa são as relações lógicas e antológicas, assim, funciona em modelos cognitivos.

O princípio três, representação de modelo, revela que na TGT, a depender do tipo de unidade, do nível e do tipo de especialização do emissor e do receptor pode variar a informação mais ou menos essencial para a formulação da definição.

Em relação ao princípio quatro, funcionalidade da sinonímia e da polissemia, antes excluídas da TGT, a sinonímia e a polissemia são entendidas, pela TST, como funcionais no processo de compreensão. Pela constante evolução na comunicação, novas denominações vão surgindo para o mesmo referente e a TST acredita que

essa evolução influencia os modelos cognitivos, pois necessitam de melhores e novos entendimentos (Silveira, 2021).

No que diz respeito ao princípio cinco, modelos cognitivos, esses estão em constante transformação; consiste nas transformações a partir das evoluções das unidades de interpretação. Vários são os fatores influenciadores, dentre a procura por melhor entendimento ou mais amplo; interação entre distintos usuários reestruturação prototípica, como resultado de um processo social (Silveira, 2021).

Em seguida, temos a Socioterminologia, ramo de estudos da Terminologia, que entende a linguagem técnica como resultado das línguas naturais. Essa disciplina teórica pretende analisar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e teóricos (Faulstich, 2006).

A Socioterminologia surge das concepções da Sociolinguística de Labov (1966) (Aragão, 2010). Segundo Faulstich (1995), a primeira vez que o nome Socioterminologia foi mencionado foi na publicação em Quebec, número 7-8 do OLF, por Jean-Claudine. No final dos anos de 1980, começa o movimento de uma Terminologia voltada para as práticas sociais (Gaudin, 2014).

Gaudin (2014) explica que o termo Socioterminologia aparece no início da década de 1980 com os trabalhos de Jean-Claude Boulanger, de Pierre Lerat e de Monique Slodzian. Posteriormente, só em 1990, a Socioterminologia teve o seu conceito firmado.

A Socioterminologia tem como objetivo o estudo de termos de um determinado domínio considerando as questões sociais como influenciadores do léxico de determinado domínio. Aragão (2010) considera que

Enquanto a Sociolinguística estuda as relações entre as estruturas linguísticas e as variações sociais da língua comum, a Socioterminologia, por sua vez, reconhece que as variações terminológicas nas línguas especializadas são determinadas por fatores sociais (Aragão, 2010, p. 40).

Essa disciplina teórica compreende que numa mesma área de saber especializado, em diferentes níveis de comunicação, há diferentes termos para descrever o mesmo conceito. Nesse sentido é que os especialistas da Socioterminologia se debruçam sobre a investigação de textos especializados, incluindo textos orais, em busca de encontrar variantes terminológicas a fim de elaborar produtos terminográficos (Faulstich, 2006).

No que tange aos estudos socioterminológicos desenvolvidos no Brasil, Pereira afirma que

os estudos em Socioterminologia tiveram início na Universidade de Brasília-UNB, mais especificamente, no Grupo de Pesquisa Léxico e Terminologia, coordenado pela professora Enilde Faulstich o qual buscava organizar a Socioterminologia em dois campos: a) a Socioterminologia como prática do trabalho terminológico, fundamentada na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem; b) a Socioterminologia como disciplina descritiva que estuda o termo sob a prescritiva linguística na interação social (Pereira, 2020, p. 48).

Percebemos, com esse percurso teórico, que novas abordagens surgiram para complementar os estudos terminológicos, levando em consideração as situações reais de uso do léxico especializado. Sob essa ótica, Aragão pontua que

Partimos das novas abordagens dos estudos do léxico com enfoques sociais, através da socioterminologia, e culturais, através da etnoterminologia, cujos conceitos surgiram a partir da constatação de que mesmo o termo, até então considerado invariável, pode apresentar variações dentro de uma mesma área de especialidade. Tais conceitos trouxeram novos olhares para os trabalhos terminográficos, acrescentando-lhes um perfil sócio-linguístico-cultural, mostrando a existência da influência de aspectos diatópicos, diatécnicos e diastráticos nas terminologias de línguas de especialidade (Aragão, 2010, p. 35).

Nesta pesquisa, consideramos que os discursos especializados sofrem os mesmos fenômenos da língua geral, ou seja, a variação linguística, sinonímia, polissemia. No universo do discurso dos terecozeiros, em Codó, foi possível detectarmos variantes denominativas para um mesmo conceito, conceptualizações e termos exclusivos, entre outros fenômenos.

4.2 TERMINOGRAFIA

A fim de fazer o registro das linguagens especializadas, surge a Terminografia. A Terminografia é uma área de conhecimento da Terminologia que objetiva orientar a produção de glossários/dicionários dos universos dos discursos especializados. Costa (2015) afirma que a Terminologia é considerada uma disciplina aplicada e tem como finalidade a criação de dicionários especializados, banco de dados, glossários que “ao contrário dos dicionários de língua geral, refletem e registram o léxico de determinado domínio ou área de conhecimento,

sendo, por isso, mais concisos e restritos que os dicionários gerais” (Costa, 2015, p. 43).

Os materiais terminográficos são essenciais para esclarecer dúvidas de pessoas que não possuem conhecimento em uma determinada área científica, laboral ou cultural. Esses usuários buscam compreender os termos específicos de um universo discursivo particular, que se diferencia dos dicionários de língua geral. Enquanto os dicionários abrangem significados da linguagem geral, os materiais terminográficos focam exclusivamente no termo, proporcionando um conhecimento mais preciso e aprofundado desse contexto.

Os dicionários de língua geral admitem que o mesmo vocábulo-entrada tenha duas ou mais significações, ou seja, polissemia. No entanto, nos materiais terminológicos de um contexto especializado, termos polissêmicos possuem duas ou mais entradas, conforme a conceituação elencada (Bevilaqua; Finatto, 2006).

O léxico de determinado domínio apresenta nuances que os dicionários de linguagem geral não conseguem captar devido à sua complexidade. Portanto, é crucial o desenvolvimento de materiais dedicados aos universos discursivos específicos.

Os dicionários ou glossários especializados democratizam o acesso ao conhecimento de dado contexto discursivo. Em uma situação de comunicação, os usuários podem buscar novas significações dentro de uma obra de referência especializada que objetiva “auxiliar especialistas, leigos ou aprendizes em questões especializadas” (Schierholz, 2012, p. 56).

O trabalho do terminólogo é elaborar materiais descritivos que sejam facilmente compreendidos pelo usuário, sem a necessidade de consultar outras fontes. Sua função é descrever termos, elencando as características principais e evitando a duplicidade de sentidos, empregando uma linguagem clara para evitar qualquer confusão.

4.3 ETNOTERMINOLOGIA

A Etnoterminologia é um campo de estudos da Terminologia que tem como objetivo compreender a linguagem de uso especializado de cunho étnico-cultural. A Etnoterminologia tem um caráter transdisciplinar e conversa com áreas do conhecimento como a Semiótica, a Terminologia, a Lexicologia, Antropologia e a

Literatura. Essa disciplina foi desenvolvida por Maria Aparecida Barbosa e aplicada pelos/as seus/suas orientandos/as.

Ao estudar sobre essa abordagem da Terminologia, foi possível dividirmos a história da Etnoterminologia em 3 momentos: (i) no final da década de 90 e início dos anos 2000, Maria Aparecida Barbosa e Cícero Pais desenvolvem importantes discussões teóricas a fim de firmar a Etnoterminologia como disciplina; (ii) entre 2010 a 2013, as orientandas da professora Maria Aparecida Barbosa, Latorre (2011; 2013) e Santos (2013), entre outros, fizeram pesquisas tomando como base teórica a Etnoterminologia; (iii) o surgimento da ramificação dos estudos etnoterminológicos proposta por Gomes e Costa (2013), na Universidade de Brasília (UNB), que receberam contribuições da Ecolinguística. Como se pode constatar, os estudos etnoterminológicos estão em constante evolução. Atualmente, esse campo de investigação da área da Terminologia atrai inúmeros adeptos nas universidades brasileiras.

4.3.1 Área da investigação etnoterminológica

Os discursos etnoliterários são os espaços de investigação da Etnoterminologia. O universo do discurso etnoliterário deve ser compreendido como um “produto do sistema dos saberes produzidos, herdados e compartilhados por um grupo étnico, sociocultural e linguisticamente idiossincrático” (Santos, 2013, p. 75).

São nesses discursos que se encontram as especificidades antropoculturais que vão para além dos conceitos universais. É no universo dos discursos etnoliterários que as palavras ganham significações próprias, por meio do acréscimo ou retirada de semas, neologismos, entre outros fenômenos. Assim, é possível compreender a visão de mundo desses sujeitos a partir da análise desses discursos etnoliterários desde o plano cognitivo e semiótico.

Os discursos etnoliterários são extraídos da visão de mundo dos sujeitos que trocam entre si as experiências e as representações do mundo. Nesse tocante,

Toda manifestação linguística encerra a conceptualização de uma cultura que constrói semioticamente suas relações de poder, ideologias, valores e modos de encarar a realidade, que se presentifica em cada palavra, no interior de diferentes universos de discurso (Latorre, 2013, p. 72).

A partir das representações extraídas das experiências, as unidades lexicais apresentam funcionalidades próprias de noêmas antropoculturais. Assim, as unidades lexicais de uma língua apresentam determinadas funções dependendo do discurso em que estão sendo utilizadas. Por isso, partimos da ideia de que o léxico é plurifuncional, ora está termo, vocábulo ou vocábulo-termo, a depender do discurso no qual está inserido.

Corroborando essa ideia, Barbosa (2006, p. 50) afirma que “uma unidade lexical não é termo ou vocábulo em si mesma, mas, ao contrário, está em função ‘termo’ ou em função ‘vocábulo’ ou seja, o universo de discurso em que se insere determina seu estatuto, em cada caso”.

4.3.2 Apreensão da realidade: percurso gerativo da enunciação

O homem está afixado ao mundo natural. O mundo natural é codificado por meio dos conhecimentos estruturados socialmente. A partir de então, essas estruturas criam um outro universo, diferente do primeiro, o qual o homem e os seus pares julgam real. A atividade de codificação do mundo natural é uma atividade estimulada por influências e condicionada pela semiótica natural, que traz os modelos de estruturação (Barbosa, 1996).

A codificação do mundo natural deve ser compreendida como o espaço de construção semiótica da visão singular de mundo do sujeito e de sua comunidade. Essas construções são realizadas a todo momento com base nos conhecimentos que são próprios desse grupo. Assim, para compreender a codificação do mundo natural feita por um grupo é preciso conhecermos o seu discurso especializado.

É notório que todo grupo humano tem uma semiotização do mundo natural a partir dos acontecimentos que consegue observar, construída por meio do universo que organiza a língua natural que usa. Antes de conhecermos o discurso especializado, é preciso compreendermos como se dá o percurso de codificação e decodificação do mundo natural, pois, só assim o analista etnoterminológico conseguirá traduzir o discurso especializado.

O percurso gerativo da enunciação de codificação é, assim,

estruturado em momentos, ao longo dos quais é descrito cada nível do seu processo global, cujo produto final é o texto manifestado que sustenta o

processo permanente de produção de significação e de unidades léxicas neológicas: ou seja, trata-se de um processo que se dá em ciclos, movimento que atesta a vitalidade linguística com a introdução de unidades lexicais que, como nos ensinou Ieda Maria Alves, *recicla* os elementos disponíveis (Latorre, 2013, p. 77).

Decorre o percurso gerativo da enunciação de codificação em forma de ciclos que se manifestam na fase semiótica e finaliza naquilo que entendemos como língua. Por isso, a produção de significação é naturalmente atribuída aos semas formadores do *conceptus*, é reflexo da visão de mundo singular do grupo.

O percurso gerativo da enunciação de codificação inicia pela percepção do mundo natural. Essa percepção se dá pela organização semiótica que é construída cognitivamente, cuja construção varia de grupo para grupo, pois cada um atribui as concepções compartilhadas entre si, passando do campo estruturável para o campo estruturado. A realidade fenomênica é percebida, apreendida pelo homem e convertida em estruturas semânticas gerando reflexos culturais atribuídos à base lexical (Barbosa, 2004; Latorre, 2013).

Destarte, Barbosa explica que

De fato, esse percurso inicia-se com a percepção dos ‘fatos naturais’, que são substâncias estruturáveis, enquanto informação potencial, para os homens, mas que se convertem em substâncias estruturadas, quando apreendidas pelos grupos linguísticos e socioculturais, de diferentes maneiras, embora mantenham um núcleo de percepção biológica universal. Esse primeiro momento, da percepção, desencadeia um segundo momento, o de início do processo de *conceptualização*, ou da passagem da percepção à *conceptualização* (Barbosa, 2011, p. 64).

É da percepção dos fatos dispostos no mundo que se desenvolve a *conceptualização*, núcleo de percepção biológica universal. Dessa forma, o processo de cognição de construção dos saberes dispostos no mundo assume características específicas, pois está ligado à formulação do mundo (Barbosa, 2011).

O segundo momento, o da *conceptualização*, está entre duas linhas: a da percepção e a da estruturação. Essa segunda etapa do ciclo, a *conceptualização*, conduz o que foi percebido na primeira etapa e o transforma em conceito. Nessa etapa, considerada pré-linguística e pré-semiótica, os fatos apreendidos ganham forma, os traços semânticos são organizados por meio das *latências*- biofatos percebidos/observáveis que têm seus traços identificáveis que, segundo Hjelmslev (2006, p. 53-66) *apud* Moura, 2019, p. 12), “[...] os fatos observáveis têm seus traços

identificadores em estado potencial, como substâncias de conteúdo, estruturáveis, apreensíveis”. Em seguida, surgem as *saliências*- traços semânticos observáveis nas *latências* que são potencializados, ou seja, certas características são destacadas entre as demais pelo indivíduo ou pelo coletivo e configuram o conceito. Finalmente, as *pregmências* que concluem o processo de *conceptualização* por meio de conjuntos noêmicos formadores do conceptus, nos quais correspondem aos recortes culturais.

Antes de partirmos para a terceira fase do percurso gerativo da enunciação de codificação, é necessário fazer a diferenciação dos termos *conceituar* e *definir* que muitas vezes são usados de forma equivalente. A grandeza conceito situa-se em um nível pré-linguístico, pré-semiótico. Por isso, é possível existir conceituação sem denominação. Barbosa explica que há conceitos sem denominações, “há conceitos com duas ou mais denominações, como também é possível que uma mesma denominação comporte dois ou mais conceitos” (Barbosa, 2011, p. 66).

Já a *definição* é resultado do processo de modelo mental que analisa e descreve o semema linguístico, “seu ponto de partida é a estrutura linguística manifestada” (Barbosa, 2011, p. 67). Vale ressaltar que o percurso gerativo é realizado não somente pelo sujeito enunciador, mas também por aquele que reutiliza os vocábulos ou termos já existentes, acrescentando ou diminuindo semas.

A semiotização ou semiologização constitui a terceira fase do percurso gerativo da enunciação de codificação. Nela ocorre a transposição do conceptus virtual para o modelo mental/semiótico, o que produz um recorte cultural.

Na estruturação desse modelo cognitivo é que é possível identificar a construção dos conceitos. Os *conceitos* são a manifestação da percepção interpelada pela cultura, por isso o mundo natural é visualizado por diferentes ópticas. Ao compreender essa máxima, é possível estabelecer um espaço de respeito às diferenças. Nesse sentido, Latorre explica que

Esses três momentos – da percepção, da estruturação e do fim da conceptualização – constituem, assim, o próprio percurso da cognição entendido como a apreensão e construção de uma “visão de mundo”, formação do fato estruturável, como registra Barbosa, ao estudar as unidades padrão do plano cognitivo e semiótico (Latorre, 2013, p. 79).

O percurso da cognição se cristaliza a partir do processo de conceptualização. Para abastecer a fase da conceptualização, é necessário que

sejam atribuídas significações e noemas universais, biofísicos que fazem parte do grupo de semiótica natural, conceito stricto sensu. Ainda nesse subconjunto de conceptualização, o metaconceptus apresenta os noemas naturais e é, também, revestido dos noemas ideológicos-culturais, movimentado pela redução/ampliação de traços noêmicos por meio das experiências étnico-culturais que são próprias dos grupos.

Pelo exposto, percebemos que aprendemos como se organiza o processo de conceptualização. Após a conceptualização estruturada, há o ato de lexemização ou de terminologização, considerado por Barbosa (2004) como a quarta fase do percurso gerativo da enunciação. A lexemização e a terminologização se referem “à conversão do conceito em grandeza-signo, em que se deixa o nível cognitivo para se passar ao nível semiótico propriamente dito” (Barbosa, 2004, p. 57).

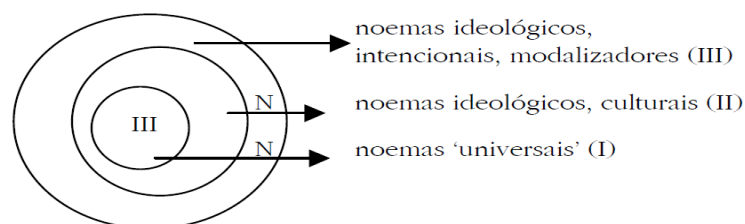
Isso exposto, Barbosa contribui ao afirmar que

lexemização e da terminologização, ou seja, corresponde à conversão do conceito em grandeza-signo, em que se deixa o nível cognitivo, para se passar ao nível semiótico propriamente dito. A lexemização é aqui entendida como “la mise en lexème”, e terminologização como “la mise en terme”, ou seja, próprio ato de instaurar a significação. Dessa forma, o metassistema conceptual, o mesmo para todas as semióticas- objeto de uma cultura, produz conjuntos de semas conceptuais que desempenham o papel de matrizes sígnicas, para os diferentes sistemas semióticos de uma mesma cultura, de uma macrossemiótica, em suma, por meio dos processos de semiologização, lexemização, terminologização e semiotização (Barbosa, 2011, pp. 65-64).

Para explicar o processo conceptual, Barbosa (2004, p. 61) fez o seguinte esquema:

Figura 5- Campo conceitual como conjunto unitário

Campo conceptual como conjunto unitário

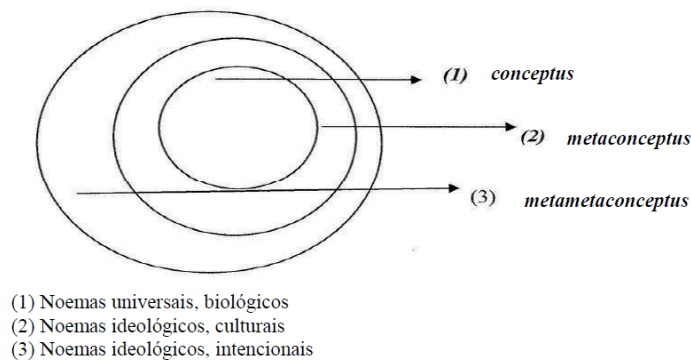


Fonte: Barbosa (2004)

Concluimos que o processo gerativo da enunciação de codificação e decodificação consiste nas relações estabelecidas no processo de conceituar algo próprio do mundo natural ou imaginário por meio de modelos mentais que correspondem a um recorte cultural que, em seguida, se reflete na estrutura léxica.

Assim, podemos afirmar que a estrutura do conceito *lato senso* é representada por um subconjunto de noemas biológicos e universais que servem para a composição da conceptualização da semiótica natural (*conceptus*); por um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, culturais, aos quais são acrescentados ou subtraídos semas formadores do *conceptus* a partir das experiências étnico-culturais (*metaconceptus*); e, por fim, um subconjunto de traços semânticos conceptuais, ideológicos, intencionais, esse último é o mais importante pois é a tradução do analista etnoterminológico (*metametaconceptus*). (Barbosa, 2001). Essa estrutura está representada abaixo:

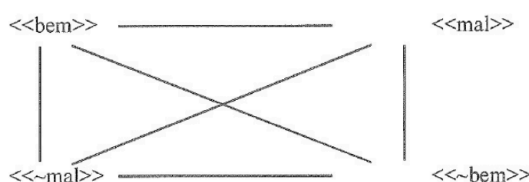
Figura 6- Estrutura do conceito lato sensu



Fonte: Barbosa (2001)

Ao se criar um conceito, concomitantemente, evoca-se o seu contrário. Um conceito liga-se a outro conceito, necessariamente. Essas relações permitem conhecer o processo da intertextualidade em um nível conceitual inicial, pois um conceito está intrinsecamente ligado a outro, como fica exposto no esquema a seguir:

Figura 7- Processo da intertextualidade em um nível conceitual inicial



Fonte: Barbosa (2011)

4.3.3 Vocábulo, termo e vocábulo-termo: dinamismo linguístico

O estatuto de vocábulo, termo, ou vocábulo-termo é dado à “palavra” de acordo com o discurso em que está inserida. As unidades lexicais, a partir dessa perspectiva, devem ser compreendidas como plurifuncionais.

Desse modo, o vocábulo está inserido no universo do discurso da língua geral, e é entendido por grande parte dos falantes de uma mesma língua, e o termo está inserido no contexto especializado técnico-científico-laboral e/ou cultural e é compreendido, em geral, pelos pares que compartilham o mesmo saber especializado; o vocábulo-termo, por sua vez, apresenta um saber especializado que reflete a conceptualização de mundo dos sujeitos e seus pares, revestidos de conceptus que, pelo grau de especificidade, se distancia tanto do discurso técnico-científico-laboral quanto do discurso da língua geral.

É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente. Nessas condições, a unidade lexical do universo de discurso etno-literário tem um estatuto nitidamente diferente (Barbosa, 2006, p. 50).

O pesquisador que se dedica a desenvolver estudos no âmbito da Etnoterminologia deve ter contato e familiarização com o contexto pesquisado, para poder traduzir a visão singular de mundo, o valor semântico social do grupo alvo da investigação.

Pelo exposto, estudar a linguagem dos terecozeiros de Codó-MA é adentrar ao universo da conceptualização, aos valores sociais partilhados entre os pares porque a investigação etnoterminológica exige o conhecimento do mundo sociocultural.

Pelo exposto, são imprescindíveis as pesquisas na área da Etnoterminologia a fim de se reconhecer os vocábulos-termos e se identificar a conceptualização definida pelos falantes que é atravessada histórica, cultural, geograficamente, para se conhecer a realidade e os valores semânticos conservadores da axiologia de um grupo (Latorre, 2013).

4.4 SEMIÓTICA DAS CULTURAS

O mundo natural do qual o homem faz parte é composto por sentidos que lhes são atribuídos. A atribuição de sentido é um ato que acontece na língua. Cada grupo humano atribui sentidos ao mundo natural, isso se dá na manifestação do pensamento e da linguagem. De acordo com o linguista Greimas (2000, p. 373), “psicologia da linguagem ou a dicotomia entre pensamento e linguagem foi abandonada em benefício da concepção de linguagem onde o sentido é iminente a forma linguística”²⁴

Ambos merecem ser estudados de forma isolada, mas não se pode retirar o ciclo de significação entre a língua e o pensamento. Greimas pontua que há vínculo entre essas partes e que o pensamento influencia a língua.

A denominação não está atrelada à coisa denominada, por isso a língua é considerada arbitrária. A partir disso, podemos afirmar que a língua é uma convenção social e que esta convenção varia conforme o grupo.

Dentro dos grupos sociais, os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos e, ao fazerem parte do conjunto, compartilham os saberes, axiologias, e desenvolvem um olhar egóico, ou seja, visão nuclear do grupo social. Partindo dessa ideia, Fiorin afirma que “a língua não é uma nomenclatura que se aplica a uma realidade categorizada independentemente dela e anteriormente a ela. A atividade linguística é uma atividade simbólica. Uma língua articula conceitos e não etiquetas aplicadas às coisas. Nomear é categorizar a realidade, é organizar o mundo” (Fiorin, 2014, p. 56). Assim, podemos compreender a língua não como uma ordem do mundo, mas sim, como uma forma de caracterizá-lo que surge dentro dos grupos humanos.

²⁴ “psychologie du langage où la dichotomie de la pensée et du langage est abandonnée au profit d’une conception du langage où le sens est immanent à la forme linguistique”.

A Semiótica das Culturas é uma disciplina multidisciplinar que engloba a semiótica cognitiva, linguística, antropologia social, história (Pais, 2009). Esse campo de estudo apresenta

aspectos dos processos de cognição e das relações de significação, enquanto fenômenos conceptuais e metalinguísticos, conjunto de procedimentos determinantes de intertextualidade, interdiscursividade, transcodificação, face às articulações postuláveis entre semântica cognitiva, semântica de língua e de discurso, sociosemiótica, semiótica das culturas, semiótica da interpretação (Pais, 2009, p. 200).

A Semiótica das Culturas configura-se como uma disciplina da tolerância segundo a qual as diferenças semióticas do mundo natural partem de algo que vem antes da língua, ou seja, da conceptualização que é atravessada pela cultura. A partir desse olhar, é possível afirmar que a realidade é construída socialmente. As mudanças diacrônicas ou sincrônicas no nível semiótico irão influenciar no esvaziamento ou adição de semas nos lexemas.

É preciso refletirmos que cada cultura tem o seu complexo conjunto de processos semióticos elaborados no nível da linguagem verbal ou não-verbal, das relações conceptuais, ou seja, na macrossemiótica dessas culturas. São elas que dão sustentação ao mundo semioticamente construído. Ao refletirmos sobre essa ideia, é possível detectar que as coisas que estão dispostas no mundo apresentam significados distintos dentro dos grupos culturais/sociais. Alguns grupos culturais/sociais tiveram a construção semiótica do arco-íris enquanto a aliança de Deus com Noé; em outros, o arco-íris representa o *vodun Dã* (cultuado no terecô e em outras religiões de matriz-africanas). Os significados atribuídos ao arco-íris são representações interpeladas pela língua e pela cultura. Por assim dizer,

A língua não é uma nomenclatura que se aplica a uma realidade categorizada independentemente dela e anteriormente a ela. A atividade linguística é uma operação simbólica. Uma língua articula conceitos e não etiquetas aplicadas às coisas. Nomear é categorizar a realidade, é organizar o mundo (Fiorin, 2021, p. 23).

Os sentidos empregados semioticamente, como o do exemplo anterior, se dão por meio de trocas de saberes dos grupos. Assim, Pais afirma que

A formação, a educação (formal e informal) constituem fatores relevantes na (re)construção e manutenção do processo histórico dos indivíduos e do grupo. Configura-se, assim, uma trajetória de progressiva integração, como

atividade incessante, no sistema e nas práticas culturais, que conduz à constituição de uma identidade cultural e assegura, simultaneamente, a tolerância e o respeito à diversidade cultural (Pais, 2009, p. 199).

As identidades culturais, como mencionado anteriormente, são construídas no seio social. São essas construções que contribuem para a subjetividade discursiva e enunciativa dos sujeitos atravessados pela cultura.

A educação formal e informal é uma importante chave na construção das visões de mundo dos indivíduos e do coletivo. É, portanto, uma importante trajetória de interação das culturas que conduz à formação identitária (Pais, 2009). A interferência diacrônica ou sincrônica pode desenvolver variações semânticas dentro de uma mesma realidade linguística, interrompendo semas e/ou construindo outros.

Dessa forma, a estrutura de criação, de conceptualização e denominação são dispostas pela capacitação no nível semiótico. Assim,

Os sistemas semióticos sustentam-se, com efeito, numa tensão dialética – imprescindível ao seu pleno funcionamento – entre duas forças contrárias, não excludentes mas complementares, a da conservação e a da mudança. A oscilação entre as duas tendências ocorre sem que os falantes se apercebam, as mais das vezes, que a língua deixa de ser idêntica a si mesma, enquanto falam. A força de conservação assegura a continuidade histórica e a intercompreensão dos sujeitos falantes-ouvintes da comunidade; a força de mudança capacita a língua a atender às novas necessidades de comunicação e do processo de renovação social (Barbosa, 1999, p. 33).

Desse modo, é correto afirmar que cada grupo cultural possui uma visão singular de mundo, revelando um mundo fenomenologicamente construído por meio de processos complexos no nível semiótico- sistemas e discurso verbais, não-verbais e sincréticos (Pais, 2009). Essas construções no nível semiótico são compreendidas como textos, ou seja, são para além das formulações linguísticas; são comportamentos e formas organizacionais expressas na vida social. Os textos são compreendidos como semiosfera-espaco onde ocorrem as interpretações (semiose). A semiose é interpelada pelas relações socialmente construídas. Por tal motivo, as significações de um espaco se dão a partir do local o qual o sujeito ocupa.

Por conseguinte, a semiótica da cultura evoca as línguas/linguagens naturais para compreendê-las e ao mundo natural. O mundo natural deve ser entendido como uma realidade de sentidos sob todas as aparências sensíveis (Fiorin, 2021).

A todo momento, há uma batalha entre o novo e o antigo, no nível semiótico não é diferente. A conservação ou a inovação com acréscimo ou retirada de traços semânticos, dentre outros fenômenos, mostra que a língua se adequa para atender à necessidade do grupo. É nas relações entre os pares que os sujeitos constroem a visão de mundo. É importante dedicarmos este espaço para salientar que apesar da Semiótica das Culturas falar sobre cultura, nesse campo de análise, não houve a preocupação em definir cultura (Fiorin, 2021).

É então que consideramos que a visão de mundo - como parte da cultura- é a macrossemiótica, sistema de valores, sistema de crenças e um mundo semioticamente construído (Pais, 2009).

5 METODOLOGIA

Nesta seção, ressaltamos os caminhos metodológicos usados para orientar esta pesquisa. A observação dos fenômenos deve ser vista a partir de uma metodologia de análise, independentemente de qual seja a escolha do pesquisador. Demo (1995) afirma que a metodologia é uma trilha que deve ser seguida para se chegar aos objetivos propostos. A presente pesquisa se baseia na abordagem de investigação científica de natureza etnográfica- que tem como alicerce a investigação de pessoas a partir de suas crenças e comportamentos- e de cunho qualitativo (Mattos, 2011).

5.1 LOCUS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Codó que fica localizada no leste maranhense. Apesar do terecô ser bastante difundido nas cidades do interior do Maranhão, a escolha dessa cidade se deu por ser considerada o berço do terecô nesse estado (Ferretti, 2007).

Devido à grande extensão territorial da cidade e, conseqüentemente, do tempo que seria necessário para a coleta de dados em todos os povoados, delimitamos esta investigação na área urbana de Codó. Assim, todos os terreiros pesquisados neste estudo estão situados na área central da cidade de Codó. Delimitamos esses espaços, também, porque os povoados que fazem parte da área rural de Codó possuem especificidades que merecem e precisam ser tratadas em outros momentos.

5.2 PERFIL DOS COLABORADORES

Para esta investigação, os oito colaboradores (quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino) que participaram da pesquisa tiveram que atender aos seguintes critérios pré-definidos: (i) ter nascido em Codó e não ter passado mais de 1/3 fora do município; (ii) ser participante de terecô há mais de dez anos; (iii) exercer atividades no terreiro que frequenta. Acreditamos que tais critérios foram fundamentais para assegurar que o colaborador conhecesse, realmente, a localidade investigada, não tivesse, na medida do possível, características próprias

de outras localidades em seu repertório linguístico e possuísse, de fato, uma ligação com o culto de terecô de Codó.

Para melhor distribuição dos dados sociais dos colaboradores desta investigação, realizamos uma tabela com informações sobre as funções exercidas por eles nos terreiros frequentados e o tempo de participação deles no terecô, conforme explicito a seguir:

Tabela 1- Informação sobre os colaboradores

Sigla dos colaboradores	Função no terreiro	Sexo	Tempo de participação no terecô
D.N.M.A.	Filha de santo	Feminino	15 anos
M.S.S.	Mãe de santo	Feminino	+ 50 anos
M.J.P.C.	Mãe de santo	Feminino	+70
M.N.N	Filha de santo	Feminino	+15 anos
S.S.C.	Cabaceiro/Tambozeiro	Masculino	+/-60 anos
A.J.P.F.	Pai de santo	Masculino	30 anos
W.A.S.	Filho de santo	Masculino	20 anos
D.S.	Pai de santo	Masculino	+50 anos

Fonte: Elaborado pela autora

Oportunamente, ressaltamos ainda que, embora a cidade de Codó já possua um expressivo quantitativo de terreiros, seguem surgindo, com frequência, novos espaços de cultos de religiões de matriz africana na cidade. Em função dessa grande quantidade de casas de cultos de terecô, delimitamos que os colaboradores investigados deveriam participar de terreiros com mais de dez anos de fundação. Acreditamos que esse critério tenha sido muito pertinente, pois o tempo de existência de um terreiro pode influenciar o repertório denominativo e conceptual dos participantes desse espaço.

5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA DE CAMPO

5.3.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Autorização para Uso de Imagem e Som

Antes de iniciarmos a pesquisa de campo, enviamos o trabalho ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão, por meio da Plataforma Brasil, que aprecia a ética de trabalho de pesquisa envolvendo seres humanos. Quando do

primeiro envio, a Comissão sugeriu algumas alterações. Para que houvesse uma outra avaliação, tivemos que esperar a realização de uma nova reunião do conselho de ética, que só acontece mensalmente. Além disso, é importante mencionarmos que os trabalhos de ciências humanas são avaliados com as mesmas particularidades que os das ciências da saúde, o que dificulta o processo de aprovação. Após atendimento dos ajustes solicitados e com o cronograma comprometido, reenviamos o trabalho ao Comitê e recebemos o aceite. Toda pesquisa de campo só foi realizada após o aceite dado pelo Comitê de Ética, portanto, esta pesquisa atendeu, rigorosamente, aos princípios morais e éticos da pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) objetivou esclarecer aos colaboradores a importância do trabalho para a preservação linguística e cultural do terecô, o uso dos dados coletados para fins científicos, a metodologia adotada nesta pesquisa, a opção de interromper a entrevista a qualquer momento, a realização de um encontro com duração de uma hora, etc.

Após a leitura do TCLE e dado o aceite pelo colaborador, foram assinadas e rubricadas duas vias do TCLE pelo participante e pela pesquisadora, ficando cada um com uma via. Outro documento que foi assinado pelos colaboradores e pela pesquisadora foi o Termo de Autorização de uso de Imagem e Som (Apêndice B), também em duas vias, permanecendo uma via com cada. Usamos esse Termo para obter a autorização do uso de imagens, vídeos e áudios que comporiam o *web site* do terecô.

5.3.2 Questionário

Inicialmente, para a confecção do questionário provisório, foram realizadas pesquisas de cunho bibliográfico a fim de compreendermos o mais amplamente possível o terecô em Codó. Em seguida, visitamos alguns participantes do terecô, na referida cidade, com o objetivo de aplicarmos o questionário provisório e observarmos quais questões deveriam ser mantidas, inseridas e/ou excluídas.

Após a aplicação-teste e reorganização do questionário, o enviamos a Cícero Centryny, importante pesquisador e praticante de terecô, que nos auxiliou na validação do questionário.

O questionário (Apêndice C) foi organizado em cinco campos semânticos²⁵, a saber: 1) ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas (dezenove questões); 2) convívio e comportamento social (treze questões); 3) instrumento musical (três questões); 4) comida e bebidas (quatro questões) e 5) vestuário e acessórios (cinco questões). Foram aplicadas 47 questões, distribuídas entre onomasiológicas e semasiológicas²⁶.

São consideradas questões semasiológicas aquelas que investigam os significantes para obtenção do fenômeno de significação. De maneira oposta, as onomasiológicas partem da significação para a identificação do(s) significante(s) (Biderman, 1984 *apud* Gava; Babini, 2012).

Justificamos o uso de questões onomasiológicas e semasiológicas por objetivarmos tanto descobrir/identificar vocábulos-termos do terecô de Codó como a conceptualização de algumas dessas unidades.

5.3.3 Coleta, tratamento, armazenamento dos dados e fichas etnoterminológicas

Após a coleta dos dados orais, por meio de gravador de voz, realizamos as transcrições grafemáticas das entrevistas, em *word*. Os dados coletados e transcritos foram armazenados no *Dropbox*, que funciona como nuvem, e todos os dados inseridos nesse programa podem ser acessados em qualquer dispositivo por meio de *login* e senha.

Optamos por usar esse tipo de armazenamento por ser mais seguro e facilitar a não repetição de dados de transcrição, diminuindo, assim, o tempo de trabalho de transcrição e revisão dos dados transcritos.

Para dar mais visibilidade aos dados, após a assinatura do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Som, algumas partes das entrevistas foram gravadas em vídeo com alguns colaboradores. As fotos e vídeos foram distribuídos no *web site*²⁷ junto com o glossário etnoterminológico. Vale ressaltar que, não tendo

²⁵ Espaço de sentido que dão conta de um certo tipo de atividade e experiência humana (Rottava; Silva, 2020).

²⁶ Dezesete questões semasiológicas e 30 questões onomasiológicas.

²⁷ Nesse *web site*, o navegador terá acesso às imagens, vídeos e ao glossário etnoterminológico. Para acessar, é só clicar em: <https://tereco.com.br/>

todos os conhecimentos sobre configuração de *web site*, contratamos um profissional que nos auxiliou na execução dessa ferramenta de divulgação científica.

Como percurso de análise da etnoterminologia, usamos fichas etnoterminológicas desenvolvidas pela pesquisadora Maria Aparecida Barbosa e posteriormente adaptadas por Latorre (2011) e Santos (2013). O objetivo da ficha é, sobretudo, reunir informações fundamentais para a análise da complexidade dos traços conceptuais formadores do vocábulo-termo.

Na ficha desenvolvida por Barbosa (2004), há campos de análise como: (1) entrada-termo; (2) categoria gramatical; (3) formação vernácula; (4) formação alogenética; (5) fonte; (6) contexto; (7) análise semântico-conceptual; (8) semas; (9) natureza formadores do conceptus.

Latorre (2011), tendo-a como base, ampliou-a para investigar o léxico especializado da obra *Grandes Sertões Veredas*. Santos (2013) usou esses trabalhos como alicerce para incorporar a ficha etnoterminológica para analisar o léxico especializado do quilombo de Jamary dos Pretos, em Turiaçu-MA. Dessa forma, retirou campos de informações sobre formação vernácula e alogenética, fonte, e acresceu campo semântico, conceptus dicionarizados, análise das acepções, definição do vocábulo e observações. Para Barbosa (2004), a análise por meio dessas fichas possibilita a verificação dos “três níveis de construção do conceito” (Barbosa, 2004), ou seja, do conceptus, do metaconceptus e do metametaconceptus.

No decorrer desta investigação, surgiram outras necessidades. Assim, fizemos adaptações nas fichas etnoterminológicas usadas por Santos (2013) ao anexarmos dados em relação ao modelo de escrita das definições terminológica com o intuito de melhorar a redação dos verbetes. Assim, acrescentamos gênero próximo -hiperônimo do vocábulo-termo investigado-; características intrínsecas -correspondentes à natureza, material ou tema que trata-; e, por último, características extrínsecas –referentes à função, modelo de operação, origem, destino e referente.

Ressaltamos a importância de verificarmos os dados por meio das fichas etnoterminológicas para analisar a natureza formadora²⁸ do conceptus, do metaconceptus e do metametaconceptus. Conseqüentemente, é um espaço para individualizarmos os estudos sobre cada vocábulo-termo para, assim, podermos

²⁸ Conjunto de traços caracterizadores biológicos aos ideológicos.

desenvolver amplamente as definições terminológicas. Ressaltamos, ainda, que foram considerados contextos de usos como semas complementadores para melhor exploração da conceptualização fornecida pelos participantes da pesquisa.

Os vocábulos-termos foram selecionados sem a utilização de programas computacionais. Após a transcrição dos dados, identificamos os prováveis vocábulos-termos e confirmamos a partir das pesquisas realizadas nos dicionários de língua portuguesa, Aulete e Aurélio. Ressaltamos que não utilizamos programas, para garantir que as variedades linguísticas da comunidade do terecô em Codó fossem capturadas, visto que programas automáticos podem não distinguir esta variação de forma adequada.

Nesta pesquisa, para alcançar o status de vocábulo-termo, as unidades lexicais²⁹ precisavam apresentar semas formadores próprios do discurso particular do universo do terecô. Para verificar isso, utilizamos os dicionários digitais Aulete e Aurélio, na modalidade online, pois trazem uma concepção geral, sem o revestimento de traços semânticos-ideológicos compartilhados pelos terecozeiros. Ainda, justificamos a escolha desses dicionários pela grande relevância e por apresentarem uma redação definitiva objetiva. Após essas análises, os verbetes foram validados por dois especialistas estudiosos e praticantes de terecô, da cidade de Codó. Salientamos que foi importante que esses especialistas validassem os verbetes para que as construções redacionais fossem representativas dos terecozeiros codoenses.

5.3.4 Organização do glossário etnoterminológico

O glossário do terecô de Codó proposto, nesta pesquisa, não possui caráter normatizador nem tem a pretensão de exigir que os terecozeiros de Codó usem a linguagem nele registrada. O objetivo principal deste glossário é registrar e preservar os termos usados pelos praticantes dessa religião antes que caiam em desuso, pois o terecô é uma importante religião para o estado do Maranhão e, principalmente, para o município de Codó.

Por essa óptica, os glossários são importantes materiais de consulta para se compreender os termos e suas definições usadas na linguagem especializada. Esse

²⁹ Consideradas como blocos de significação de uma língua e podem ser simples (um núcleo) ou complexas (mais de um núcleo).

tipo de material facilita a comunicação entre os pares e os novos usuários daquele campo especializado do saber e, geralmente, é utilizado por pessoas que já possuem algum tipo de conhecimento do universo do discurso estudado. Acrescentamos, ainda, que os glossários desenvolvidos sobre um saber de cunho cultural têm a sutil tarefa de preservar, por meio do trabalho terminológico, a denominação e a conceptualização que é de conhecimento daquele grupo específico.

Por isso, glossário terminológico tem como enfoque uma linguagem usada por grupos específicos, demonstrando os seus conjuntos de conceitos, noções de referências e valores de significação do grupo, a partir do padrão cognitivo estabelecido culturalmente e organizado pela língua (Finatto, 2001).

Os glossários, dicionários e enciclopédias são, sem dúvida, importantes materiais de estudo, análise e compreensão da língua geral e da terminologia de determinado domínio. Esses materiais não são listas exaustivas de palavras, mas estabelecem uma relação do que se tem nas línguas(gens) e como o lexicógrafo/terminólogo tenta ou intenciona traduzi-las e organizá-las.

A confecção de glossários de caráter terminológico contribui para conhecermos o sujeito-enunciador-autor e a comunidade e, simultaneamente, adentrarmos ao universo particular e coletivo. Isso requer que o terminólogo mergulhe no mundo dos sujeitos e observe como eles se comportam linguisticamente para formar banco de dados. O banco de dados é a fonte para extração de termos (Pavel; Nolet, 2002). Para compreender os termos, é importante que o pesquisador faça leituras, participe de eventos sobre a área pesquisada, converse com os usuários para os identificar. Pavel e Nolet afirmam que

O terminólogo deve conhecer os melhores documentos existentes em seu campo e avaliá-los por categoria de referência: enciclopédias, monografias, manuais universitários e técnicos, atas de congressos e colóquios, publicações especializadas e de divulgação, prospectos, folhetos publicitários, dicionários, vocabulários, bases de dados documentais, terminológicas e lingüísticas, endereços na Internet e páginas web dos melhores provedores de conteúdo em sua especialidade. Para facilitar a aquisição desse tipo de conhecimento, o terminólogo pode consultar documentalistas e especialistas e participar em foros ou grupos de discussão especializados via Internet (Pavel; Nolet, 2002, p. 8).

Finatto (2001) ainda explica que os glossários terminológicos são mediadores da comunicação entre quem tem o conhecimento especializado e quem não tem,

normatizadores da linguagem e organizadores da comunicação interna. A partir de tais características é possível observar a importância desse campo de análise linguística.

Nesse sentido, enfatizamos que para adentrarmos ao universo particular dos terecozeiros, participamos de grupos de *whatsapp*, festas religiosas, leituras sobre a temática e conversas com os participantes do terecô.

5.3.5 Macroestrutura

A macroestrutura de um trabalho terminológico é compreendida como a organização geral do repertório terminológico (Barros, 2004). A macroestrutura do glossário etnoterminológico dos terecozeiros foi organizada de forma vertical, ou seja, de cima para baixo.

Os vocábulos-termos-entradas são unidades terminológicas alvo de descrição em um glossário. Por outro lado, os verbetes são enunciados terminológicos que reúnem informações relativas ao vocábulo-termo-entrada.

Para melhor leitura do material, os vocábulos-termos-entradas foram distribuídos em ordem alfabética contínua, isto é, “não leva em consideração espaços em branco, nem os caracteres não alfabéticos ou sinais diacríticos, tais como apóstrofo, hífen, cedilha, til, acentos diferentes e outros” (Barros, 2004, p. 152).

Para o presente trabalho, os vocábulos-termos-entradas foram selecionados a partir dos seguintes critérios estabelecidos por ordem de importância para este estudo: (1) variante com maior ocorrência na fala dos sujeitos pesquisados, (2) vocábulos-termos não dicionarizados ou (3) vocábulos-termos dicionarizados, mas com semas distintos dos da língua geral. Realçamos que os vocábulos-termos-entradas elencados não precisaram atender obrigatoriamente a todos esses preceitos de forma simultânea, esses critérios foram usados para desempate. Avaliamos a relevância dos termos com base na sua frequência e importância no contexto do estudo.

Para atender às exigências do texto terminológico, verbos foram registrados no modo infinitivo e os adjetivos e substantivos, no masculino, salvo os casos em que o feminino foi conceitualmente distintivo.

Outro ponto que merece ser mencionado é a questão da variação no nível fonético. Apesar de sabermos que todas as línguas possuem variações nos seus diversos níveis, para esta investigação, não consideramos as variações fonéticas e registramos a forma gramatical do vocábulo-termo-entrada.

5.3.6 Microestrutura

A microestrutura é a forma organizacional em que os dados do verbete são distribuídos. O espaço destinado à microestrutura tem que apresentar uma boa organização, evitar duplicidade de sentido e manter o padrão de organização dos textos. O verbete, geralmente, é composto de dados gramaticais do vocábulo-termo-entrada e definição, entretanto, isso é passível de mudança conforme as necessidades dos dados terminológicos. Para se ter um bom material terminológico, é de fundamental importância que o padrão seja seguido em toda obra, como dito anteriormente.

Nesse sentido, o glossário terminológico do terecô de Codó foi organizado da seguinte forma: vocábulo-termo-entrada em negrito, na cor vermelha e com inicial maiúscula; categoria gramatical³⁰ em itálico; abaixo, em itálico e negrito o campo semântico em que o vocábulo-termo foi encontrado; definição; o contexto de uso, entre colchetes; os dados do colaborador, entre parênteses; e as variantes, quando houve, entre duas barras; sistema de remissiva, em itálico, quando necessário, conforme exemplo abaixo:

Quadro 1- Exemplo de organização do glossário

<p>Babá. <i>Adjetivo.</i> Convívio e comportamento social Pessoa responsável por cuidar do médium que está em transe e de seus pertences.</p> <p>Contexto de uso: [A gente chama de babá, né. Aquela pessoa que cuida da santidade da pessoa, ela é a babá do santo (W.S.A., sexo masculino, 01/05/2023)]</p> <p>//Variante: Servidor de santo, servente do santo, quedii//</p>
--

Elaborado pela autora

³⁰ É preciso compreender que, nos casos de sintagmas, faremos a análise gramatical como uma única unidade de construção de sentença.

A definição ou enunciado definicional, nesta investigação, foi compreendida como “o enunciado que descreve o conteúdo semântico-conceitual de uma unidade lexical ou terminológica em posição de entrada de um verbete” (Barros, 2004, p. 158-159). As definições terminológicas atendem à predominância de conhecimento atribuído às coisas e fenômenos (Finatto, 2001). O conteúdo conceitual representa a realidade semântico-conceitual do discurso especializado alvo da investigação.

O glossário etnoterminológico do terecô tem o caráter descritivo, isto é, descreve o significado de uma designação. Para isso, foi necessário investigarmos sobre como desenvolver a definição terminológica (DT).

As inquietações geradas pelo compromisso de se tentar apresentar a melhor definição terminológica estão constantemente presentes nas discussões entre os especialistas da lexicologia e da terminologia. Por isso, Jesus afirma que

Teóricos e equipes de organismos normativos de políticas linguísticas questionam qual deve ser a organização interna de uma definição, sua extensão, seu nível informacional, seu grau de didatismo etc. E esses questionamentos fundamentam-se já que, ao constituir uma das formas de intercompreensão dos sentidos de uma unidade lexical, a definição revela-se essencial nas situações comunicativas da língua geral e das línguas de especialidade (Jesus, 2020, p. 381).

A escrita do enunciado definidor é posterior à seleção, coleta e análise dos dados. O pesquisador, ao conhecer a área conceitual de referência para a elaboração da definição, situa-a e a difere com referências desse campo de saber, particularizando os significados dos termos ou expressões de uma terminologia de determinado domínio, expressando um saber ou conhecimento particular (Finatto, 2001).

Muito se fala sobre as definições terminológicas e cada autor elenca traços distintivos para a escrita de “uma boa definição”. Entre as características principais observadas nas recomendações de produção da definição terminológica (DT), destaca-se o clássico modelo do gênero próximo e gênero distintivo. O gênero próximo é o definidor inicial, o conteúdo hiperônimo do termo definido. Por outra perspectiva, o gênero distintivo é a especificidade que distingue o termo definido de outros termos da mesma classe. Vejamos o exemplo a seguir: *Manjar*. Comida (gênero próximo) *de santo* e de consistência pastosa branca feita com coco e arroz (gênero distintivo). Pensando no público alvo principal desta pesquisa, ou seja, nos

terecozeiros, em alguns casos, usamos o sistema de sinonímia para melhor compreensão do texto definitório.

Para a produção da definição terminológica considerada adequada para este trabalho, adotamos as seguintes recomendações de Rodrigues (2020):

(1) não pode ser introduzida pelo termo definido e nem incluir esse termo ou seus sinônimos no texto definitório;

*Exemplo 1: **Manjar.** Manjar é a comida de santo de consistência pastosa branca feita com coco e arroz.*

(2) em caso em que o termo definido esteja no singular, o texto definidor também deve estar no singular;

*Exemplo 2: **Manjar.** Comidas de santo e de consistências pastosas branca feita com coco e arroz.*

(3) substituição do termo definido na DT sem que haja a perda ou modificação do significado;

*Exemplo 3: **Manjar.** Comida de santo de consistência pastosa branca feita com coco.*

***Manjar.** Manjar de santo de consistência pastosa branca feita com coco.*

(4) texto definitório sem ambiguidade;

*Exemplo 4: **Manjar.** Leite.*

(5) definidor inicial deve ser da mesma classe gramatical que o termo definido, principalmente, se o termo definido for um substantivo ou um verbo;

*Exemplo 5: **Manjar.** Comer a comida de consistência pastosa branca feita com coco e arroz.*

(6) fazer adaptação ao público-alvo;

*Exemplo 6: **Manjar.** Especiaria feita com consistência pastosa branca feita com coco nuficera e arroz.*

(7) evitar descrição do conceito pré-definido salientando o domínio;

*Exemplo 7: **Manjar**. Comida do terecô com consistência pastosa branca feita com coco e arroz.*

(8) não ser amplo demais, nem restrito demais;

*Exemplo 8: **Manjar**. Comida.*

(9) evitar o uso de um traço característico do conceito como definidor inicial;

*Exemplo 9: **Manjar**. Pastoso branco.*

(10) evitar estereótipos que não se aplicam a todos os objetos;

*Exemplo 10: **Manjar**. Pastoso meio amarelado.*

(11) adotar um ponto de vista neutro;

*Exemplo 11: **Manjar**. Comida de santo de consistência pastosa branca feita com coco e arroz, muito gostoso.*

(12) brevidade nas palavras;

*Exemplo 11: **Manjar**. Comida de santo de consistência pastosa branca feita com coco e arroz, dada nos dias de festa para o povo da mata do terreiro.*

(13) uso de formas positivas do conceito, ou seja, dizer o que é e não aquilo que não é.

*Exemplo 11: **Manjar**. Comida de consistência pastosa branca feita com coco que não é oferecida às pessoas do terreiro.*

A partir das contribuições de Rodrigues (2020) foi possível elaborar a definição terminológica usada no glossário etnoterminológico do terecô de Codó. Ainda, salientamos que algumas estruturas das definições seguiram o proposto por Rodrigues (2020), ou seja, gênero próximo com definidor inicial da mesma classe que o termo definidor e gênero distintivo com objetivo, finalidade ou constituição. Ressaltamos que a estrutura do gênero distintivo é composta por um dos critérios mencionados anteriormente, a escolha deu-se conforme a necessidade do vocábulo-termo-entrada para melhor compreensão do texto definitório. No que tange aos sintagmas, consideramos a relação de determinação entre si para classificar

gramaticalmente. Em alguns casos, como mencionado anteriormente, fizemos o uso de sinônimos para a escrita do texto definatório.

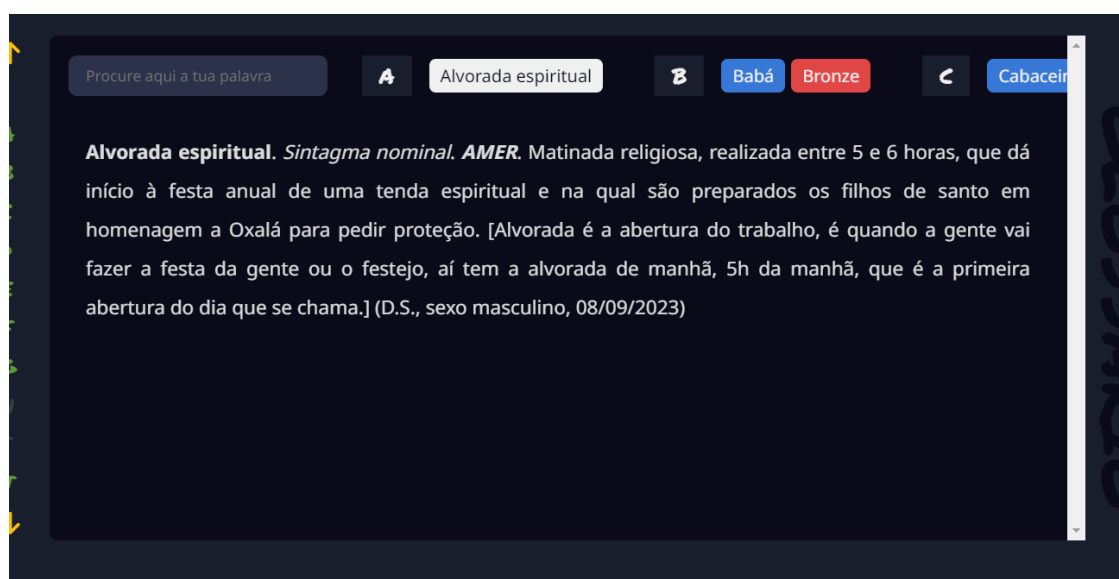
5.3.7 Glossário etnoterminológico dos terecozeiros de codó na web

Os meios de comunicação mudaram muito ao longo do tempo. Desde a criação da internet, a forma como o ser humano se relaciona com os seus pares mudou. A internet apresenta inúmeras facilidades para a vida cotidiana das pessoas. Pensando na rapidez da comunicação, o glossário etnoterminológico do terecô em Codó foi organizado em um *website*, tereco.com.br³¹, que está disponível para acesso.

Para tanto, contratamos um profissional especializado que nos deu orientações técnicas para organizarmos o espaço do glossário etnoterminológico do terecô de Codó-MA.

A página do glossário tem abas distribuídas na horizontal. A primeira aba traz conhecimentos sobre a cidade de Codó; na segunda aba, há dados sobre o terecô de Codó; na terceira, informações gerais sobre a organização e distribuição dos dados; nas outras, os vocábulos-termos-entradas que foram organizados em abas seguindo a ordem alfabética, conforme imagem abaixo.

Figura 8- Web site do glossário do terecô de Codó



Fonte: tereco.com.br

³¹ <https://tereco.com.br/>

Nesse espaço virtual, denominado de *No toque do terecô*, há vídeos produzidos por nós em que os terecozeiros contam sobre como as suas histórias se entrelaçam com a história do terecô, há fotos dos espaços religiosos que pudemos visitar em dois anos de pesquisa, curiosidades, doutrinas e citações importantes sobre a religião. Todos os dados inseridos no *web site* são de autoria de Porto (2024).

Para a produção visual do site, usamos cores primárias verde, amarelo e vermelho, com o fundo azul-escuro. As letras do glossário foram dispostas em branco.

Dedicamos este espaço para apresentarmos o caminho metodológico adotado para a presente pesquisa. Ao nos dedicarmos a fazer a pesquisa respeitando os princípios éticos estabelecidos para a pesquisa com seres humanos, pudemos reforçar o fazer científico.

6 O GLOSSÁRIO

6.1 APRESENTAÇÃO

O **Glossário Etnoterminológico do Terecô** foi produzido em dois anos de pesquisa desenvolvida sobre o terecô, em Codó-MA. Para tanto, foram realizadas visitas nos salões de terecô, entrevistas, gravações em vídeo, fotos (quando autorizadas) e participação em grupo de *whatsapp*. Esse percurso foi importante para adentrarmos no mundo dos terecozeiros e compreendermos as organizações denominativas e conceptuais desses sujeitos.

Nesse percurso, compreendemos que o saber das bibliotecas vivas que entrevistamos deveria estar disposto para além das normas impostas pela academia. Sabemos que a leitura de trabalhos acadêmicos ainda não é democrático e exclui uma boa parte da população brasileira pelo alto nível de complexidade. Além disso, sempre nos questionamos sobre como fazer a devolução daquilo que nos foi doado, como retribuir o conhecimento dado em forma de entrevistas. Foi a partir dessa preocupação que pensamos e organizamos o **Glossário Etnoterminológico do Terecô** ora apresentado, a fim de proporcionar, seguindo a metodologia da terminologia, uma redação de fácil compreensão, em especial, aos terecozeiros.

Para além da preocupação redacional, ao longo da pesquisa, logo na qualificação, pensamos de que forma divulgar os resultados da pesquisa para além da dissertação. A partir dessa necessidade, fizemos o *web site*, tereco.com.br, a fim de valorizar e divulgar os conhecimentos dos terecozeiros, proporcionar um espaço de fonte segura para professores da educação básica e auxiliar na promoção da igualdade racial.

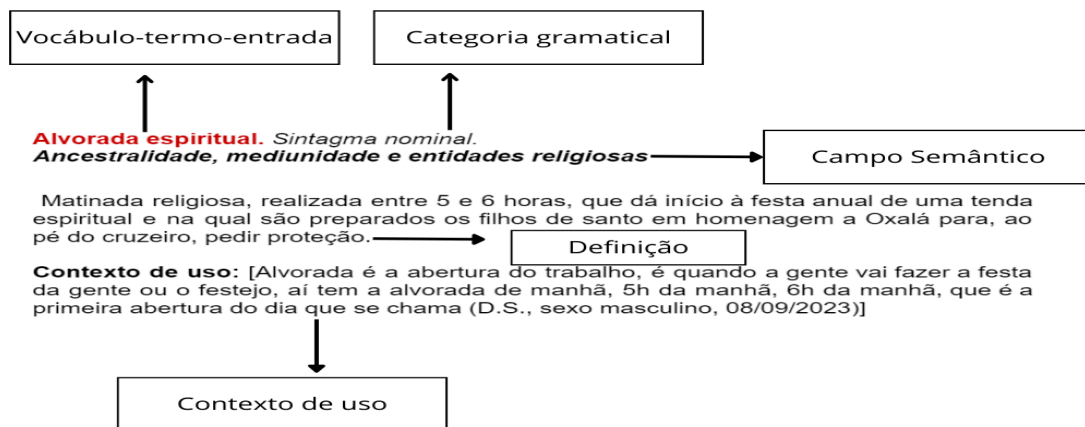
Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de investigarmos a terminologia do terecô pois, até onde pudemos investigar, não foram realizadas, anteriormente, pesquisas de cunho etnoterminológico sobre essa importante religião afro-brasileira/maranhense.

6.2 COMO LER O GLOSSÁRIO

Para uma proveitosa leitura do glossário, é preciso compreender que apresentamos, em ordem alfabética, o **vocábulo-termo-entrada** em negrito, em fonte arial na cor vermelha, com letra inicial maiúscula; em seguida, o **campo**

semântico ao qual pertence em negrito e itálico; na linha abaixo, a **definição** do vocábulo-termo-entrada; em colchete, o **contexto de uso**; depois, os **dados dos colaboradores** (a saber: iniciais, sexo e data de realização da entrevista); nos casos em que houve mais de uma denominação, dispomos as **variantes** separadas por duas barras; e, por último, nos casos em que houve necessidade, inserimos o sistema de remissivas (*Ver*). Para melhor compreensão, segue o exemplor:

Figura 9- Exemplo da organização do Glossário Etnoterminológico do Terecô



Fonte: elaborado pela autora.

6.3 GLOSSÁRIO ETNOTERMINOLÓGICO DO TERCÔ

A

Alvorada espiritual. *Sintagma nominal.*
Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Matinada religiosa, realizada entre 5 e 6 horas, que dá início à festa anual de uma tenda espiritual e na qual são preparados os filhos de santo em homenagem a Oxalá para, ao pé do cruzeiro, pedir proteção.

Contexto de uso: [Alvorada é a abertura do trabalho, é quando a gente vai fazer a festa da gente ou o festejo, aí tem a alvorada de manhã, 5h da manhã, 6h da manhã, que é a primeira abertura do dia que se chama (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)]

B

Babá. *Adjetivo.*

Convívio e comportamento social

Pessoa responsável por cuidar do médium que está em transe e de seus pertences.

Contexto de uso: [A gente chama de babá, né. Aquela pessoa que cuida da santidade da pessoa, ela é a babá do santo (W.S.A., sexo masculino, 01/05/2023)]

//Variante: Servidor de santo, servente do santo, quedi//

Bronze. *Substantivo.*

Convívio e comportamento social

Dinheiro.

Contexto de uso: [Condição que eles pede: “Me dá uma condição”. Aí, outros não sabe que é o bronzo (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)]

//Variantes: Condição, corre mundo//

C

Cabaceiro. *Adjetivo.*

Convívio e comportamento social

Pessoa que toca o maracá e tem a função de chamar os seres espirituais.

Contexto de uso: [Dentro do terecô se costuma dizer que quem toca o maracá são os cabaceiros. (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [É o rapaz que bate aquele maracá (M.S., 21/03/2023)].

Ver: maracá

Cavalo. *Adjetivo.*

Convívio e comportamento social

Pessoa que tem mediunidade e recebe os encantados.

Contexto de uso: [Cavalo, tem gente que chama cavalo, minha moça, meu rapaz, é assim. Meu aparelho são essas palavras que eles chama né?! (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)]

//Variantes: Médium, brincante, aparelho, minha moça, meu rapaz//

Corpo sujo. *Sintagma adjetival.*

Convívio e comportamento social

Estado profano antes do cumprimento das obrigações religiosas.

Contexto de uso: [Ah! Eh... a questão do médium que esconde as coisas. Ele... por exemplo, ele sabe que hoje é dia de obrigação. Ele passou a semana toda na casa dele, aí lá ele teve relação, ela teve relação, namorou, não se cuidou, não se preparou, de repente ela vem pra obrigação. Veste a roupa e vem pra obrigação. Então, ela tá com corpo sujo, isso aí que é chamado (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Ver: obrigação

Corrente. *Substantivo.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Organização estrutural de entidades espirituais que se manifestam por meio da incorporação em seus médiuns.

Contexto de uso: [A corrente ela se divide em sete. Tem a corrente de Tobossa, tem a corrente de caboclo, tem a corrente do povo das águas, tem a corrente de preto velho. Corrente é uma divisão de espiritismo, dentro do terecô. Onde se divide cada entidade da família que ela é: se ela é da família de Légua, se é da família de caboclo, isso que é corrente. (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]

//Variante: linha//

D

Deitar para o santo. *Sintagma verbal.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Recolher-se para o sagrado durante três ou sete dias para preparar o médium.

Contexto de uso: [Deitar pro santo é você ter certeza que é do terecô, ter certeza que quer seguir na religião, ter certeza que tem santo e aí vai receber uma preparação. Eu vou botar um médium pra deitar, então ele vai deitar pra pegar força, preparar o encantado dele, pra ajeitar pra que as coisas possa andar da maneira boa, entendeu?! (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Despacho de alma. *Sintagma nominal.*

Convívio e comportamento social

Ritualística de despedida do médium morto a fim de devolver os materiais, como guia e roupas, à natureza.

Contexto de uso: [A casa faz, a casa primeiramente a casa fica de luto por um ano. Depois, faz a obrigação de despacho de alma, é feito todo uma ritualística ali, que você vai cortar as guias, as contas que ele usa. No ato do velório. Você... O caixão tá aqui... O zelador de santo da pessoa faz primeiro a obrigação de quebrar os pontos de segredo da pessoa no quarto de santo que era da pessoa, aí se corta a guia, se corta as roupas que foram usadas no preceito dele já em tempo antigo porque isso/se a gente guarda, aí é feito a trouxa, bota ali debaixo do caixão, deixa lá, até a partida do velório. Aí, dependendo da linhagem dele, vai ver onde é que se despacha, se é nas águas, se é na mata... (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].

Doutrina. *Substantivo.*
Instrumento Musical

Conjunto de músicas religiosas em homenagem às entidades.

Contexto de uso: [Na questão do terecô não é chamado de música, é doutrinas (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [A doutrina é a música, a música do terecô (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].

E

Encantado. *Substantivo.*
Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Ser capaz de auxiliar e incorporar-se em seres humanos.

Contexto de uso: [É espírito, encantado. São essas entidades, né?! Que o ser humano tá na umbanda, na roda, aí recebe o pai de santo que chama, e aí eles incorpora pra pessoa. São essas. INQ.- O que é encantado pra senhora? COL.- O encanto é um ser que sempre me ajudou, do além que eu nunca vi, né?! Vejo incorporado que é um falante que a gente não vê encantado, eu nunca vi, se alguém já viu eu nunca vi encantado, a gente só sente a presença dele que é uma coisa assim fora do normal, é algo fora do normal, você não fica normal quando tem um encantado assim perto de você (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].

Entidade veio só de passagem. *Sintagma verbal.*
Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Ser espiritual que se manifesta, com brevidade, nos médiuns em determinado local ou situação.

Contexto de uso: [A entidade veio só de passagem significa dizer que a entidade ela incorpora e não fica, não fica na croa do médium. Por exemplo, eu tô fazendo uma obrigação e a obrigação começa meia noite pra começar o dia, aí incorpora uma entidade na croa de um filho de santo meu, mas ela veio só de passagem, ela não ficou (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Espumosa. *Substantivo.*
Comida e Bebida

Cerveja.

Contexto de uso: [A cerveja, as entidades costumam chamar de escumosa ou espumosa, como as pessoa chamam. (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023) [Cerveja eles chamam de espumosa, é, é assim (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].

F

Fardamento. *Substantivo.*
Vestuário e Acessório

Vestuário usado por homens e mulheres para culto religioso.

Contexto de uso: [INQ.- Como é que chama as roupas das mulheres que usam dentro do terreiro? COL.- Fardamento. [INQ.- Fardamento é tanto para homem quanto para mulher? COL.- Sim (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023)].

Fazer visita. *Sintagma verbal.*
Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Ato de participar de um salão espiritual em celebração à festa de um co-participante de religião.

Contexto de uso: [É que eles fazem pra gente e a gente tem que fazer pra eles também (M.S., 21/03/2023)] [Uma promessa (S.S.C., 22/05/2023)]. [É cortejar a festa do irmão. É quando o irmão vai na sua, na sua festa, vai cumprir a obrigação da sua casa e você tem por direito e dever de fazer aquilo também (W.S.A., sexo masculino, 01/05/2023)].

Ver: salão.

Força. *Substantivo.*
Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Poder ou energia ancestral.

Contexto de uso: [Força é basicamente como a galera chama o axé em Codó. O axé em Codó, ele não é chamado de axé (D.N.M.A, 22/07/2023)]

G

Gulepo. *Substantivo.*
CB

Bebida alcóolica de origens diversas dada às entidades religiosas e praticantes de terecô.

Contexto de uso: [Na verdade, todas as bebidas, independente do que elas sejam, as entidades costumam chamar de gulepo. Minha cachaci. Cachaci é cachaça, são várias línguas né que eles chamam (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].

Guna. *Substantivo.*
Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Estaca de madeira colocada de maneira vertical no meio do salão para indicar onde os dogmas religiosos, a ser saudados pelos terecozeiros, estão enterrados.

Contexto de uso: [Guna é o assentamento que tem no meio da sala do salão do barracão, que se chama guna (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)] [Que eu me entendo do meu tempo de terecô, a guna é aquela forquilha que tem no meio do salão. No meio do salão tem uma forquilha que se chama guna (D.S., sexo masculino,08/09/2023)]

//Variante: Mourão//

J

Jurema. *Substantivo.*
CB

Bebida alcoólica ardosa preparada com vinho e gengibre, em um pote de barro, para os caboclos.

Contexto de uso: [Aqui na minha casa, a gente costuma fazer uma mistura do vinho e o gengibre que quando ele é misturado a gente coloca ele no pote e tem a preparação, no pote de barro. Quando ela é misturada ela é chamada de jurema, que é a bebida de caboclo (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

L

Lava-prato. *Substantivo.*
Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Celebração de encerramento da festa principal de um salão.

Contexto de uso: [O lava-prato é igual tipo uma festa. Tem o carnaval. O pessoal

faz o carnaval na data certa que é no mês de fevereiro, termina a festa, depois de um mês é que vão fazer o lava-prato, que é pra fazer incrementar a festa. E assim também é dentro do espiritismo. Tem o lava-prato, mas aqui na minha casa eu não faço isso, porque foi um fundamento que eu trouxe da casa de santo que eu frequentei. E foi onde eu aprendi e esse ritmo que eu trouxe pra minha casa. (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Ver: salão.

Limpeza de corrente. *Sintagma nominal.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Ritual de purificação do corpo por meio de banhos, sacudimento, rezas, benzimentos, defumação para tirar más energias.

Contexto de uso: [A limpeza de corrente é uma preparação que eu vou fazer e eu costumo fazer direto na minha casa, pros filhos de santo que frequenta. É a questão de banho, questão de defumador, a questão de benzimento, questão de preparação com remédio, tudo isso faz parte de uma limpeza. Um sacolejo de pipoca... isso aí que é limpeza, isso é trabalho, é cura (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Louvariê. *Substantivo.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Celebração religiosa de abertura dos cultos de terecô na qual os filhos de santo colocam os joelhos e as mãos no chão batendo-as para chamar os encantados.

Contexto de uso: [O louvariê é a abertura dos trabalhos. É onde todos os filhos tá concentrado e vai iniciar uma temporada de festa dentro da casa, onde ele vai se concentrar pro santo e vai se ajoelhar, botar o joelho em terra, pedir misericórdia das entidades e louvar os santos. Que o louvariê dentro do terecô a gente costuma fazer batendo a mão no chão até as entidades chegar. Não é apanhando, ele tá louvando os santos, pedindo que aquela festa seja uma festa de prosperidade, de fartura e que seja tranquilo (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

M

Manjar do céu. *Sintagma nominal.*

Comida e Bebida.

Água.

Contexto de uso: [INQ.- E água tem algum nome específico? COL.- Tem, dentro do espiritismo é chamado de manjá do céu. (A.F.P.F., sexo masculino, 08/09/2023)]

Manjar. *Substantivo.*

Comida e Bebida

Bebida não alcoólica feita com arroz e coco da praia, ou coco babaçu, oferecida em cerimônia religiosa às entidades e às pessoas em geral.

Contexto de uso: [Manjar é a bebida do santo. Quando a gente vai dar a bebida do santo, que vai dar o manjar que é uma cerimônia a gente canta: *oh, manjá oh! Tindolêê, manjá oh!* (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)]

//Variante: Mocaroró//

Maracá. *Substantivo.*
Instrumento Musical

Instrumento musical de percussão, oval, feito de cabaça e com sementes de sombrinhão dentro, batido com a mão.

Contexto de uso: [A cabaça, ela é nascida de uma rama, pranta a semente e ela nasce, é uma rama. INQ.- E o que tem dentro da cabaça? COL.- A gente bota umas pedrinhas dentro pra sacudir ou a gente bota umas pontazinha vermelha que a gente bota numa árvore, sombrinhão, né?! Aquela árvore cai a semente no chão, a gente pega e coloca, dá um som legal o sombrinhão (M.N.N, sexo feminino, 06/09/2023)].

Ver: sombrinhão

Médium encostado. *Sintagma adjetival.*
Convívio e Comportamento Social

Pessoa preparada espiritualmente em um espaço religioso distinto do que frequenta regularmente.

Contexto de uso: [A partir do momento que eu preparo um santo na cabeça dele que não veio daquela outra casa de quando ele saiu de lá, aí ele não está mais encostado na minha casa, ele é filho da casa (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Médium tombador. *Sintagma adjetival.*
Convívio e Comportamento Social

Pessoa com mediunidade que, por não ter sido preparada por liderança religiosa, cai em qualquer lugar ao receber o santo.

Contexto de uso: [Quando há confirmação se ele é daquela casa, é o acolhimento do zelador de santo já pra poder cuidar de seu médium, pra que ele não seja um médium tombador, aquele médium que cê vai pro terreiro visitar as casa deles ele quando o santo tá descendo ele tá tombando tacando o rosto na parede, caindo no chão... (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].

O

Obrigação. *Substantivo.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Ação de respeitar os santos religiosos por meio de banhos, rezas, respeito ao próximo e abstinência sexual.

Contexto de uso: [As obrigações é respeitar os dias do santo, tomar os banhos direitinho, ter o momento de se relacionar um com outro se for casado, se não for tem que ser do mesmo jeito. Esses são alguns termos que a pessoa tem que seguir dentro do terecô pra ter força dentro do espiritismo, porque quando o santo está fraco, a matéria também fica fraca. (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]

P

Panha. *Substantivo.*

Vestuário e Acessório

Touca constituída por um longo pedaço de pano usado para proteger a cabeça dos médiuns.

Contexto de uso: [INQ.- Como se chama aquele material usado para proteger a cabeça? COL.-É uma toalha, né?! Panha que eles chamam (S.S.C., 22/05/2023)].

//Variante: Pano de cabeça, alaka//

Pátio do barracão. *Sintagma nominal.*

Convívio e Convívio Social

Recinto fora do abrigo onde as entidades dançam e que deve ser zelado.

Contexto de uso: [[...] zelar os terreiros do lado de fora, que é chamado de pátio do barracão (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Perder as forças. *Sintagma verbal.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Tornar-se enfraquecido devido à falta de respeito aos preceitos religiosos por parte do médium, resultando no afastamento dos guias espirituais.

Contexto de uso: [Perder as forças é quando a pessoa não respeita nem a religião, nem ao seu guia, faz só o que ele não quer, o guia tem que ser cuidado, tem que ter luz no dia certo, a pessoa tem que respeitar, ter o respeito, não ter ato sexual a mulher nova, o homem novo, não ter sexo no dia, tem que respeitar o dia do santo, tá vendo?! Porque se

fizer sexo, se menstruar, pegar a sua roupa, vestir, fingir que tá com encantado e dançar, tá vendo?! Aquela pessoa, ele... a mediunidade dele vai embora. Porque tem gente que é tão obcecado pela mediunidade que ele é um médium, tá, tá certo! Que quando é em uma festa grande pra aparecer vestir aquela roupa bonita, ele... ela fica menstruada, mas veste. Aí, os outros encantados descobrem. (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)].

Pife. *Substantivo.*

Instrumento Musical

Instrumento musical de sopro, feito de bambu ou cano e tocado de forma transversal.

Contexto de uso: [Hoje em dia ele é feito de cano, mas antigamente era feito de taboca. Hoje em dia, ainda tem quem use taboca, mas antigamente era feito de taboca (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].

Primeiro guia. *Sintagma nominal.*

Convívio e Convívio Social

Sacerdotisa ou sacerdote que conduz o espaço religioso do terecô após o/a pai/mãe de santo.

Contexto de uso: [Primeira pessoa da mãe de santo (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023)].

Q

Quarto de santo. *Sintagma nominal.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Cômodo do espaço religioso onde são guardados os segredos e no qual somente o líder religioso e pessoas autorizadas por ele podem entrar.

Contexto de uso: [No linguajar popular das pessoas é quarto de santo, mas aonde eu aprendi, aonde eu fui buscar a minha experiência eh... não era assim. Era chamado de pejê já tá dizendo é um quarto de segredo, onde só eu posso entrar e as pessoas determinadas. Em nenhum momento, ou que seja o filho de santo, ou que seja um amigo, ou que seja um parente vai entrar naquele quarto sem permissão. Por quê? Ele não sabe como eu deixei as obrigações naquele momento naquele quarto, então, não entrar sem a permissão é até mesmo para a segurança dele (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

//Variantes: Roncó, quartinho de segredo, quarto religioso, congá/gongá, pejê/pejí, casa, quarto da obrigação, recentro//

Quebra-bucho. *Substantivo.*

Comida e Bebida

Bebida não alcoólica de sabor adocicado, gaseificada, dada para sanar a fome dos

médiuns quando estão incorporados.

Contexto de uso: [O refrigerante algumas entidades chamam de quebra-bucho, porque só enche né?! Não tem reação de álcool não tem nada aí por esse motivo eles chamam de quebra bucho ou bicho doce (A.J.P.F., sexo masculino, 08/09/2023)]

//Variante: Bicho doce//

S

Salão nobre. *Sintagma nominal.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Espaço religioso regido por princesa, sem uso da guna, para dançar terecô.

Contexto de uso: [Aonde eu fui preparado, porque eu sou filho de santo do velho Bitá Barão fui preparado lá, dancei dez anos na casa dele. Como eu fui preparado lá, a casa de santo da casa dele por ser uma casa de tambor, ser uma casa de princesa que é de dona Isaurina, que a dona do terreiro, aí ela não costuma usar forquilha, chama de salão nobre é onde vai fazer as obrigações de princesa. E aqui na minha casa é do mesmo jeito, é casa de dona Mariana. Por esse fundamento que foi escolhido desse jeito, não tem guna no nosso barracão. É o salão nobre. (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Salão. *Substantivo.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Espaço religioso no qual as pessoas dançam, recebem as entidades e fazem as suas obrigações.

Contexto de uso: [Salão. Terreiro, salão, casa de santo (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)]

//Variante: Terreiro, casa de santo, tenda, barracão//

Sangue-de-cristo. *Substantivo.*

Comida e Bebida

Bebida alcoólica feita de uva.

Contexto de uso: [INQ.- E como se chama a bebida alcoólica feita de uva? COL.- Sangue de Cristo...tem vários nomes...Sangue de Cristo... bebida doce, depende. (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)]

//Variante: Bebida doce//

Sororoca. *Substantivo.*

Instrumento Musical

Semente de planta colocada dentro do maracá para dar sonoridade.

Contexto de uso: [A partir do momento que eu tiro ela de lá e coloco as sororocas dentro [do maracá], que a gente coloca a sororoca, que é tipo umas pedrinhas para poder dar o som. INQ.- Essa sororoca tu achas aonde? COL.- Ela é uma planta, viu?! Eh... ela é uma semente de uma planta (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

T

Tambor da mata. *Sintagma nominal.*

Instrumento Musical

Instrumento musical de madeira, coberto de couro, posto entre as pernas para ser tocado com as mãos.

Contexto de uso: [O do terecô é aquele em que o tambozeiro que é o abatazeiro costuma bater ele escanchado em cima dele, bota ele nas pernas e vai bater, que é o tambor grande, tambor da mata (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

//Variante: tambor grande//

Terecô. *Substantivo.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Religião afro-brasileira que consiste no culto aos encantados e na preservação de dogmas e mistérios religiosos pelos praticantes.

Contexto de uso: [Terecô pra mim é uma religião, tipo assim, pros encantados dançar e se divertir, pra mim é uma festa, uma festa, porque cada pessoa que tem um terreiro, ele tem um santo que ele tem aquele terreiro e vai pagar uns três, uns outros nove uma festa pros encantados, tipo um aniversário e é uma festa (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].

//Variante: Tambor da mata//

S

Vista limpa. *Sintagma adjetival.*

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

Capacidade espiritual que permite ao médium visualizar seres espirituais.

Contexto de uso: [É a clarivisão, a vidência. Era um traço muito comum dos terecozeiros antigos, a gente ouvia falar, né. Aí tem gente que decifra sonho, tem gente que bota carta. Não é o búzios em si, mas joga pedrinhas também, vários tipos de tecnologias, manipulações das energias (D.N.M.A, 22/07/2023)].

Z

Zelador. *Substantivo.*

Convívio e Comportamento Social

Pessoa responsável por cuidar da espiritualidade das pessoas, das entidades religiosas e da tenda.

Contexto de uso: [A minha função dentro do terreiro é zelar tanto o terreiro como zelar os voduns e as pessoas, né?! Porque na verdade eu não sou pai-de-santo. Não existe pai-de-santo, não existe mãe-de-santo, nós somos zeladores espirituais, porque nos zela vundunso, nos zela encantado, nos prepara as pessoas. A questão de pai-de-santo é porque é popular de chamar, né?! Nós não somos pai-de-santo, pai-de-santo é Deus, somos zeladores espirituais (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].

Ver: salão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trilhar o caminho da Etnoterminologia, ramo de estudos da Terminologia, pudemos constatar a riqueza e a diversidade de informações que constituem o léxico de um domínio especializado de cunho sociocultural-racial. Por meio desse ramo, foi possível observar que o léxico em contexto especializado de uso carrega consigo significados específicos resultantes de manifestações culturais, sociais, históricas e da visão de mundo específica de um grupo humano.

Desse modo, por meio da Etnoterminologia, pudemos observar a importância da investigação do léxico de uso especializado em um contexto cultural e a necessidade de produção de materiais de consulta, como o glossário que apresentamos, que refletem a realidade semioticamente construída pelos terecozeiros, em Codó.

Ainda sob o viés científico, esta investigação contribuiu para os avanços epistemológicos e metodológicos da Etnoterminologia ao acrescentar um campo com gênero próximo e distintivo a fim de auxiliar na confecção da definição terminológica.

No que tange à elaboração do glossário etnoterminológico apresentado, compreendemos que é uma ferramenta que contribui para o registro dos vocábulos-termos de cunho cultural religioso antes que caíam no desuso ou no esquecimento. Além disso, trabalhos como esse são de suma importância para a área da antropologia, pois permite conhecer as particularidades identitárias dos grupos investigados a partir de suas particularidades linguísticas.

Os vocábulos-termos elencados nesta exploração estão revestidos por significados especiais, valores de vida, experiência e ancestralidade que são compartilhados pelos terecozeiros, de Codó. Assim, ao explorarmos o mundo semioticamente construído pelos terecozeiros, pudemos adentrar nos seus processos de significação, reconhecendo as especificidades denominativas e semântico-conceptuais, pelas particularidades ideológicas que agregam e individualizam tal grupo humano. Nesse sentido, concluímos que:

- O vocábulo-termo *fazer visita* demonstra a preocupação que os terecozeiros têm de estarem juntos, compartilhando o espaço, o alimento e a energia ancestral. Esse tipo de vivência é uma forma de manter viva as práticas herdadas dos seus ancestrais negros e negras.

- A *força* é mantida pelas práticas individuais e coletivas. O autocuidado com o corpo e os dogmas da religião são importantes, assim como o cuidado com o outro e com as entidades religiosas.

- *Perder as forças* é o ato de não estar intrinsecamente envolvido com os dogmas religiosos. Ao não respeitá-los, os guias se afastam e as *forças* são tiradas.

- *Quarto de santo* apresenta os semas formadores do discurso [segredo], [quarto]; [quarto de culto aos encantados]; [ponto de adoração] e [restrição]. O *quarto de santo* é um espaço em que apenas pessoas autorizadas pelo zelador de santo podem entrar. A restrição acontece, por causa dos segredos dos dogmas religiosos que são mantidos de forma distinta em cada casa de culto de terecô.

- *Manjar* é um vocábulo-termo encontrado no campo-semântico comida e bebida que apresenta os semas [cerimônia], [bebida], [bebida do santo]. A unidade etnoterminológica está dicionarizada no dicionário Aulete (online). No referido dicionário, apresenta semas como [foguete infantil], [comida], [refeição]. Apesar de *manjar* estar presente no dicionário Aulete, o verbete apresentado nessa obra não representa a singularidade designada na linguagem especializada dos terecozeiros.

- *Terecô* não está dicionarizado nos dicionários Aulete e Aurélio, *online*. Isso demonstra a necessidade de estudar o léxico especializado do terecô antes que deixem de existir por influência de outras religiões. *Terecô* é um vocábulo-termo que reflete as acepções de [festa] [encantado] [religião]. O *terecô* é uma religião em que se comemora a presença dos encantados que estão incorporados em seus médiuns.

Pelo feito, esta pesquisa trouxe importantes reflexões sobre o léxico especializado dos terecozeiros, em Codó-MA. Apesar da forte influência dos povos africanos, até onde os nossos estudos puderam nos levar, não foram encontrados, de forma significativa, termos de línguas africanas.

Como possíveis desdobramentos desta investigação há alguns possíveis vocábulos-termos que foram encontrados nesta pesquisa, dentre eles destacamos: cruzeiro, linha de tobossa, linha de povo das águas, linha de preto velho.

Esta pesquisa, que evidenciou o léxico especializado dos terecozeiros, em

Codó-MA, sinaliza a importância de conhecimento do pluralismo linguístico-cultural que há nas diversas regiões brasileiras. Assim, é preciso que futuras pesquisas sejam realizadas nos povoados codoenses, assim como, nos municípios maranhenses e/ou de outros estados que possuam a forte tradição dessa religião.

As investigações realizadas nos dicionários propuseram identificar a necessidade de realizar pesquisas sobre as linguagens minoritárias, no Maranhão, com o intuito de catalogá-las antes que caiam no esquecimento/desuso.

Consideramos que um dos resultados desta pesquisa, ou seja, o glossário, em forma de *web site*, proporcionará um espaço de consultas para os terecozeiros, estudiosos da temática e, sobretudo, professores da educação básica para a execução de atividades elaboradas a partir da obrigatoriedade da Lei 10.639/2003.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. **Dicio**: dicionário online de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em? 1 de junho de 2023.

AULETE. **Aulete Digital**. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 1 de junho de 2023.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. **Umbandização, Candonbleização**: para onde vai o terecô?. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINOR_ELIGIOSO/artigos/7umbandizacao.pdf. Acesso em: 8 de abr. de 2022.

ARAÚJO, Luís Eduardo Cardoso. **Construção das Narrativas Indígenas Codoenses**: uma leitura a partir das interações missionárias no Maranhão colonial. Trabalho de Conclusão de Curso, Codó-MA, 2019.

AHLERT, Martina. Cidade Relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e encantaria em Codó (Maranhão). 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

_____, Martina. Cidade relicário: disputas sobre tempo em Codó/MA. *In: Revista Ponto Urbe*: revista do núcleo de antropologia urbana da USP, São Paulo, v. 11, n. 52, p. 1-17, 2012.

_____, Martina. Tempo de roupa nova: beleza e transformação no tambor da mata de Codó (MA). *In: Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 15, n. 35, p. 81-101, 2014.

ALMEIDA, Glades Maria de Barcellos. A teoria comunicativa da Terminologia e a sua prática. *In: ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 50, n. 2, p.85-101, 2009.

_____, Glades Maria de Barcellos. O percurso da Terminologia: de atividade prática à Consolidação de uma disciplina autônoma. *In: Revista Tradterm*, São Paulo, v.9, p. 211-222, 2003.

ALTHUSER, Louis. **Ideologia e aparelho ideológico do estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ARAGÃO, Maria do Socorro. A socioterminologia e a etnoterminologia das plantas medicinais do nordeste. *In: Acta Semitica et Lingvistica*, Paraíba, vol. 15, n° 1, p. 34-49, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (Voloshinov, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed, Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992

BARBOSA, Maria Aparecida. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. *In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Minas Gerais, v. 4, n. 1, p. 55-86, 2004.

_____, Maria Aparecida. Para uma etno-terminologia:recortes epistemológicos. *In: Revista Ciências e Cultura*, São Paulo, v. 58, nº.2, p. 48-51, 2006.

_____, Maria Aparecida. Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações. *In: Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 10, nº 1, p. 29-52, 1999.

_____, Maria Aparecida. Semiótica humana e semiótica linguística. *In: Barbosa, Maria Aparecida (org.). Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo: Editora Plêiade, p. 85-101, 1996.

_____, Maria Aparecida. A construção do conceito nos discursos técnicos-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não-literários. *In: Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, Editora Plêiade, v. 11. nº 1. p. 27-36, 2001.

BARROS, Matheus Sousa. **MAPA DA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE CODÓ**. Codó, 30. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPL ETO_EV154_MD1_SA142_ID151314112021211913.pdf. Acesso em: 13 out. 2024.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Ed. USP, 2004.

BEVILAQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. *In: Revista Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006.

BRANGEL, Larissa Moreira. Quando uma cor é um termo: em busca de uma perspectiva de abordagem terminológica. *In: Anais da X Semana de Letras: 70 anos a fale fala*. Porto Alegres, EDIPUCRS, 2010.

CABRÉ, Maria Tereza. Una nueva teoria de la Terminología:de la Denominación a la Comunicación. *In: La Terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5659791/mod_resource/content/1/Cabr%C3%A9.pdf. Acesso em 22 de maio de 2023.

_____. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. *In: Terminology*, v.9, n.2, p.163-200, 2003.

_____, Maria Teresa. La terminología, una disciplina en evolución: pasado,presente y algunos elementos del futuro. *In: Debate Terminológico*, RITERM (RedIberoamericana de Terminología), v. 1, n.1, p. 1-14, 2005. Disponível em:http://www.riterm.net/revista/n_1/index.htm. Acesso em: 11 janeiro 2023

CARVALHO, Bianca David de. Umbanda através da história: nascida para não ser

tolerada? *In: Anais do VIII Congresso Internacional de História*. Maringá: p. 1951-1958, 2017.

CENTRINY, Cícero. **Terecô: uma religião a ser descoberta**. 1 ed. São Luís: Zona Z Fotografias Ltda, 2015.

CORNO, Gisele Oliveira Mantovani Dal. Variação conceitual no léxico regional: o caso de “taipa” no Brasil meridional. *In: CONFORTE, André; BARBOSA, Flávio (org.) Língua Portuguesa: a unidade, a variação e suas representações*. Anais do XI Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2014.

COSTA, Lucimara Alves. Terminografia versus lexicografia especializada: questões concernentes à produção de dicionários especializados e as bases teórico-metodológicas do dicionário de lexicografia brasileira. **Revista Debate Terminológico**, São José do Rio Preto, n. 13, p. 43–53, 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/13_2015_04. Acesso em: 15 de mai. 2023.

COSTA; Nathallia Martins Perez; GOMES, Dionei Pereira. A etnoterminologia da língua mundurukú-tupí e as contribuições da ecolinguística. **Revista Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 14, 2013

COUTO, Sandra Loureiro. **A definição terminológica: problemas teóricos e práticos encontrados na construção de um glossário no domínio da Corrosão**. 125f. Dissertação (Mestrado em Terminologia e Tradução). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

CURVELO, Reis Heloísa. **Toponímia maranhense: testemunho de um passado ainda presente**. 2009. 282f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

D.N.M.A. **Entrevista etnolinguística do terecô, em Codó**. Entrevista [abril de 2023]. Entrevistadora: realizado por Laryssa Francisca Moraes Porto. Codó-MA, 2023.Mp3 (1h05 min.). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Encantaria de Barba Soeira: Codó, Capital da magia negra?** São Paulo: Siciliano, p. 190, 2000.

_____, Mundicarmo. **Formas sincréticas das religiões afro-americanas: o Terecô de Codó (MA)**. Elaborado em 2007. Retoma texto apresentado no Seminário: Religiões afro-americanas e diversidade cultural, promovido pela UNESCO e Fundação Palmares, no Rio de Janeiro, de 19 a 21 de dezembro de 2001, publicado pela UFMA em Cadernos de Pesquisa. São Luv.14, n.2, jul./dez. 2003, p.9 5-108, 2007

_____, Mundicarmo. Religiões Afro-brasileiras terecô, tambor da Mata e Encantaria de barba Soiera. *In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sergio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araújo (Orgs.). **Missa, culto e tambor: os espaços da religião no Brasil.** São Luís: EDUFMA/FAPEMA, 2012.*

FINATTO, Maria José Bocorny. **Definição terminológica:** fundamentos teóricos e metodológicos para a sua descrição e explicação. 395f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

_____, Maria José Bocorny; AZEREDO, Silva. Observações da tessitura do texto especializado são observações de/em terminologia? *In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria. José Bocorny. **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande / Porto Alegre: EdUFMS/ EDUFRGS, p.557-577, 2010.*

FIORIM, José Luiz. A utilização do conceito de cultura em Semiótica. *In: **Revista Estudos semióticos**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1-20, 2021.*

_____, José Luiz. Língua e história em Saussure. *In: **Matraga - Revista Do Programa De Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 34, p. 54-72, 2014.*

GAVA, Águida Aparecida; BABINI, Maurizio. Plataforma kuhu pei: proposta de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, português-arara, kadiwéu, karitiana, parintintin, xavante, zoró. *In: **Acta semiótica et lingvística**, Paraíba, v. 17, ano 36, n. 1, p. 38-48, 2012.*

GREIMAS, Algirdas Julius. **La Mode en 1830**. PUF, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2010**. Maranhão: IBGE, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Maranhão: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 27 de março de 2023.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de. Os desafios teórico-práticos da definição terminológica. *In: **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 380-396, 2022.*

LAMY, Marcos Carvalh; Ahlert, Martina. Música, agência e força no Terecô em Codó (Maranhão). *In: **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 2, n. 8, p. 182–203, 2018.*

LATTORRE, Vanice Ribeiro Dias. A dialética entre os extremos: da terminologia à etnoterminologia. *In: **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 19, nº 19, ano 19, p. 70-94 , 2013.*

LIMA, Conceição de Maria Teixeira. **Pagamento de tambor:** conexões e visitas no terecô de Codó (Maranhão). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú**. São Luís: FACT/UEMA, 1999.

MACIEL, Anna Maria Becker; SILVA, Patrícia Varriale da. A metáfora da terminologia ambiental. *In: Congresso Internacional sobre Metáfora na Linguagem e no Pensamento*. Anais. Porto Alegre : Instituto de Letras da UFRGS, 2011.

M.J.P.C.. **Entrevista etnolinguística do terecô, em Codó**. Entrevista [abril de 2023]. Entrevistadora: realizado por Laryssa Francisca Moraes Porto. Codó-MA, 2023.Mp3 (33 min.). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado.

MATOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães; CASTRO, Paula Almeida, orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]*. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83, 2011.

MORAIS, Vando Sérgio de. **As representações da escravidão nos anúncios do jornal O Publicador Maranhense, no ano de 1842**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de História- UFMA, Codó-MA, p. 44, 2018.

M.S.S. **Entrevista etnolinguística do terecô, em Codó**. Entrevista [abril de 2023]. Entrevistadora: realizado por Laryssa Francisca Moraes Porto. Codó-MA, 2023.Mp3 (28 min.). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. Manual de terminologia. Disponível em: <https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>. Acesso em 4 de maio de 2022.

OLIVEIRA, Davi Benvindo de. A História talhada na memória: a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão e o operariado de Codó (MA). *In: Revista Contraponto*, v. 8, n. 1, p. 421-434, 2019.

OLIVEIRA, Romário Chaves; SILVA, Marcio Douglas de Carvalho. A cidade e os terreiros: os zeladores de santo e a construção do imaginário sobre Codó-MA. *In: Revista Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 1-15, 2018.

OLIVEIRA, Nathália Fernandes de. **A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no estado novo (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

PAIS, Cidimar Teodoro. Semiótica das culturas: valores, saberes compartilhados e competências sociais. **Caderno Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, Rio de Janeiro, v. XI, n° 15, p. 199-220, 2009.

_____, Cidimar Teodoro. Dos estudos pré-linguísticos e linguísticos à semiótica das culturas: abordagem histórico-epistemológica. *In: Acta Semiotica et Linguistica*, Paraíba, v. 12, p. 123-139, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CODÓ. **Dados do município**. Disponível em: <https://www.codo.ma.gov.br/dados-do-municipio>. Acesso em 5 de maio de 2023.

QUEIROZ, Gustavo Pinheiro; NADIR, Odair Luís. Terminologia e conceitos da linguística cognitiva aplicados à proposição de termos na automação industrial. *In: Revista Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 45, n. 2, p. 1-10, 2023

RODRIGUES, Daniel de Sá. Definição terminológica: princípios e regras. *In: Revista Moara*, Pará, n. 55, p. 19-36, 2020

ROTTAVA, Luciana; SILVA, Antônio Márcio da. Construção de um campo semântico por meio de prática espaçada em ensino de línguas adicionais online. *In: Organon*, Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 1–20, 2020.

SANTOS, Georgiana Marcia Oliveira. **Um saber semioticamente construído: a visão de mundo no léxico do quilombo Jamary dos Pretos – Turiaçu/MA**. 200f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, 2013.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. De vodum a caboclo: trajetória de legbá no terreiro de tambor de mina e terecô. *In: Revista Calundu*, v. 1, n.1, p. 7-20, 2017.

SCHIERHOLZ, Stefan J. Lexicografia de Especialidade e Terminografia. Tradução de Leonardo Zilio. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, v.6, 2012.

SERRA, Luís Henrique; FILHO, Francisco Alves. Os gêneros textuais especializados e o conceito de comunidade discursiva como elementos de análise da variação denominativa em terminologia. **Revista de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 17, n. 2, p. 320-338, 2021.

SILVEIRA, Theciana Silva. **Metáfora na terminologia do petróleo no espaço da comunidade de países de língua portuguesa (cplp): Angola, Brasil e Portugal**. 161f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de São Carlos, 2021.

SIQUEIRA, Jessica Câmara. **Neologismo da ciência da informação**. 2015. 179f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2015.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/142528364-Escrevivencias-como-ferramenta-metodologica-na-producao-de-conhecimento-em-psicologia-social.html> Acesso em: 12 de maio de 2023

SOUSA, José Reinaldo Miranda de. CODÓ: uma África sertaneja. *In: Revista Outros Tempos*, v. 18, n. 31, p. 155-172, 2021.

S.S.C. **Entrevista etnolinguística do terecô, em Codó.** Entrevista [abril de 2023]. Entrevistadora: realizado por Laryssa Francisca Moraes Porto. Codó-MA, 2023.Mp3 (45 min.). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado.

TEMMERMAN, Rita. Teoria sociocognitiva da terminologia. *In: Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, nº 17, p. 31-50, 2004.

W.A.S.. **Entrevista etnolinguística do terecô, em Codó.** Entrevista [abril de 2023]. Entrevistadora: realizado por Laryssa Francisca Moraes Porto. São Luís-MA, 2023.Mp3 (33 min.). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado.

Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

(Para Maiores de 18 anos)

UM OLHAR SOBRE AS MATAS DE SEU LÉGUA: a etnoterminologia do terecô,
em Codó-MA

Este é um convite para você participar da pesquisa: **UM OLHAR SOBRE AS MATAS DE SEU LÉGUA:** a etnoterminologia do terecô, em Codó-MA, que tem como pesquisadora responsável **Laryssa Francisca Moraes Porto**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Esta pesquisa pretende produzir um glossário sobre as particularidades do falar dos terecozeiros de Codó-MA, a fim de contribuir para o combate a preconceitos e valorização desses ritos religiosos de matriz africana.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é, sobretudo, a importância de se registrar, em um glossário, as especificidades da linguagem dos terecozeiros de Codó-MA como forma de resgate e preservação das memórias desses grupos. No que tange aos procedimentos metodológicos, somente após o consentimento dos participantes, serão realizadas entrevistas gravadas em formato mp3, seguidas da transcrição dos termos característicos do Terecô em Codó-Ma e do preenchimento de fichas específicas que possibilitarão a produção do glossário sobre o falar dos terecozeiros de Codó-MA.

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa por sua importante participação e contribuição nos cultos religiosos do Terecô no município de Codó-MA.

Caso decida participar, lembrando que a participação nesta pesquisa não é obrigatória e nem será remunerada, sua participação consistirá em conceder uma entrevista a ser realizada a partir da aplicação de um único questionário contendo 47(quarenta e sete) questões sobre diversos aspectos dos cultos religiosos do Terecô no município de Codó-MA. A referida entrevista será realizada em um único encontro com tempo de duração máximo de 1(uma) hora, sem necessidade de retorno para ampliações ou complementações. Atendendo ao que for mais conveniente para o(a) participante, as entrevistas poderão ser realizadas tanto nos espaços de culto religioso dos participantes como em suas residências. Todas as entrevistas serão realizadas pela pesquisadora Laryssa Francisca Moraes Porto que se deslocará até o local onde será realizada a entrevista, ressaltando que o local terá que ser um ambiente adequado, reservado e sem ruídos para garantir a privacidade do participante e a qualidade da gravação da entrevista.

Em caso de uso deste material coletado para outras pesquisas:

() Concordo, mas após a tramitação de um novo projeto.

() Não concordo.

Durante a realização da pesquisa, poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos. Assim, destacamos que as perguntas do questionário não serão invasivas à intimidade do(a) participante, entretanto, a participação na pesquisa poderá gerar riscos mínimos ou moderados como estresse e/ou cansaço devido à extensão do questionário, irritabilidade ou inquietação por se ter que passar um determinado tempo sentado longe de suas atividades rotineiras, e riscos elevados como desconforto resultante da exposição de informações e opiniões que envolvem ações e situações específicas vivenciadas pelo(a) participante nos cultos religiosos do Terecô. Esses riscos serão minimizados pela garantia de pausas durante a realização das entrevistas, pela liberdade de não resposta às perguntas que forem consideradas constrangedoras. Serão retomados também, nessa situação, o objetivo desse trabalho e os possíveis benefícios que trará. Cabe ressaltar, mais uma vez, que o(a) participante tem o direito de não responder às questões que lhe causarem algum desconforto e de interromper a entrevista e/ou de desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento.

Como benefícios, sua participação nesta pesquisa possibilitará a produção de um glossário sobre a linguagem especializada do Terecô, em Codó-MA, que contemplará as variações linguísticas desse discurso e que pretende colaborar para o combate ao preconceito religioso, para o desenvolvimento de ações antirracistas e para a valorização da religiosidade de matriz africana. O produto deste estudo também pretende ser fonte de resgate e preservação das memórias dos grupos de terecozeiros de Codó-MA e, para mais, servir como referência para o desenvolvimento de outras pesquisas acadêmicas no campo da linguagem.

Durante todo o período da pesquisa, você poderá tirar suas dúvidas ligando para Laryssa Francisca Moraes Porto, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (98) 9215-9568, e-mail: laryssa.porto@discente.ufma.br, para Georgiana Márcia Oliveira Santos, pesquisadora-orientadora da pesquisa, telefone: (98) 8701-5178, e-mail: georgiana.marcia@ufma.br

Você tem o direito de se recusar a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Será feita a gravação do áudio da entrevista por meio do celular. A gravação realizada durante a entrevista será transcrita integral e/ou parcialmente pela pesquisadora e, se necessário, por mais algum(ns) pesquisador(es) experiente(s), a fim de garantir a maior fidedignidade possível às informações fornecidas. O(a) participante poderá, se quiser, solicitar a transcrição feita para validação das informações.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Caso você tenha algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para você. Lembrando que não há nenhuma remuneração a receber ou a pagar ao(à) participante voluntário(a), simplesmente, por sua participação nesta pesquisa, no entanto, caso haja qualquer

despesa decorrente de sua participação neste estudo, será feito o devido ressarcimento pela pesquisadora no momento da coleta dos dados.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você terá o direito de buscar indenização nas instancias legais. (Item IV - 4.c da Resolução N°466 de 12/12/2012).

Qualquer dúvida sobre a ética desta pesquisa, você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão, pelo telefone (98)2109-1250, através do e-mail cep@huufma.br. Você ainda poderá ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h, no Hospital Universitário Presidente Dutra, Rua Barão de Itapary, nº 227, Centro, São Luís-MA. CEP: 65020-070.

Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento foi impresso em duas vias e deverá ser rubricado em todas as páginas e assinado, na última página, por você ou por seu representante legal. Uma via ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Codó/MA, _____ de _____ de 2023

Assinatura do participante

LARYSSA FRANCISCA MORAES PORTO

Mestranda em Letras

Pesquisadora responsável

Apêndice B- Termo e autorização para uso de imagem e voz

Pessoa maior de 18 anos

Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras
 Título do projeto UM OLHAR SOBRE AS MATAS DE SEU LÉGUA: a
 etnoterminologia do terecô/umbanda, em Codó-MA
 Pesquisadora Laryssa Francisca Moraes Porto

Orientadora Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

Objetivo principal: produzir um glossário sobre as particularidades do falar dos
 terecozeiros de Codó-MA, a fim de contribuir para o combate a preconceitos e
 valorização desses ritos religiosos de matriz africana.

Eu, _____

autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e
 gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no
 projeto/evento/campanha para fins de publicações e divulgações acadêmicas em
 aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém,
 minha pessoa não deve ser identificada, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do
 pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer
 momento a minha autorização.

Codó-MA, _____ de _____ de 2023

 Assinatura do participante

 Assinatura da pesquisadora

Nome: _____

RG.: _____

CPF: _____

Telefone 1: () _____ Telefone 2: () _____

Endereço: _____

Apêndice C- Questionário etnoterminológico sobre o léxico especializado do Terecô, em Codó-MA

UM OLHAR SOBRE AS MATAS DE SEU LÉGUA: a etnoterminologia do terecô, em Codó-MA

Questionário Etnoterminológico sobre o léxico especializado do Terecô, em Codó-MA

Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas

1. Para você, o que significa ancestralidade?
2. No momento do culto religioso, como se chamam as pessoas que recebem o sagrado? Há outras denominações?
3. Como se chamam os seres que se incorporam em pessoas vivas?
4. O que é guma? O que é guna? Há diferença?
5. Como se chama a pessoa que finge ser médium? Há outros nomes?
6. O que é perder força? O que o médium não pode fazer que, segundo as tradições, tira sua força?
7. Para você, o que é momento de obrigação?
8. O que é corrente?
9. O que é alvorada espiritual? Há outros nomes?
10. Como se chama o espaço religioso onde as pessoas dançam?
11. Quais os nomes dos guias da casa?
12. O que significa limpeza de corrente?
13. O que significa tirar o guia? Há outras denominações?
14. Nas casas de culto afro-religioso, há um espaço que somente algumas pessoas autorizadas e o líder religioso vão. Qual o nome desse espaço?
15. Para você, o que é terecô?
16. O que significa linha de esquerda?
17. Na religião, o que é deitar o santo?
18. O que significa dizer que a entidade veio só de passagem?
19. Como se dá o processo de iniciação?

Convívio e comportamento social

20. Como se chama a pessoa que anda em várias casas diferentes?
21. Como se chama aquela pessoa responsável por cuidar do médium e de suas coisas no momento do culto religioso?
22. O que é fazer uma visita?
23. O que é cabaceiro?
24. O que se faz quando uma pessoa do terreiro morre?
25. Quais as funções exercidas pelas mulheres e pelos homens nos terreiros? Há diferença? Caso tenha, comente.

26. Há alguma denominação específica para aquele cliente que vai na casa de vários médiuns?
27. O que não pode acontecer ou não se pode falar antes do culto religioso porque pode trazer azar?
28. Como se chamam os líderes religiosos?
29. O que é despacho?
30. Para você, o que é macumba?
31. Como se chama moeda corrente?
32. O que é um médium encostado em um terreiro de terecô?
33. Como um terreiro de Terecô lida com a sexualidade de seus afilhados?
34. Em que situação é aplicada a lei de abstinência sexual dentro de um terreiro?

Instrumento musical

35. Quais os instrumentos musicais que são usados nos momentos de culto religioso? Hoje, há diferença?
36. Quais são os tipos de toques no terecô?
37. Em dias de festas, quais músicas tocam?

Comidas e bebidas

38. Em dias de festa, há comidas específicas? Conte-nos. Como é a forma de preparo?
39. Há comidas feitas especialmente para os santos? Conte-nos. Como é a forma de preparo?
40. Como se chama aquela bebida alcoólica feita de uva?
41. Qual o nome das bebidas alcoólicas?
42. Qual o nome da bebida alcoólica feita com cevada?

Vestuário e acessório

43. Como se chamam as roupas das mulheres que participam do terreiro?
44. Como se chamam as roupas dos homens que participam do terreiro?
45. Como se chama o material usado para proteger os pés em dia de culto? Há um nome específico?
46. Como se chama aquele material usado para proteger a cabeça?
47. Há restrição de roupas no momento do culto religioso?

Anexo 1- Fichas etnoterminológicas

Quadro 1- Vocábulo-termo Alvorada espiritual

1 VOCÁBULO-TERMO: Alvorada espiritual		2 CAMPO SEMÂNTICO: Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: ∅					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X) Acepção e denominação exclusivas		
4 CONTEXTOS DE USO [Quando eu vou fazer o meu tambor, eu tenho, eu bato. Começo antes do povo todo chegar, mesmo que não seja daqui, venha de fora, eu tenho que fazer (M.S., sexo feminino, 21/03/2023) [Alvorada é a abertura do trabalho, é quando a gente vai fazer a festa da gente ou o festejo, aí tem a alvorada de manhã, 5h da manhã, 6h da manhã, que é a primeira abertura do dia que se chama (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)]. [Alvorada é uma... um começo de uma festa anual, que você pega os tambores, batedor de tambor, os médiuns se vestem, vai para o pé do cruzeiro. Faz o que se chama de rezar a alvorada , no romper do dia. Pelo exemplo, a festa é amanhã, hoje, cinco ou seis da manhã, hoje, cinco horas, você vai bater a alvorada . A alvorada chama-se o nascimento do dia, que vem raiando. Aí, você prepara os seus filhos, os seus médiuns e vai pro pé do cruzeiro. O começo da festa. Aí, a eira abre a casa, naquela hora chama-se alvorado (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)]. [Pela manhã, a gente vai começar o tambor, como no nosso caso, pedir força pra Oxalá, de manhã, pedir força, pedir resistência, pedir proteção. A gente bate um toque de tambor, todo mundo de branco, pedindo força que é pra acontecer a festa boa, né?! Não acontecer nada, os filhos eh... tá todo mundo bem, é isso que é a alvorada: o toque de todo de branco (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	início de uma obrigação	a primeira abertura do dia	Pé do cruzeiro	começo de uma festa anual	.
	pedir força pra Oxalá,	Proteção			
	manhã	5 e 6 horas			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Início de uma obrigação religiosa pela manhã. Proteção.			
	Metaconceptus	Matinada religiosa em que são feitas as obrigações anual de abertura de trabalhos para pedir proteção a Oxalá.			
	Metametaconceptus	Matinada religiosa que dá início à festa anual de uma tenda espiritual em que são preparados os filhos de santo para ir ao cruzeiro pedir proteção a Oxalá.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		

	Matinada	Religiosa	entre 5 e 6 horas, que dá início à festa anual de uma tenda espiritual na qual são preparados os filhos de santo em homenagem a Oxalá para, ao pé do cruzeiro, para pedir proteção.
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Matinada religiosa, entre 5 e 6 horas, que dá início à festa anual de uma tenda espiritual na qual são preparados os filhos de santo em homenagem a Oxalá para, ao pé do cruzeiro, para pedir proteção.			
7 OBSERVAÇÃO			

Elaborado pela autora.

Quadro 2- Vocábulo-termo Babá

1 VOCÁBULO-TERMO: Babá 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações (X) SIM Servidor de santo, quedi, servente de santo NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: Pessoa que trabalha cuidando das crianças de outra família. Etimologia (origem da palavra babá). Voc. expr. da linguagem infantil. Substantivo masculino [Religião] Em rituais iorubas, refere-se às pessoas de quem se descende. [Religião] Em rituais de candomblé, título formal e respeitoso para denominar Oxalá. Pai de santo; babalaô. Etimologia (origem da palavra babá). Do ioruba baba. substantivo masculino Bolo embebido de rum ou licor, guarnecido de passas de Corinto (Aurélio, <i>online</i>). 1. Bras. Mulher que é paga para cuidar de criança; AMA; AMA-SECA 2. P.ext. O mesmo que ama de leite. [F.: Voc. expressivo da linguagem infantil. Tb. se diz apenas bá. Hom./Par.: babá (sf.sm.), baba (sf.sm.), baba (fl. de babar)] (Aulete, <i>online</i>).					
() Acepção coincidente sob outra denominação	(X) Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [No meu tempo, era chamado de quedi, mas hoje é babá. Quedi é aquela pessoa que zela tanto pela pessoa quando o orixá chega ela vai zelar do mesmo jeito, pra ele não beber tanto, se é um encantado que bebe, pra olhar as coisas dele, porque entidade ela não costuma olhar nada, sandália essas coisas ela não liga (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Servidor de santo (M.S., 21/03/2023)] [Se chama o zelador, se chama o servente do santo . Esse que cuida das pessoas do santo (D.S., 08/09/2023)]. [A gente chama de babá né. é aquela pessoa que cuida da santidade da pessoa, ela é a baba do santo (W.S.A., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	aquela pessoa que zela tanto pela pessoa quando o orixá	Zela	Cuida das pessoas do santo		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Cuidador de criança. Pessoa que cuida dos santos, médiuns e de suas coisas			
	Metaconceptus	Pessoa responsável por cuidar do médium incorporado e de suas coisas			
	Metametaconceptus	Indivíduo responsável por cuidar do médium que está em transe e de seus pertences.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Pessoa	Responsável	por cuidar do médium que está em transe e de seus pertences.		

6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Pessoa responsável por cuidar do médium que está em transe e de seus pertences
--

7 OBSERVAÇÃO

Elaborado pela autora.

Quadro 3- Vocábulo-termo Bronze

1 VOCÁBULO-TERMO: Bronze 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e		Outras denominações (X) SIM Condição, corre mundo NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Liga de cobre e estanho. Objeto de bronze: um belo bronze. Bronze de alumínio, designação própria do cupralumínio (Aurélio, <i>online</i>)]					
[1. Quím. Liga metálica composta principalmente de cobre e estanho, de cor avermelhada e dourada 2. Medalha de bronze (1), ger. a que se ganha pela conquista da terceira colocação em competições: Ganhou bronze na maratona 3. Esp. Por metonímia, a terceira colocação numa competição 4. Escultura em bronze; por metonímia, escultura; obra de arte feita de bronze 5. Bras. Pop. Bronzeado (3), a cor amorenada da pele de quem se bronzeou 6. Sino de bronze, ger. em campanário; o maior sino num conjunto desses sinos 7. Antq. Num. Moeda de bronze (antiga moeda portuguesa, pataco, patacão) 8. Lus. Gír. Mulher bonita 9. Pop. Dinheiro; qualquer quantia 10. Ant. Canhão, peça de artilharia 11. Mec. Peça de bronze us. como mancal, sobre a qual trabalha a manga dos eixos 12. Bras. Mús. Violão a2g2n. 13. Que tem a cor do bronze ou a ela se assemelha (Aulete, <i>online</i>).					
(X)Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	()Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Chama dinheiro mesmo porque sabe que o nome é dinheiro, outros chamam bronze (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)]. [Bronze , corre mundo (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Condição que eles pede. Me dá uma condição, aí outros não sabe que é o bronzoz (M.N..N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Como as entidades chamam moeda corrente	dinheiro			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Cobre. Moeda corrente			
	Metaconceptus	Moeda corrente			
	Metametaconceptus	Meio de pagamento denominado pelas entidades.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Meio	de pagamento, em moedas ou cédulas,	Denominado pelas entidades		

6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Meio de pagamento, em moedas ou cédulas, denominado pelas entidades. Dinheiro.
--

7 OBSERVAÇÃO

Elaborado pela autora

Quadro 4- Vocábulo-termo Cabaceiro

1 VOCÁBULO-TERMO: Cabaceiro 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Árvore bignoniácea que dá cuias, cabaças ou cuités (Aurélio, <i>online</i>)]					
[1. Nome comum a várias plantas da fam. das cucurbitáceas, cujos frutos são us. como recipientes. 2. Planta dessa fam. (Lagenaria siceraria), prov. nativa da África e muito cultivada pelo fruto, a cabaça, de polpa amarga e comestível, e de cuja casca se fazem diferentes objetos; a sp. tem muitas variedades cultivadas com diferentes formatos de frutos; ABÓBORA-D'ÁGUA; CABAÇA; CABACEIRA; CABACEIRO-AMARGOSO; CUIEIRA; PORONGO; PORONGUEIRO. 3. Cuieira. 4. Cabacinha (Aultete, <i>online</i>)]					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X) Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Dentro do terecô se costuma dizer que quem toca o maracá são os cabaceiros (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [É o rapaz que bate aquele maracá (M.S., 21/03/2023)]. [É aquele que toca o instrumento (S.S.C., 22/05/2023)]. [Cabaceiro é uma das peças chave do terecô, é uma das peças chave. Cabaceiro e o tambozeiro. Eles que são mais responsáveis por chamar o santo do que o próprio zelador de santo (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	quem toca	Peça-chave no terecô	chamar o santo		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Planta. Quem toca o maracá			
	Metaconceptus	Quem toca o maracá e é responsável por chamar os seres espirituais			
	Metametaconceptus	Pessoa que toca o maracá e é responsável por chamar os seres espirituais			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Pessoa	que toca o maracá	e tem a função de chamar os seres espirituais		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Pessoa que toca o maracá e tem a função de chamar os seres espirituais					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 5- Vocábulo-termo Cavalo

1 VOCÁBULO-TERMO: Cavalo 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações: (X) SIM <i>Médium</i> , brincante, aparelho NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Mamífero doméstico da ordem dos ungulados, família dos equídeos, perfeitamente adaptado à corrida; podem viver, normalmente, até os 30 anos; são nativos da Europa e Ásia. (Aurélio, <i>online</i>)]					
[1. Mastz. Grande mamífero herbívoro da fam. dos equídeos (<i>Equus caballus</i>), de cascos resistentes, domesticado pelo homem desde a pré-história, us. como animal para montaria e tração, originalmente encontrado apenas na Ásia e Europa mas introduzido e disseminado no resto do mundo. [Nesta acp., fem.: égua] 2. Fig. Pej. Pessoa grosseira e ignorante; CAVALGADURA 3. Fig. Pej. Pessoa violenta. 4. Cada uma de duas peças do jogo de xadrez, movimentada em L no tabuleiro (duas casas em direção lateral e uma casa em direção longitudinal, ou vice-versa), e a única que pode 'saltar' sobre outras peças (deslocar-se mesmo quando uma ou mais casa adjacente não estão desocupadas) 5. Agr. Planta resistente em que se faz um enxerto de melhor qualidade. 6. Esp. Aparelho us. em ginástica artística; espécie de cavalete cuja parte superior, a meia altura, serve como apoio para as mãos, devendo o ginasta saltar sobre o aparelho com movimentos acrobáticos no ar, ou, usando alças presas à parte superior, realizar movimentos de impulsão das pernas e outros exercícios estáticos ou dinâmicos.: salto sobre o cavalo [nome de prova ou modalidade de ginástica artística] 7. Banca us. no fabrico de tonéis, barris etc. 8. Tenaz us. no fogão 9. PE SE Agr. Certa variedade de feijão [Tb. us. como adj.] 10. Geol. Parte de rocha que penetra num filão 11. Tip. Corpo estranho que se prende sob a forma e desalinha as letras 12. Pop. Med. Cancro venéreo 13. Rel. Pessoa que recebe o santo, em rituais afro-brasileiros como o candomblé, esp. de caboclo, a umbanda etc. (Aulete, <i>online</i>)].					
() Acepção coincidente sob outra denominação	(X) Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [São médiuns que... dentro do terecô a gente diz que são médiuns que têm encantados. A gente costuma dizer assim, é um médium que é do santo também (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)] [Ah, é brincante , né?! De modo geral, né. médium , o pessoal também chama de médium (D.N.M.A, 22/07/2023)] [Cavalo , aparelho , médium , tem várias formas de ser chamada (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)]. [Por aí chamam médium , mas eu conheço como filho (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)]. [Cavalo , tem gente que chama cavalo , minha moça, meu rapaz, é assim. Meu aparelho são essas palavras que eles chama né?! (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Pessoa que recebe o sagrado	Do santo	Têm encantados		
NATUREZA DOS SEMAS	Conceptus	Mamífero. Pessoa que tem poder de receber seres espirituais			
	Metaconceptus	Pessoa que recebe os encantados			

CONCEPTUAIS FORMADORES	Metametaconceptus	Pessoa que tem mediunidade para receber os encantados.	
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente
	Pessoa	Que tem mediunidade	E recebe os encantados
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Pessoa que tem mediunidade e recebe os encantados.			
7 OBSERVAÇÃO			

Elaborado pela autora

Quadro 6- Vocábulo-termo Corpo sujo

1 VOCÁBULO-TERMO: Corpo sujo 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Ah! Eh... a questão do médium que esconde as coisas. Ele... por exemplo, ele sabe que hoje é dia de obrigação. Ele passou a semana toda na casa dele, aí lá ele teve relação, ela teve relação, namorou, não se cuidou, não se preparou, de repente ela vem pra obrigação. Veste a roupa e vem pra obrigação. Então, ela tá com corpo sujo , isso aí que é chamado (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Corpo sujo é quando você tem relação. Então, muitos não preservam isso (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	sujeira espiritual	é quando você tem relação.			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Relação sexual			
	Metaconceptus	Relação sexual antes das obrigações religiosas			
	Metametaconceptus	Ato sexual antes das obrigações religiosas			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Indivíduo profanado	antes do cumprimento das obrigações	Religiosas		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Indivíduo profanado antes do cumprimento das obrigações religiosas.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 7- Vocábulo-termo Corrente

1 VOCÁBULO-TERMO: Corrente 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: Que ou aquele que corre sem obstáculos: água corrente. Que tem curso autorizado; que está em vigor neste momento: moeda corrente. Que está em curso; que vai decorrendo, passando no tempo: mês corrente. Aceito por todos ou pela maioria; consensual; estabelecido: opinião corrente. De teor comum; que é corriqueiro; usual: ideias correntes (Aurélio, <i>online</i>).					
1. Que corre, flui sem obstáculo (água corrente 2. Que está em curso ou em vigor (ano corrente, moeda corrente) 3. Fig. Que é aceito e us. por muitos, ou admitido como certo: expressão de uso corrente. 4. Conhecido de todos; NOTÓRIO; PROPALADO (Aulete, <i>online</i>).					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X)Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [A corrente ela se divide em sete. Tem a corrente de Tobossa, tem a corrente de caboclo, tem a corrente do povo das águas, tem a corrente de preto velho. Corrente é uma divisão de espiritismo, dentro do terecô. Onde se divide cada entidade da família que ela é: se ela é da família de Légua, se é da família de caboclo, isso que é corrente (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)] [É quando a gente começa a receber essas coisas (M.S.S., sexo feminino, 21/03/2023)]. [É uma corrente , tem várias correntes. Tem a corrente de astral. Tudo espiritual, é a força da fé (S.S.C, sexo masculino, 22/05/2023)]. [Corrente é aonde os guias que incorporam na pessoas. É onde os guia passam, onde os guias descem, se chama corrente , é corrente de santo, ali desce os guias (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)]. [Corrente é uma corrente espiritual cheio de espírito, chama-se a corrente , a corrente do santo tem muitos guias, homens e mulheres, a espiritualidade (M.J.DC., sexo feminino, 22/03/2023)]. [Corrente são uma junção de vários encantados (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	se divide em sete	receber essas coisas	divisão de espiritismo	os guias que incorporam na pessoas	tem várias correntes
	cheio de espírito	junção de vários encantados	Famílias	Descem	
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Curso. Corre. Junção de vários encantados. Guias que incorporam nas pessoas			
	Metaconceptus	Junção de vários encantados que se organizam em famílias espirituais e começam a descer nos médiuns.			
	Metametaconceptus	Junção de vários espíritos em famílias de encantados que incorporam nos médiuns.			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Organização	de entidades espirituais	que se manifestam por meio da incorporação em seus médiuns, formando uma estrutura grupal.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Organização de entidades espirituais que se manifestam por meio da incorporação em seus médiuns,					

formando uma estrutura grupal.

7 OBSERVAÇÃO

Elaborado pela autora.

Quadro 8- Vocábulo-termo Deitar

1 VOCÁBULO-TERMO: Deitar para o santo 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações: (X) SIM Batizar, encruzar, firmar, fazer o santo, deitar a pessoa NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Deitar pro santo é você ter certeza que é do terecô, ter certeza que quer seguir na religião, ter certeza que tem santo e aí vai receber uma preparação. Eu vou botar um médium pra deitar, então ele vai deitar pra pegar força, preparar o encantado dele, pra ajeitar pra que as coisas possa andar da maneira boa, entendeu?! (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Deitar o santo? Deita-se o médium para o santo. É pra tomar força, porque a força do santo ela berra. INQ.- Então, seria deitar o nome? COL.- Deitar. Tem que deitar o médium, viu?! Pra fazer o santo ou batizar , ou encruzar . Porque na minha religião eu não fui raspada, não tem corte em mim, graças a Deus. Eu fui deitada nos dias certos e sou encruzada e assim é que eu faço com os meus médiuns aqui [...]Se a pessoa é um médium muito forte três dias deitado, outros é sete dias, outros é oito. Dependendo do tipo da mediunidade da pessoa (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)] [Deitar o santo não, deitar a pessoa . É o trabalho de firmeza (S.S.C., 22/05/2023)]. [É a confirmação da sua entidade. Quando você deita pro santo, é porque o médium já tá devidamente preparado pra ter o encantado de força e resistência pra poder trabalhar e seguir sua jornada (W.S.A., sexo masculino, 01/05/2023)]. [Deitar o santo é aquela pessoa que tá no terecô, chegou recentemente, uma pessoa, ele passa mal, não sabe o nome do encantado. Aí ele vai deitar e vai levantar no toque de tambor e aí o encantado, às vezes, vem; às vezes, ele é obrigado a deitar duas ou três vezes. Às vezes, na primeira vez que deita ele se concentra e o santo já que tá pedindo ajuda, que é o encantado né, aí ele desce e já fala o nome, o pai de santo pergunta, né, o nome, uns fala falando outros fala doutrinando. Isso que deita, que é pra falar o nome dele (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Ter certeza que é do Terecô força	tem santo Resistência	seguir na religião preparado pra ter o encantado	ajeitar levantar no toque de tambor	Três dias deitado Sete dias
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Recolher-se para obrigação religiosa			
	Metaconceptus	Recolher-se para confirmar o santo para que a o médium possa andar de maneira boa			
	Metametaconceptus	Recolher durante três a sete dias para confirmação religiosa do terecô em um espaço religioso			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Recolher-se	para o sagrado	durante três ou sete dias para preparar o médium.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Recolher-se para o sagrado durante três ou sete dias para preparar o médium.					

7 OBSERVAÇÃO

Elaborado pela autora.

Quadro 9- Vocábulo-termo Despacho de alma

1 VOCÁBULO-TERMO: Despacho de alma 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: Acepção e denominação exclusivas					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [A casa faz, a casa primeiramente a casa fica de luto por um ano. Depois, faz a obrigação de despacho de alma, é feito todo uma ritualística ali, que você vai cortar as guias, as contas que ele usa. No ato do velório. Você... O caixão tá aqui... O zelador de santo da pessoa faz primeiro a obrigação de quebrar os pontos de segredo da pessoa no quarto de santo que era da pessoa, aí se corta a guia, se corta as roupas que foram usadas no preceito dele já em tempo antigo porque isso/se a gente guarda, aí é feito a trouxa, bota ali debaixo do caixão, deixa lá, até a partida do velório. aí dependendo da linhagem dele, vai ver onde é que se despacha, se é nas águas, se é na mata... (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Ritualística	cortar as guias	[cortar] as contas que ele usa.	quebrar os pontos de segredo da pessoa no quarto de santo	Cortar as roupas
	feito a trouxa, bota ali debaixo do caixão, deixa lá, até a partida do velório.	despacha			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Ato do zelador de santo cortar as coisas do médium morto			
	Metaconceptus	Ato do zelador de santo cortar as guias, as roupas, quebrar os pontos da pessoa e mantê-los em baixo do caixão até o velório terminar			
	Metametaconceptus	Ritualística para a despedida do médium.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Ritualística	De despedida do médium morto	a fim de devolver os materiais como guia, roupas, à natureza		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Ritualística de despedida do médium morto a fim de devolver os materiais, como guia, roupas, à natureza					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 10- Vocábulo-termo Doutrina

1 VOCÁBULO-TERMO: Doutrina 2 CAMPO SEMÂNTICO: Instrumento musical		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [1 Reunião dos fundamentos e/ou ideias que, por serem essenciais, devem ser ensinadas. 2 Reunião dos preceitos básicos que compõem um sistema (religioso, político, social, econômico etc.). 3 [Política] Reunião dos preceitos utilizados por um governo como base para sua ação (social ou política).4 [Por Extensão] Sistema que uma pessoa passa a adotar para gerir sua própria vida; norma, regra ou preceito. O conjunto do que se utiliza para ensinar; disciplina. 5 [Religião] Crença ou reunião das crenças que são tidas como verdadeiras pelas pessoas que nelas acreditam; os dogmas relacionados à fé cristã; catecismo. 6 [Jurídico] Reunião daquilo (ideias, opiniões, pensamentos, pontos de vista etc.) que é utilizado como base para formulação de teorias (exame ou análise) no âmbito jurídico; regra que, resultante de uma interpretação, é utilizada como padrão no exercício prático de uma lei (Aurélio, <i>online</i>)].					
[1. Conjunto de dogmas e princípios que fundamentam um sistema ideológico, filosófico, político, religioso etc. (doutrina marxista, doutrina cristã): A doutrina de Descartes 2. Crença ou conjunto de crenças que são vistas como verdades absolutas pelos que nelas acreditam: a doutrina da reencarnação. 3. Pol. Conjunto de princípios que um governo toma como base para sua ação no campo político e social 4. Sistema adotado por cada pessoa para pautar seu procedimento, comportamento etc. (Aulete, <i>online</i>)]					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X)Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Na questão do terecô não é chamado de música, é doutrinas (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [A doutrina é a música, a música do terecô (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	músicas	Músicas do terecô			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Reunião dos fundamentos. Crenças. Reunião. Músicas			
	Metaconceptus	Músicas do terecô			
	Metametaconceptus	Músicas tocadas nos cultos de terecô			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Conjunto	de músicas religiosas	em homenagem às entidades.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Conjunto de músicas religiosas em homenagem às entidades.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 11- Vocábulo-termo Encantado

1 VOCÁBULO-TERMO: Encantado 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Que foi alvo de encantamento; que foi objeto de feitiço ou bruxaria: reino encantado. Que foi seduzido ou se deixou seduzir; que se deslumbrou; maravilhado: ficou encantada com a inteligência de sua professora. [Brasil] Linguagem marginal. Diz-se do cofre de combinação e segredo ignorados pelos assaltantes. substantivo masculino [Brasil] Religião. Segundo alguns indígenas e/ou cablocos, refere-se aos seres que, animados por forças desconhecidas, habitam o céu, as selvas, as águas ou os locais sagrados (Aurélio, <i>online</i>)].					
[1. Que sofreu encantamento, feitiço; ENFEITIÇADO: O sapo era na verdade um príncipe encantado. 2. Que está seduzido pelos encantos de algo ou alguém; FASCINADO; EXTASIADO; ENLEVADO: A criança admirava o quadro com um olhar encantado. 3. Fig. Misterioso. (Aulete, <i>online</i>).					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X)Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [É espírito, encantado. São essas entidades né?! Que o ser humano tá na umbanda, na roda, aí recebe o pai de santo que chama, e aí eles incorpora pra pessoa. São essas. INQ.- O que é encantado pra senhora? COL.- O encanto é um ser que sempre me ajudou, do além que eu nunca vi, né?! Vejo incorporado que é um falante que a gente não vê encantado, eu nunca vi, se alguém já viu eu nunca vi encantado, a gente só sente a presença dele que é uma coisa assim fora do normal, é algo fora do normal, você não fica normal quando tem um encantado assim perto de você (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
	1	2	3	4	5
SEMAS	incorpora	Ajudou			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Feitiço. Seduzido. Seres espirituais que incorporam nos médiuns			
	Metaconceptus	Seres espirituais que incorporam nas pessoas e ajuda-as			
	Metametaconceptus	Seres supremos que têm a capacidade de ajudar e incorporar nas pessoas			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Seres	com a capacidade	de auxiliar e incorporar-se em seres humanos.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Seres com a capacidade de auxiliar e incorporar-se em seres humanos.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 12- Vocábulo-termo Entidade veio só de passagem

1 VOCÁBULO-TERMO: Entidade veio só de passagem 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [A entidade veio só de passagem significa dizer que a entidade ela incorpora e não fica, não fica na croa do médium. Por exemplo, eu tô fazendo uma obrigação e a obrigação começa meia noite pra começar o dia, aí incorpora uma entidade na croa de um filho de santo meu, mas ela veio só de passagem, ela não ficou (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Existe muito ser nesse meio, porque quando não é para brincar, o santo tem o direito de dar uma passagem pra gente, ele tem o direito de chegar no momento. Eu tô conversando, eu sou espírita, se o meu santo, o meu guia, ele entende, ele acha que o horário é esse dele incorporar em mim, ele me junta em qualquer canto (D.S., 08/09/2023)]. [Veio só de passagem é quando aquelas pessoas que ainda não são preparadas, o guia ainda não tá afirmado, às vezes passa e não tem afirmação nenhuma. E as vezes não é o chefe da cabeça, pra preparar... O preparado é o chefe, os outros é só de passagem (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	ela incorpora e não fica	não veio para ficar	só veio visitar a casa	não é para brincar	Visitar alguém
	Não tem força				
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Entidade que incorpora, mas não fica			
	Metaconceptus	Entidade que incorpora no médium para visitá-lo ou visitar a casas e vai embora			
	Metametaconceptus	Ser espititual que incorpora nos médiuns, mas não fica por muito tempo.			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Ser espiritual	que se manifesta	brevemente nos médiuns em determinado local ou situação.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Ser espiritual que se manifesta brevemente nos médiuns em determinado local ou situação.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 13- Vocábulo-termo Espumosa

1 VOCÁBULO-TERMO: Espumosa 2 CAMPO SEMÂNTICO: Comida e bebida		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
(X)Acepção coincidente sob outra denominação Cerveja	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [...] a cerveja as entidades costumam chamar de escumosa ou espumosa como as pessoa chamam (A.J.P.F., sexo06/09/2023) [Cerveja eles chamam de espumosa , é, é assim (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Bebida alcohólica feita com cevada				
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Bebida alcohólica feita geralmente à base de cevada			
	Metaconceptus	Bebida alcohólica feita geralmente à base cevada e oferecida às entidades.			
	Metametaconceptus	Denominação dada pelas entidades religiosas para a bebida alcohólica feita com cevada.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Bebida	alcohólica	feita geralmente à base de cevada		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Bebida alcohólica feita geralmente à base cevada.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 14- Vocábulo-termo Farda

1 VOCÁBULO-TERMO: Farda 2 CAMPO SEMÂNTICO: Vestuário e acessório		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Tipo de roupa que, possuindo determinado padrão, é utilizada por militares, estudantes etc.: uniforme ou fardamento (Aurélio, <i>online</i>)] [1. Traje padronizado de militares, certas profissões, escolares, corporação civil etc.; UNIFORME; FARDAMENTO (Aulete, <i>online</i>)]					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X) Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Farda (M.S., sexo feminino, 21/03/2023)]. [INQ.- Como é que chama as roupas das mulheres que usam dentro do terreiro? COL.- Fardamento. INQ.- Fardamento é tanto para homem quanto para mulher? (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023)]. [Farda (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Roupa usada no terecô	Homem	Mulher		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Tipo de roupa. Fardamento. Traje. Roupa			
	Metaconceptus	Roupa usada nos cultos de terecô			
	Metametaconceptus	Roupas usadas por homens e mulheres para dançar nos cultos de terecô			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Vestuário	Usado por homens e mulheres	para o culto religioso.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO: Vestuário usado por homens e mulheres para o culto religioso					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 15 Vocábulo-termo Fazer visita

1 VOCÁBULO-TERMO: Fazer visita 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações (X) SIM Pagar visita NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [É que eles fazem pra gente e a gente tem que fazer pra eles também (M.S., 21/03/2023)] [Uma promessa (S.S.C., 22/05/2023)]. [É cortejar a festa do irmão. É quando o irmão vai na sua, na sua festa, vai cumprir a obrigação da sua casa e você tem por direito e dever de fazer aquilo também (W.S.A., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	eles fazem pra gente e a gente tem que fazer pra eles também	Uma promessa	cortejar a festa do irmão	cumprir a obrigação	
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Visitar			
	Metaconceptus	Visitar as festas dos companheiros de religião			
	Metametaconceptus	Ato de ir à festa do companheiro de religião			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Ato	de participar de um salão espiritual	em celebração à festa de um participante de religião.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Ato de participar de um salão espiritual em celebração à festa de um participante de religião.					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusivas					

Elaborado pela autora.

Quadro 16- Vocábulo-termo Força

1 VOCÁBULO-TERMO: Força		2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade,		Outras denominações () SIM NÃO (X)	
mediunidade e entidade religiosa					
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [1 O que tem grande vigor ou potência física; vigor, robustez. 2 Toda causa capaz de agir, de produzir um efeito: a água e o ar são forças naturais. 3 Razão do movimento ou aquilo faz alguma coisa se mover; impulso. 4 Ação agressiva, bruta; violência: usou de força para vencer o inimigo. 5 Domínio que se tem sobre algo ou sobre alguém; influência, poder: a força de um medicamento; a força de uma crítica. Demonstração de autoridade; domínio: a força da Constituição. 6 [Física] O que, em um corpo, altera ou provoca um movimento uniforme, tirando-o do estado de repouso (representado por F). 7 Tendência para provocar impacto; o que impressiona: força artística. 8 O que não se deixa vencer; firmeza: força de vontade. 9 Maior nível de; apogeu: a força da juventude. 10 Energia elétrica; eletricidade: desligue a força no interruptor. 11 Aspecto mais importante de algo: a força do presidente é o povo (Aurélio, <i>online</i>)].					
[1. Fís. Tudo que é capaz de produzir ou alterar um movimento: "... ninguém calcularia que estivesse ali o homem de maior força muscular do Rio de Janeiro." (Aluísio de Azevedo, Girândola dos amores) : "... o homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor." (Euclides da Cunha, Os sertões) 2. Potência, robustez, rigidez; ESFORÇO: "...a morocha mais linda que tenho visto saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte..." (João Simões Lopes Neto, Contos gauchescos) 3. Dispendio de energia: "...tomou-me pelo braço com força, acordou-me e levou-me de rasto ao quarto de Laura." (Álvares de Azevedo, Noite na taverna) 4. Violência: "... Por isso uma força me leva a cantar..." (Caetano Veloso, Força estranha) 5. Impulso: "É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo." (Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma) 6. Vigor, intensidade: "...ele não tinha em si a força indispensável a todo o homem que põe a mira acima do estado em que nasceu." (Machado de Assis, A mão e a luva) 7. Determinação, firmeza: "...as palavras dela (...) davam-me força para tentar dominar a situação e desviar o curso dos acontecimento s." (Machado de Assis, Relíquias da casa velha) 8. Coragem, ânimo: a força da terra 9. Fertilidade 10. Poderio, capacidade de luta: "O exército sente na própria força, a própria fraqueza." (Euclides da Cunha, Os sertões) 11. Autoridade, influência, prestígio: "A força moral de Estela subjugou-o." (Machado de Assis, Iaiá Garcia) 12. Valentia, destemor: "...[os sertanejos] tiveram [...] uma rude escola de força e coragem naquelas gerais amplíssimas..." (Euclides da Cunha, Os sertões) 13. Capacidade, aptidão, potencial: O salário é o que se paga ao trabalhador pela venda de sua força de trabalho 14. Energia elétrica 15. Destacamento militar: "Ensarihadas as armas, a força acantonou..." (Euclides da Cunha, Os sertões) (Aulete, <i>online</i>)].					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X) Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Força é basicamente como a galera chama o axé em Codó. O axé em Codó, ele não é chamado de axé (D.N.M.A, 22/07/2023)]					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
	1	2	3	4	5

SEMAS	Axé em Codó	O axé em Codó, ele não é chamado de axé			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Vigor. Potência. Esforço. Axé.			
	Metaconceptus	Poder ou energia			
	Metametaconceptus	Poder ou energia ancestral			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Poder	Energia	Ancestral		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Poder ou energia ancestral					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 17- Vocabulo-termo Gulepo

1 VOCÁBULO-TERMO: Gulepo 2 CAMPO SEMÂNTICO: Comida e bebida		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	(X)Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação Bebida	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Na verdade, todas as bebidas, independente do que elas sejam, as entidades costumam chamar de gulepo . Minha cachaci. Cachaci é cachaça, são várias línguas né que eles chamam (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Bebida alcóolica	dada mais para o povo de Léguas	Todas as bebidas, independente do que elas sejam		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Bebida alcóolica.			
	Metaconceptus	Bebida alcóolica ofertada às entidades religiosas.			
	Metametaconceptus	Denominação atribuída às bebidas alcóolicas pelas entidades religiosas do terecô.			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Bebida	Alcóolica	dada às entidades religiosas e praticantes de terecô.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Bebida alcóolica dada às entidades religiosas e praticantes de terecô					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 18- Vocábulo-termo Guna

1 VOCÁBULO-TERMO: Guna 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações (X) SIM Mourão NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: 1 Planta trepadeira da ilha de São-Tomé (Aurélio, Online).					
Planta trepadeira da ilha de São-Tomé (filos.) na filosofia hindu, cada um dos três elementos constituintes da matéria primitiva, ou do universo material que saiu desta matéria. -, s. m. (Filol.) sinal ortográfico do sânscrito, que consiste num a breve em certos casos anteposto às vogais. F. sânscr. Guna. (Aulete, <i>online</i>).					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X) Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Às vezes, o mourão também, porque tem casa que enterra, tem a ritualística de espaço, profundidade para enterrar os mistérios, né. (D.N.M.A., sexo feminino, 21/04/2023)]. [Guna é o assentamento que tem no meio da sala do salão do barracão, que se chama guna (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)]. [É no barracão. Eu vou no tambor dos outros, eu tenho que saudar a guna . Por exemplo, ali tem a guna, eu vou saudar: com licença do meu Pai, na guna eu vim saudar. Com licença dono da casa e todo o seu pessoal. Porque ali, eu tenho que pedir licença (M.S.S., sexo feminino, 21/03/2023)]. [Que eu me entendo do meu tempo de terecô, a guna é aquela forquilha que tem no meio do salão. No meio do salão tem uma forquilha que se chama guna (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
	1	2	3	4	5
SEMAS	tronco	meio da sala do salão	Saudar	Enterrar	
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Coluna central.			
	Metaconceptus	Tronco que fica no meio do barracão onde ficam enterrados os mistérios religiosos			
	Metametaconceptus	Tronco centralizado no meio do terreiro indicando os segredos espirituais onde os participantes de religião afro-brasileira devem saudar.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação origem, destino e referente		

	Estaca	de madeira	colocada de maneira vertical no meio do salão para indicar que os dogmas religiosos foram enterrados ali e devem ser saudados pelos terecozeiros.
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Estaca de madeira colocada de maneira vertical no meio do salão para indicar que os dogmas religiosos e enterrados ali e devem ser saudados pelos terecozeiros.			
7 OBSERVAÇÃO			

Elaborado pela autora.

Quadro 19- Vocábulo-termo Jurema

1 VOCÁBULO-TERMO: Jurema 2 CAMPO SEMÂNTICO: Comida e bebida		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Aqui na minha casa a gente costuma fazer uma mistura do vinho e o gengibre que quando ele é misturado a gente coloca ele no pote e tem a preparação, no pote de barro. Quando ela é misturada ela é chamada de jurema , que é a bebida de caboclo (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Jurema . Bebida da jurema. É um produto, eles fazem até mistura que eles faz, é até gostoso, como gengibre, ardosa (S.S.C., 22/03/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	mistura	É um produto	Ardosa	Vinho e gengibre	Pote de barro
	Caboclo				
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Bebida resultada da mistura de vinho com gengibre, em um pote.			
	Metaconceptus	Bebida resultada da mistura de vinho com gengibre, em um pote, dada aos caboclos.			
	Metametaconceptus	Bebida feita da mistura do vinho com gengibre em um pote e oferecida aos caboclos.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Bebida	alcoólica	preparada para os caboclos feita com vinho e gengibre, em pote de barro, com sabor ardosa		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Bebida alcoólica preparada para os caboclos feita com vinho e gengibre, em um pote de barro, com sabor ardosa					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusivas					

Elaborado pela autora.

Quadro 20- Vocábulo-termo Lava-prato

1 VOCÁBULO-TERMO: Lava-prato 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusiva	
4 CONTEXTOS DE USO [O lava-prato é igual tipo uma festa. Tem o carnaval. O pessoal faz o carnaval na data certa que é no mês de fevereiro, termina a festa, depois de um mês é que vão fazer um o lava-prato, que é pra fazer incrementar a festa. E assim também é dentro do espiritismo. Tem o lava-prato, mas aqui na minha casa eu não faço isso, porque foi um fundamento que eu trouxe da casa de santo que eu frequentei. E foi onde eu aprendi e esse ritmo que eu trouxe pra minha casa (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Festa	termina a festa	Dentro do espiritismo	depois de um mês	incrementar
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Festa após um mês da execução da festa principal			
	Metaconceptus	Festa após um mês da execução da festa principal dentro do terecô			
	Metametaconceptus	Festa religiosa realizada após um mês da festa principal realizada anualmente			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Celebração	de encerramento	da festa principal de um salão		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Celebração de encerramento da festa principal de um salão.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 21- Vocábulo-termo Limpeza de corrente

1 VOCÁBULO-TERMO: Limpeza de corrente 2 CAMPO SEMÂNTICO: Outras denominações () SIM NÃO (X)					
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [A limpeza de corrente é uma preparação que eu vou fazer e eu costumo fazer direto na minha casa, pros filhos de santo que frequenta. É a questão de banho, questão de defumador, a questão de benzimento, questão de preparação com remédio, tudo isso faz parte de uma limpeza. Um sacolejo de pipoca... isso aí que é limpeza, isso é trabalho, é cura (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Ah, porque a pessoa tem que estar de corpo limpo, barracão, lava, limpa, defuma, viu?! Aí, tá limpando (M.S., 21/03/2023)] [A limpeza de corrente , minha filha, é limpar os médiuns. Que às vez é um médium de corpo sujo, é um médium que não guarda os seus dias para ter um sexo com quem quer que seja lá, viu?! É qualquer dia, então, pra ter uma festa tem que alimpar a corrente, tem que tomar banho, tem que procurar... É por isso que o pai de santo, eu não, não faço isso porque... Hoje, as coisas estão tudo diferente quando se tinha um filho o pai de santo bota tudo que é bando de médium, tem médium mulher dentro de casa, durante a festa nem os maridos num vai lá para que ele não suja o corpo, de se beijar, disso e daquilo. E elas é só banhando até chegar o dia de começar a festa do terreiro (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Preparação	Banho	Defumador	Benzimento	Corpo limpo
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Preparação do corpo.			
	Metaconceptus	Preparação do corpo por meio de banhos, sacudimento, rezas, benzimentos, defumação para tirar más energias			
	Metametaconceptus	Filho de santo é preparado por meio de banhos, sacudimento, rezas, benzimentos, defumação pelo ze de santo para tirar às más energias			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Ritual	de purificação do corpo	por meio de banhos, sacudimento, rezas, benzimentos, defumação para tirar más energias		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Ritual de purificação do corpo por meio de banhos, sacudimento, rezas, benzimentos, defumação para tirar más energias.					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusiva					

Elaborado pela autora.

Quadro 22- Vocábulo-termo Louvvariê

1 VOCÁBULO-TERMO: Louvvariê 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [O louvvariê é a abertura dos trabalhos. É onde todos os filhos tá concentrado e vai iniciar uma temporada de festa dentro da casa, onde ele vai se concentrar pro santo e vai se ajoelhar, botar o joelho em terra, pedir misericórdia das entidades e louvar os santos. Que o louvvariê dentro do terecô a gente costuma fazer batendo a mão no chão até as entidades chegar, Não é apanhando, ele tá louvando os santos, pedindo que aquela festa seja uma festa de prosperidade, de fartura e que seja tranquilo (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	abertura dos trabalhos	concentrado	apanhando	Joelho	Chão
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Louvação			
	Metaconceptus	Louvação para abertura dos trabalhos em que os filhos de santo colocam os joelhos e as mãos no batendo-as para chamar os encantados			
	Metametaconceptus	Celebração religiosa para abertura dos cultos de terecô onde os filhos de santo colocam os joelhos e as mãos no chão batendo-as para chamar e louvar os encantados			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Celebração	Religiosa	para abertura dos cultos de terecô onde os filhos de santo colocam os joelhos e as mãos no chão batendo-as para chamar os encantados		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Celebração religiosa para abertura dos cultos de terecô na qual os filhos de santo colocam os joelhos e as mãos no chão batendo-as para chamar os encantados					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 23 Vocábulo-termo Manjar do céu

1 VOCÁBULO-TERMO: Manjar do céu 2 CAMPO SEMÂNTICO: Comida e bebida		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
(X)Acepção coincidente sob outra denominação Água	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [INQ.- E água tem algum nome específico? COL.- Tem, dentro do espiritismo é chamado de manjá do céu (A.F.P.F., sexo masculino, 08/09/2023)]					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Água	Dentro do espiritismo	que os encantados tomam		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Líquido sem cheiro, sabor e transparente			
	Metaconceptus	Água dentro do espiritismo			
	Metametaconceptus	Líquido sem cheiro, sabor, e transparente que os encantados tomam.			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Bebida	não alcoólica, transparente, sem cheiro e sem sabor	dado às entidades religiosas para beberem em cerimônia religiosa.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO: Bebida não alcoólica, transparente, sem cheiro e sem sabor, dado às entidades religiosas para beberem em cerimônia religiosa.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 24- Vocábulo-termo Manjar

1 VOCÁBULO-TERMO: Manjar 2 CAMPO SEMÂNTICO: Comida e bebida		Outras denominações (X) SIM Mocororó NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: 1. Qualquer comida apetitosa 2. Cul. Doce feito a base de coco, leite e açúcar, ger. acompanhado de calda caramelizada e ameixas secas (Aulete, <i>online</i>).					
1. Qualquer comida apetitosa 2. Cul. Doce feito a base de coco, leite e açúcar, ger. acompanhado de calda caramelizada e ameixas secas manjar2 (man.jar) Bras.v.1. Conhecer, entender ou perceber [td. : Manjou logo o truque do mágico.] [tr. + de : Osvaldo manja muito de informática.] 2. Observar como (alguém) se comporta [td. : O detetive manjava os suspeitos à distância há algum tempo.] [F.: Do fr. manger. Hom./Par.: manja (s) (fl.), manja (s) (sf. [pl.]); manjáveis (fl.), manjáveis (pl. de manjável).] (Aurélio, <i>online</i>).					
() Acepção coincidente sob outra denominação	(X) Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Tem jurema, mocororó . Você não sabe nem o que é isso? Você sabe? Vamos supor que eles querem fazer uma arreada de encantaria deles lá, pega o arroz, praia numa terra, mistura uma coisa, pranta assim aquele arroz, pra ele nascer, dá um prazo, quarenta dias pra ele nascer, sei lá. Aí eu trago ou coco da praia ou coco babaçu. Vai tirar aquele leite, vai tirar aquele leite. Aquele leite é misturado com o leite daquele arroz que nasceu e prepara oh... como dá o nome da macaxeira que ela vem na... Tapioca que é pra fazer. Ali bota, não bota açúcar porque ali já é doce, o arroz fica doce, o arroz é doce e o coco da praia também já é (init) gostoso. Aí é uma bebida que eles gostam (init.) Pega-se o milho, pisa o milho faz o fubá do milho, o fubá do arroz, fica curtindo, fica mexendo até, até... faz um pandeirão, bota pra serenar, pra dar para as pessoas [...]. (S.S.C, sexo masculino, 22/04/2023)]. [Manjar é a bebida do santo. Quando a gente vai dar a bebida do santo, que vai dar o manjar que é uma cerimônia a gente canta: <i>oh, manjá oh! Tindolélê, manjá oh!</i> (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)]					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Bebida	Doce	Dar para as pessoas	Bebida do santo	Cerimônia
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Comida. Bebida doce.			
	Metaconceptus	Bebida doce oferecida às pessoas e às entidades religiosas em cerimônia.			
	Metametaconceptus	Bebida não alcoólica feita de arroz e coco da praia ou coco babaçu oferecida às pessoas e entidades em cerimônia religiosa.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação		
	Bebida	não alcoólica feita com arroz e coco da praia, ou coco babaçu	oferecida em cerimônia religiosa às entidades e às pessoas.		

6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Bebida não alcoólica feita com arroz e coco da praia, ou coco babaçu, oferecida em cerimônia religiosa às entidades e às pessoas.

7 OBSERVAÇÃO Mocaroró [Brasil] Nome genérico de várias bebidas fermentadas, feitas de arroz, no Maranhão, de mandioca, no Pará, e de caju, no Ceará. Mineralogia Bras. (BA) Limonita encontrada nas regiões auríferas. Cascalho de diamante. (Aurélio, *online*)

Elaborado pela autora.

Quadro 25 Vocábulo-termo Maracá

1 VOCÁBULO-TERMO: Maracá 2 CAMPO SEMÂNTICO: Música e instrumentos musicais		Outras denominações (X) SIM Cabaça NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [INQ.- Tem instrumento que é tocado em forma de chocalho, qual é o nome desse instrumento? COL.- Agogô. INQ.- É um instrumento que tem uma forma oval e bate com a mão. COL.- Maracá (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [A cabaça , ela é nascida de uma rama, pranta a semente e ela nasce, é uma rama. INQ.- E o que tem dentro da cabaça? COL.- A gente bota umas pedrinhas dentro pra sacudir ou a gente bota umas pontazinha vermelha que a gente bota numa árvore, sombrinhão, né?! Aquela árvore cai a semente no chão, a gente pega e coloca, dá um som legal o sombrinhão (M.N..N, sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	pedrinhas dentro pra sacudir	a gente bota umas pontazinha vermelha	cabaça		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Instrumento musical			
	Metaconceptus	Instrumento musical feito de cabaça tocado no culto do terecô			
	Metametaconceptus	Instrumento musical de percussão, oval, batido com a mão, feito de cabaça e com sementes vermelhas de sombrinhão dentro			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Instrumento musical	De percussão	Oval, batido com a mão, feito de cabaça com sementes de sombrinhão dentro		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO: Instrumento musical de percussão, oval, batido com a mão, feito de cabaça e com sementes de sombrinhão dentro.					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusivas					

Elaborado pela autora.

Quadro 26- Vocábulo-termo *Médium encostado*

1 VOCÁBULO-TERMO: Médium encostado 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [A partir do momento que eu preparo um santo na cabeça dele que não veio daquela outra casa de quando ele saiu de lá, aí ele não está mais encostado na minha casa, ele é filho da casa (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Médium encostado é aquele médium que ele já é preparado no santo ele já vem de outra casa, por algum motivo ele não está mais na casa que ele foi preparado, mas tá em outra, ele apenas está encostado naquela casa, ele não é filho realmente de fato, ele não tem a mão da zeladora (W.A.S., sexo masculino, 05/01/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
	1	2	3	4	5
SEMAS	já é preparado no santo	ele não é preparado naquela casa	ele não tem a mão da zeladora	ele não é filho realmente	ele já vem de outra casa
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Pessoa que foi preparada espiritualmente em outro espaço religioso			
	Metaconceptus	Pessoa que foi preparada espiritualmente em um espaço religioso diferente ao qual frequenta			
	Metametaconceptus	Pessoa preparada espiritualmente em um espaço religioso distinto ao qual frequenta atualmente			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Pessoa	preparada espiritualmente	em um espaço religioso distinto do que frequenta atualmente		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Pessoa preparada espiritualmente em um espaço religioso distinto do que frequenta regularmente.					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusivas					

Elaborado pela autora.

Quadro 27- Vocábulo-termo *Médium tombador*

1 VOCÁBULO-TERMO: Médium tombador 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Quando há confirmação se ele é daquela casa, é o acolhimento do zelador de santo já pra poder cuidar de seu médium, pra que ele não seja um médium tombador , aquele médium que cê vai pro terreiro visitar as casa deles ele quando o santo tá descendo ele tá tombando tacando o rosto na parede, caindo no chão... (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Confirmação	santo tá descendo ele tá tombando	já pra poder cuidar de seu médium		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Quando o médium cai com facilidade.			
	Metaconceptus	Médium que não foi cuidado pelo zelador de santo, que em todos os terreiros em que visita cai, tomba ou bate o rosto na parede quando a entidade desce.			
	Metametaconceptus	Médium não preparado pelo zelador de santo que não controla a sua mediunidade.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata		Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente	
	Pessoa com mediunidade	Que não foi preparado pela liderança Religiosa		cai ao receber o santo e em qualquer lugar	
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Pessoa com mediunidade que não foi preparado pela liderança religiosa, cai ao receber o santo e em qualquer lu					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 28- Vocábulo-termo Obrigação

1 VOCÁBULO-TERMO: Obrigação 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: 1. O ato de obrigar; o fato de estar obrigado a; dever, preceito. 2. O que passou a ser necessário para alguém: usar cinto de segurança agora é uma obrigação.3. O que se deve retribuir; favor, serviço: devo-lhe muitas obrigações. 4. Aquilo que se tem como emprego, incumbência; ofício: a obrigação da Polícia é prender bandidos (Aurélio, <i>online</i>).					
1. Ação ou resultado de obrigar; imposição; ENCARGO; DEVER: 2. Favor, benefício (mais usado no pl.): 3. Serviço, tarefa.4. Jur. Escritura que obriga alguém a pagar dívida ou cumprir contrato. 5. Econ. Título de dívida pública. 6. Jur. M.q. debênture 7. Bras. A família 8. Rel. Nos cultos afro-brasileiros cada um dos preceitos religiosos a serem cumpridos (Aulete, <i>online</i>).					
()Acepção coincidente sob outra denominação	(X)Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [As obrigações é respeitar os dias do santo, tomar os banhos direitinho, ter o momento de se relacionar um com outro se for casado, se não for tem que ser do mesmo jeito. Esses são alguns termos que a pessoa tem que seguir dentro do terecô pra ter força dentro do espiritismo, porque quando o santo está fraco, a matéria também fica fraca (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)] [É ter a concentração (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023)] [É o que eu tava fazendo agora, cuidar das minhas penitências, as minhas obrigações no horário certo, rezar, me reconcentrar, fazer os meus pedidos para os meus guias, para os meus santos, para as minhas entidades, pra minha casa de força pra onde eu faço a minha casa e recebo e faço as minhas orações, é isso (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)] [Obrigação é dar o necessário ao seu santo: rezar, eh... como é que se diz... tomar um banho, preparar a sua cabeça, preparar o seu corpo para receber o seu santo, é assim. Respeito, não xingar dentro da sua própria casa, não odiar o seu próximo, não odiar os seus filhos de santo, não responder mal pra eles que tudo diminui a força. Tanto faz o filho como o pai de santo. Quando o pai de santo se acha prejudicado por uma coisa que o filho de santo faz, aí a gente vai no segredo e manda o guia dar pisa nele. Aí o guia vai pra pedra e aí apanha até não querer mais. Aqui já teve um assim (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Respeitar os dias do santo	banhos	ter o momento de se relacionar um com outro	dar o necessário ao seu santo	concentração
	Não odiar o próximo				
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Respeitar			
	Metaconceptus	Respeitar os dias de santo, tomar banho de ervas, ajudar ao próximo e não ter relação sexual.			
	Metametaconceptus	Respeitar os dias determinados com banhos de ervas, rezas, cuidado com o próximo e abstinência sexual			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Ação	de respeitar os santos religiosos		Por meio de banhos, rezas, respeito ao próximo	

			e abstinência sexual.
6	DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO	Ação de respeitar aos santos religiosos por meio de banhos, rezas, respeito ao próximo e abstinência sexual	
7	OBSERVAÇÃO		

Elaborado pela autora.

Quadro 29- Vocábulo-termo Panha

1 VOCÁBULO-TERMO: Panha 2 CAMPO SEMÂNTICO: Vestuário e Acessório		Outras denominações (X) SIM pano de cabeça, alaka NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Algodão de panheira; paina (Aurélio, <i>online</i>)] [Algodão de panheira; paina. F. mal. Panniv (Aulete, <i>online</i>)].					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X)Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [INQ.- Como se chama aquele material usado para proteger a cabeça? COL.-É uma toalha, né?! Panha que eles chamam (S.S.C., 22/05/2023)]. [pano de cabeça, alacá (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Toalha	Material usado para proteger a cabeça			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Toalha			
	Metaconceptus	Toalha usada para proteger a cabeça dos médiuns			
	Metametaconceptus	Pano usado para proteger a cabeça dos médiuns no culto religioso do terecô.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Touca	Constituído por um longo pedaço de pano	Usado para proteger a cabeça dos médiuns		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Touca constituída por um longo pedaço de pano usado para proteger a cabeça dos médiuns do					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 30- Vocábulo-termo Pátio de barracão

1 VOCÁBULO-TERMO: Pátio do barracão 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [[...] zelar os terreiros do lado de fora, que é chamado de pátio do barracão (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Fora do terreiro	Zelar			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Espaço fora do terreiro			
	Metaconceptus	Espaço fora do terreiro que deve ser zelado			
	Metametaconceptus	Recinto fora do terreiro que deve ser zelado			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Recinto	fora do abrigo onde as entidades dançam	Que deve ser zelado		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Recinto fora do abrigo onde as entidades dançam que deve ser zelado					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusivas					

Elaborado pela autora.

Quadro 31- Vocábulo-termo Perder as forças

1 VOCÁBULO-TERMO: Perder as forças 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: Acepção e denominação exclusivas					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO. [Quando um médium, ele recebe a entidade, ele é do santo, e ele não costuma fazer as obrigações dele direito, ele vai perder as forças (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Perder as forças é quando a pessoa não respeita nem a religião, nem ao seu guia, faz só o que ele não quer, o guia tem que ser cuidado, tem que ter luz no dia certo, a pessoa tem que respeitar, ter o respeito, não ter ato sexual a mulher nova, o homem novo, não ter sexo no dia, tem que respeitar o dia do santo, tá vendo?! Porque se fizer sexo, se menstruar, pegar a sua roupa, vestir, fingir que tá com encantado e dançar, tá vendo?! Aquela pessoa, ele... a mediunidade dele vai embora. Porque tem gente que é tão obcecado pela mediunidade que ele é um médium, tá, tá certo! Que quando é em uma festa grande pra aparecer vestir aquela roupa bonita, ele... ela fica menstruada, mas veste. Aí, os outros encantados descobrem (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)]. [Perder a força é quando o teu santo ele já não vem mais, quando vem não tem força pra trabalhar é aquele santo que só vem pra beber é só pra farriar digamos isso, ele não tem força o suficiente pra fazer nenhum tipo de serviço (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	fazer as obrigações dele direito	Não respeita a religião, nem o guia	não tem a força	teu santo ele já não vem mais	
	não tem força	tem que ter luz no dia certo	não ter ato sexual		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Quando o médium não tem mais força			
	Metaconceptus	Médium que não respeitou os dias de abstinência sexual, faz só o que quer, não acende luz nos dias do santo tem força para receber o santo			
	Metametaconceptus	Médium que não respeita os preceitos religiosos e os guias se afastam.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Tornar-se enfranquecido	devido à falta de respeito aos preceitos	religiosos por parte do médium, resultando no afastamento dos guias espirituais. .		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Tornar-se enfraquecido devido à falta de respeito aos preceitos religiosos por parte do médium, resultando no					

afastamento dos guias espirituais. .
7 OBSERVAÇÃO

Elaborado pela autora.

Quadro 32- Vocábulo-termo Pife

1 VOCÁBULO-TERMO: Pife 2 CAMPO SEMÂNTICO: Instrumento musical		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Pife é uma taboca, um bambu, só que ela é mais fina, que tem o bambu assim que eh o... bem dividido e nessa espessura aqui ela dá que nem uma flauta (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023). [Hoje em dia ele é feito de cano, mas antigamente era feito de taboca. Hoje em dia, ainda tem quem use taboca, mas antigamente era feito de taboca (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Taboca	Bambu	Fina	Flauta	Cano
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Flauta transversal feita de bambu ou cano.			
	Metaconceptus	Flauta transversal feita de bambu ou cano tocada no terecô.			
	Metametaconceptus	Instrumento de sopro, tocado de forma transversal feito de bambu ou cano.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Instrumento	musical de sopro feito de bambu ou cano e	tocado de forma transversal		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Instrumento musical de sopro feito de bambu ou cano e tocado de forma transversal.					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusivas					

Elaborado pela autora

Quadro 33- Vocábulo-termo Primeiro Guia

1 VOCÁBULO-TERMO: Primeiro guia 2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e comportamento social		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: Acepção e denominação exclusivas					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Primeira pessoa da mãe de santo (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Primeira pessoa da mãe de santo				
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Pessoa de confiança da mãe de santo			
	Metaconceptus	Pessoa de confiança do/a líder religioso/a, segunda autoridade após o/a pai/mãe de santo.			
	Metametaconceptus	Autoridade religiosa após o/a líder religioso/a.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata		Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente	
	Sacerdotisa ou sacerdote	que conduz o espaço religioso do terecô		Após zelador/a de santo	
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Sacerdotisa ou sacerdote que conduz o espaço religioso do terecô após o/a pai/mãe de santo.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 34- Vocábulo-termo Quarto de santo

1 VOCÁBULO-TERMO: Quarto de santo 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações (X) SIM Roncó, quartinho de segredo, quarto religioso, congá/gongá, pejê/pejí, casa, quarto da obrigação, recentro NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Tem, os quartos de segredo. Gongá. (W.A.S, sexo masculino, 01/05/2023)] [O congá é um ponto de adoração a um invisível. Lá, só pode entrar somente o pai ou a mãe de santo ou a primeira guia da casa e quem for credenciado por ela (S.S.C., sexo masculino, 22/05/2023)]. [Uns chamam roncó , outros chamam pejí (M.J.D.C., sexo feminino, 22/04/2023)]. [Tem, o quartinho (D.N.M.A., sexo feminino, 22/04/2023)]. [No linguajar popular das pessoas é quarto de santo , mas aonde eu aprendi, aonde eu fui buscar a minha experiência eh... não era assim. Era chamado de pejê já tá dizendo é um quarto de segredo , onde só eu posso entrar e as pessoas determinadas. Em nenhum momento, ou que seja o filho de santo, ou que seja um amigo, ou que seja um parente vai entrar naquele quarto sem permissão. Por quê? Ele não sabe como eu deixei as obrigações naquele momento naquele quarto, então, não entrar sem a permissão é até mesmo para a segurança dele (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Quarto de santo, quarto das obrigação (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)]. [Se chama recentro , outros chama congá , outro chama quarto de santo, quarto religioso (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Ponto de adoração a um invisível	só pode entrar somente o pai ou a mãe de santo ou a primeira guia da casa e quem for credenciado por ela	Segredo		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Quarto			
	Metaconceptus	Espaço de adoração dos terecozeiros onde são guardados os segredos religiosos de cada terreiro que Somente pessoas autorizadas podem entrar.			
	Metametaconceptus	Espaço de adoração dos terecozeiros onde são guardados os segredos religiosos de cada terreiro e que somente os líderes religiosos e as pessoas autorizadas por ele podem entrar.			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Cômodo	do espaço religioso	onde são guardados os segredos e que somente o líder religioso e pessoas autorizadas por ele podem entrar.		

6	DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO	Cômodo do espaço religioso onde são guardados os segredos e que somente o líder religioso e pessoas autorizadas por ele podem entrar.	
7	OBSERVAÇÃO	Acepção e denominação exclusivas	

Elaborado pela autora.

Quadro 35- Vocábulo-termo Quebra-bucho

1 VOCÁBULO-TERMO: Quebra-bucho 2 CAMPO SEMÂNTICO: Comida e bebida		Outras denominações (X) SIM Bicho doce NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
(X)Acepção coincidente sob outra denominação Refrigerante	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [O refrigerante algumas entidades chamam de quebra-bucho , porque só enche né?! Não tem reação de álcool não tem nada aí por esse motivo eles chamam de quebra bucho ou bicho doce (A.J.P.F., sexo masculino, 08/09/2023)]					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Enche o bucho	Não é alcoólico			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Bebida não alcoólica			
	Metaconceptus	Bebida não alcoólica que enche o bucho dos médiuns quando estão incorporados pelas entidades espirituais.			
	Metametaconceptus	Bebida não alcoólica doce e gaseificada que enche a barriga dos médiuns.			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Bebida	não alcoólica	de sabor adocicado, gaseificada e dada para encher o bucho dos médiuns quando estão incorporados.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Bebida não alcoólica de sabor adocicado, gaseificada e dada para encher o bucho dos médiuns quando estão incorporados.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 36- Vocábulo termo Salão Nobre

1 VOCÁBULO-TERMO: Salão nobre 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [...] Aonde eu fui preparado, porque eu sou filho de santo do velho Bitá Barão fui preparado lá, dancei dez anos na casa dele. Como eu fui preparado lá, a casa de santo da casa dele por ser uma casa de tambor, ser uma casa de princesa que é de dona Isaurina, que a dona do terreiro, aí ela não costuma usar forquilha, chama de salão nobre é onde vai fazer as obrigações de princesa. E aqui na minha casa é do mesmo jeito, é casa de dona Mariana. Por esse fundamento que foi escolhido desse jeito, não tem guna no nosso barracão. É o salão nobre . (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Não tem guna	Obrigações de princesa	Fundamento	Não costuma usar forquilha	
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Não costuma usar forquilha			
	Metaconceptus	Não tem guna pelo fundamento de não a usar em salão de princesa			
	Metametaconceptus	Salão de terecô chefiado por princesas em que não é utilizada a guna por causa fundamentos aprendidos.			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Espaço religioso regido por princesa	para dançar terecô	sem o uso da guna		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO: Espaço religioso regido por princesa para dançar terecô sem o uso da guna.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 37- Vocábulo-termo Salão

1 VOCÁBULO-TERMO: Salão 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações (X) SIM Tenda, terreiro, centro espiritual, igreja, casa, axé do candomblé NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Sala grande da casa destinada à recepção de visitas, a bailes e outras grandes reuniões. Local para tratamentos de beleza (corte de cabelo, manicure, massagens etc.): salão de cabeleireiro, de beleza. Galeria onde são expostas obras de arte: salão de pintura. Exposição anual de uma indústria: salão do automóvel. Estabelecimento comercial com diversas finalidades: salão de jogos, de bilhar. Nome dado a certas casas de comércio: salão de chá. Reunião de pessoas que fazem parte de um estrato social (intelectuais, professores, parlamentares, músicos, artistas etc.) (Aurélio, <i>online</i>)]					
[1. Sala muito grande 2. Sala grande destinada a reuniões e recepções sociais 3. Bras. Barbearia ou cabeleireiro (salão de beleza): Foi ao salão cortar o cabelo 4. Exposição periódica, ger. de grande porte, de novos produtos, ou das novidades de uma determinada área cultural, econômica, científica ou tecnológica, ou ainda de obras de artes etc. 5. Reunião de pessoas de sociedade, de gente do meio artístico, personalidades famosas etc. 6. Estabelecimento comercial, ger. de grande dimensão, para determinada finalidade (salão de bilhar) (Aulete, <i>online</i>).]					
(X)Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Eh aqui no Codó as pessoas costumam chamar de várias formas: terreiro, centro espiritual, tenda, salão , eh... casa, igreja . Igreja de São Francisco é a mesma coisa de um terreiro . O mais popular no linguajar da gente do terecô é salão, terreiro ou tenda (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Uns chamam tenda (M.S., 21/03/2023)] [Terreiro INQ.- Tem outro nome? COL.- Tendas espirituais (S.S.C., 22/05/2023)]. [Se chama salão, centro espírita. Salão . Porque o centro espírita é do lado de lá, como eu tava agora, é meu centro de obrigação, meu centro religioso, é onde eu recebo as minhas entidades e faço as minhas obrigações (D.S., sexo masculino, 08/09/2023)]. [Chama barracão , chama salão , tem vez que chama salão (M.J.D.C., sexo feminino, 22/03/2023)]. [Barracão, terreiro, axé do candomblé (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)]. [Salão. Terreiro, salão, casa de santo (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
	1	2	3	4	5
SEMAS	recebo as minhas entidades	Espaço religioso	obrigações	dançam	
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Sala grande. Lugar religioso que as pessoas dançam			
	Metaconceptus	Lugar religioso em que as pessoas dançam, recebem as entidades e fazem as suas obrigações			
	Metametaconceptus	Espaço religioso em que as pessoas dançam, recebem as entidades e fazem as suas obrigações			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Espaço	Religioso	em que as pessoas dançam, recebem as entidades e fazem as suas obrigações		

6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Espaço religioso em que as pessoas dançam, recebem as entidades e fazem as suas obrigações
--

7 OBSERVAÇÃO

Elaborado pela autora.

Quadro 38- Vocábulo-termo Sangue-de-cristo

1 VOCÁBULO-TERMO: Sangue-de-cristo 2 CAMPO SEMÂNTICO: Comida e bebida		Outras denominações (X) SIM Bebida doce NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Espécie de rôla (Aurélio, <i>online</i>)] [(Bras., Norte) espécie de rola (Aulete, <i>online</i>).					
(X) Acepção coincidente sob outra denominação Vinho	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X) Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [INQ.- E como se chama a bebida alcoólica feita de uva? COL.- Sangue de Cristo ...tem vários nomes...Sangue de Cristo... bebida doce , depende (W.A.S., sexo masculino, 01/05/2023)]					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Bebida alcoólica	Feita de uva			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Rôla. Bebida alcoólica feita de uva.			
	Metaconceptus	Bebida alcoólica feita de uva			
	Metametaconceptus	Denominação atribuída a bebida alcoólica feita de uva			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Bebida	alcoólica	feita de uva.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Bebida alcoólica feita de uva					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 39- Vocábulo-termo Sororoca

1 VOCÁBULO-TERMO: Sororoca 2 CAMPO SEMÂNTICO: Instrumento musica		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Murmúrio do moribundo, estertor. Peixe marinho, semelhante à cavala, da família dos escombrídeos. [Brasil: Nordeste] Onça pintada (Aurélio, <i>online</i>) [1. Emissão de voz ou ruído produzido pelo moribundo; ESTERTOR 2. Zool. Peixe teleósteo, perciforme, da fam. dos escombrídeos (<i>Scomberomus maculatus</i>), do Atlântico, com cerca de 70cm de comprimento, dorso azulado, ventre prateado e nódoas laterais douradas. Nada em cardumes pequenos e é pescado com rede, espinhel e corrico; a carne é de boa qualidade; CAVALA-PINTADA; ESCALDA-DO-MAR; SARDA; SERRAPINTINA (Aulete, <i>online</i>)]					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	(X)Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [A partir do momento que eu tiro ela de lá e coloco as sororocas dentro [do maracá], que a gente coloca a sororoca , que é tipo umas pedrinhas para poder dar o som. INQ.- Essa sororoca tu achas aonde? COL.- Ela é uma planta, viu?! Eh... ela é uma semente de uma planta (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Tipo de pedrinha	semente de uma planta	Pra poder dá o som		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Semente de uma planta			
	Metaconceptus	Semente de uma planta que é colocada dentro do maracá			
	Metametaconceptus	Semente de uma planta que é colocada dentro do maracá para dar sonoridade			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Semente	de uma planta	colocada dentro do maracá para dar sonoridade		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Semente de uma planta que é colocada dentro do maracá para dar sonoridade					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora

Quadro 40- Vocábulo-termo Tambor da mata

1 VOCÁBULO-TERMO: Tambor da mata 2 CAMPO SEMÂNTICO: Instrumento musical		Outras denominações (X) SIM Tambor grande NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [O do terecô é aquele em que o tambozeiro que é o abatazeiro costuma bater ele escanchado em cima dele, bota ele nas pernas e vai bater, que é o tambor grande, tambor da mata (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Escanchado em cima dele	Bater	Bota nas pernas		
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Tambor			
	Metaconceptus	Tambor do terecô em que os homens o colocam escanchado nas pernas.			
	Metametaconceptus	Tambor grande em que o tambozeiro coloca entre as pernas e bate.			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Instrumento musical	de madeira com cobertura de couro	em que uma pessoa o coloca entre as pernas e o bate		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Instrumento musical de madeira com cobertura de couro em que uma pessoa o coloca entre as pernas e o bate					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 41- Vocábulo-termo Terecô

1 VOCÁBULO-TERMO: Terecô 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações (X) SIM Tambor da mata NÃO ()			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
() Acepção coincidente sob outra denominação	() Acepção parcialmente coincidente	() Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	() Acepção diferente	() Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [Terecô pra mim é uma religião, tipo assim, pros encantados dançar e se divertir, pra mim é uma festa, uma festa, porque cada pessoa que tem um terreiro, ele tem um santo que ele tem aquele terreiro e vai pagar uns três, uns outros nove uma festa pros encantados, tipo um aniversário e é uma festa (M.N.N., sexo feminino, 06/09/2023)]. [É a nossa religião afro-brasileira, ou melhor, afro-codoense (D.N.M.A., sexo feminino, 22/04/2023)] [Pra mim o terecô é um compromisso mais que sério, porque depende de dedicação, depende de experiência (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Religião	Para Encantados dançar e se divertir	religião afro-brasileira, ou melhor, afro-codoense	Compromisso	
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Religião			
	Metaconceptus	Religião afro-brasileira que faz festa em homenagem aos encantados e requer compromisso dos terecozeiros.			
	Metametaconceptus	Religião afro-brasileira em que os cultos são festas em homenagem aos encantados e exige dos praticantes compromisso			
	Gênero próximo	Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Religião	afro-brasileira	que consiste no culto aos encantados, na preservação dos mistérios religiosos e no compromisso dos praticantes		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Religião afro-brasileira que consiste no culto aos encantados, na preservação dos mistérios religiosos e no compromisso dos praticantes com os dogmas religiosos.					
7 OBSERVAÇÃO Acepção e denominação exclusivas					

Elaborado pela autora

Quadro 42- Vocábulo-termo Vista limpa

1 VOCÁBULO-TERMO: Vista limpa 2 CAMPO SEMÂNTICO: Ancestralidade, mediunidade e entidades religiosas		Outras denominações () SIM NÃO (X)			
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO:					
()Acepção coincidente sob outra denominação	()Acepção parcialmente coincidente	()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	()Acepção diferente	(X) Acepção e denominação exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [É a clarivisão, a vidência. Era um traço muito comum dos terecozeiros antigos, a gente ouvia falar, né. Aí tem gente que decifra sonho, tem gente que bota carta. Não é o búzios em si, mas joga pedrinhas também, vários tipos de tecnologias, manipulações das energias (D.N.M.A, 22/07/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Clarivisão	Vidência			
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus	Clarivisão, vidência			
	Metaconceptus	Tipo de mediunidade em que a pessoa olha os seres espirituais			
	Metametaconceptus	Espécie de mediunidade em que a pessoa consegue enxergar os seres espirituais			
	Gênero próximo	Características intrínseca: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente		
	Capacidade	espiritual	que permite ao médium visualizar seres espirituais.		
6 DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO Capacidade espiritual que permite ao médium visualizar seres espirituais.					
7 OBSERVAÇÃO					

Elaborado pela autora.

Quadro 43- Vocábulo-termo Zelador de santo

1 VOCÁBULO-TERMO: Zelador		2 CAMPO SEMÂNTICO: Convívio e		Outras denominações (X) SIM Pai-de -santo NÃO ()	
3 CONCEPTUS DICIONARIZADO: [Indivíduo que zela, cuidando ou vigiando alguma coisa. Porteiro de edifício de apartamentos ou de escritórios; concierge. Responsável por fazer a fiscalização de algum lugar, prédio, estabelecimento ou serviço. [Religião] Gestor de confraria ou organizações religiosas que prestam assistências ou fazem caridade (Aurélio, <i>online</i>) [1. Bras. Empregado responsável pela supervisão, limpeza e conservação de um prédio. 2. Pessoa encarregada de cuidar de algum lugar ou de algum serviço. 3. Administrador de congregação assistencial ou religiosa. 4. Bras. Rel. Nos candomblés baianos, pai de santo. 5. Lus. Funcionário que deve fiscalizar a realização ou o cumprimento das leis municipais. 6. Ant. Ver zelote .a. 7. Que toma conta, que zela, que vigia; ZELANTE [F.: Do lat. zelator, oris. Ideia de: zel(o)-.]]					
()Acepção coincidente sob outra denominação		(X)Acepção parcialmente coincidente		()Acepção parcialmente coincidente sob outra denominação	
()Acepção diferente		()Acepção diferente		()Acepção e exclusivas	
4 CONTEXTOS DE USO [A minha função dentro do terreiro é zelar tanto o terreiro como zelar os voduns e as pessoas, né?! Porque na verdade eu não sou pai-de-santo. Não existe pai-de-santo, não existe mãe-de-santo, nós somos zeladores espirituais, porque nos zela vundunso, nos zela encantado, nos prepara as pessoas. A questão de pai-de-santo é porque é popular de chamar, né?! Nós não somos pai-de-santo, pai-de-santo é Deus, somos zeladores espirituais (A.J.P.F., sexo masculino, 06/09/2023)]. [Pela lógica é zelador, porque a gente tá zelando, que santo não tem pai, então, se chama zelador [...]]A palavra correta é zelador , porque santo não tem pai. É porque a gente acostumou a chamar pai-de-santo, mãe-de-santo, mas isso santo não tem pai. Santo não tem pai, santo tem o zelador (D.S., 08/09/2023)].					
5 ANÁLISE SEMÂNTICO-CONCEPTUAL					
SEMAS	1	2	3	4	5
	Zelar o terreiro	zela vundunso	zelar os voduns e as pessoas	nos prepara as pessoas	zela encantado
NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Conceptus		Indivíduo que zela. Administrador. Aquele que zela pela tenda e pelos filhos de santo		
	Metaconceptus		Aquele que cuida da tenda espiritual, das entidades religiosas e dos filhos de santo		
	Metametaconceptus		Pessoa responsável por cuidar da espiritualidade das pessoas, das entidades e zelar pela tenda		
	Gênero próximo		Características intrínsecas: natureza, material ou tema de que trata	Características extrínsecas: função ou modo de operação, origem, destino e referente	
	Pessoa		Responsável	por cuidar da espiritualidade das pessoas,	

		das entidades religiosas e pela tenda
6	DEFINIÇÃO DO VOCÁBULO-TERMO	Pessoa responsável por cuidar da espiritualidade das pessoas, das entidades religiosas e da tenda.
7	OBSERVAÇÃO	

Elaborado pela autora.